

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA - UFPB

CENTRO DE HUMANIDADES

MESTRADO EM SOCIOLOGIA RURAL

A ENTREVISTA SOCIOLÓGICA: UM DIÁLOGO POSSÍVEL

Uma abordagem da Entrevista como conversação

ROBERTO DA SILVA RIBEIRO

CAMPINA GRANDE - MARÇO DE 1996.

A ENTREVISTA SOCIOLOGICA: UM DIÁLOGO POSSÍVEL

Uma abordagem da entrevista como conversação

Roberto da Silva Ribeiro

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em
Sociologia da Universidade Federal da
Paraíba como exigência para a obtenção
do título de Mestre em Sociologia.

Área de Concentração: SOCIOLOGIA RURAL

Orientadora: Dra. Maria do Socorro Oliveira

Campina Grande, Março de 1996.



R484e Ribeiro, Roberto da Silva.
A entrevista sociológica : um diálogo possível : uma abordagem da entrevista como conversação / Roberto da Silva Ribeiro. - Campina Grande, 1996.
138 f.

Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal da Paraíba, Centro de Humanidades, 1996.
Referências.
"Orientação : Prof^ª. Dr^ª. Maria do Socorro Oliveira".

1. Sociologia - Entrevista. 2. Entrevistas Sociológicas. 3. Entrevista - Método de Pesquisa. 4. Dissertação - Sociologia. I. Oliveira, Maria do Socorro. II. Universidade Federal da Paraíba - Campina Grande (PB). III. Título

CDU 316:303.62(043)

A ENTREVISTA SOCIOLOGICA: UM DIÁLOGO POSSÍVEL

Uma abordagem da entrevista como conversação

Roberto da Silva Ribeiro

Dissertação apresentada em: ___/___/___

BANCA EXAMINADORA:

Dra. Maria do Socorro Oliveira

Dr. Eric René Jean Durousset

Dr. Luís Francisco Dias

Este trabalho foi realizado enquanto o autor era bolsista, em nível de mestrado,
CNPQ

*Dedico este trabalho à minha
esposa Iracira José da Costa
Ribeiro.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, à minha orientadora, doutora Maria do Socorro Oliveira, sem a qual não seria possível a elaboração desta dissertação, não só pela sua dedicação nas atividades normais de orientação, mas também por ter aberto sua biblioteca, o que é inestimável diante da penúria bibliográfica de nossa biblioteca setorial. Outrossim, devo louvar-lhe sua objetividade e humildade científica que me permitiram trabalhar com liberdade e imprimir ao trabalho um ritmo adequado, sem excessiva interferência, nem cercamento intelectual.

Agradeço também à professora doutora Maria Auxiliadora Bezerra pela sua orientação durante as primeiras fases de elaboração do projeto de pesquisa, especialmente no que tange à delimitação do tema. Agradeço-lhe também a ajuda na elaboração da bibliografia inicial do projeto e pelo empréstimo de valioso material bibliográfico.

Agradeço ao professor doutor Eric René Juan du Rosset que sugeriu a inclusão do segundo capítulo desta dissertação, além de ter proposto várias modificações na introdução e na conclusão, propostas estas que nos foram muito úteis.

Devo também agradecer pela cessão de livros e por esclarecimentos prestados sobre tópicos específicos ao professor doutor Luiz Francisco Dias, ao professor mestre Marcos Wagner da Costa Agra e ao professor Ivandro da Costa Sales.

Merece também meu especial agradecimento a professora doutora Ghislaine Duqué, coordenadora do curso de Sociologia Rural da UFPB, pela maneira como se empenhou para facilitar a nossa tarefa, quer na liberação de verbas, quer nos contatos com pessoas que nos poderiam ser úteis de alguma maneira.

Agradeço de uma maneira toda especial aos colegas que cederam suas entrevistas para análise e cujos nomes sou obrigado a calar por motivos éticos e metodológicos, mas a quem, particularmente, serei eternamente grato e a quem espero, um dia, poder retribuir o inestimável favor

gostaria, agora, de reservar um espaço especial para agradecer à minha equipe de auxiliares. Agradeço a licenciada Valdênia Guimarães pela valiosa contribuição transcrevendo as entrevistas, permitindo assim uma economia de tempo inestimável. Também quero lembrar a bacharela Ana Maria Dantas Pires responsável pelo projeto gráfico e pela revisão ortográfica deste trabalho e a estudante Elaine Guinevere de Melo pelo auxílio com as traduções do inglês e pela versão do abstract.

Finalmente, gostaria de deixar registrada minha gratidão aos demais professores do mestrado em Sociologia rural da UFPB assim como aos funcionários desta instituição, em especial aos que trabalham diretamente com este mestrado.

ÍNDICE

1 - Introdução	1
1.1 - Colocação do problema	1
1.2 - Pressupostos teóricos	2
1.3 - Prescrição Sumária do Corpus	5
1.4 - Metodologia	6
1.4.1 - Sistema de transcrição	8
1.4.2 - Análise	11
1.5 - Outras considerações	12
2- Proposta para uma abordagem conversacional das entrevistas	13
2.1 - evolução das entrevistas nas ciências sociais	14
2.1.1 - A Entrevista pouco estruturada	14
2.1.2 - A Entrevista muito estruturada	16
2.1.3 - A Entrevista sem estrutura	20
2.1.4 - Fatores extrínsecos	22
2.1.4.1 - Fatores tecnológicos	22
2.1.4.2 - Fatores epistemológicos	23
2.2 - A entrevista como conversação	25
2.2.1 - Características gerais da conversação	27
2.2.1.1 - Alternância de papéis	28
2.2.1.2 - Ausência de predeterminação do turno	29
2.2.1.3 - Interação entre pelo menos dois falantes	30
2.2.1.4 - Presença de uma seqüência de ações coordenadas	30
2.2.1.5 - Execução numa identidade temporal	31
2.2.1.6 - Envolvimento numa "ação centrada"	32
2.3 - Sinopse da origem e situação atual da Análise da conversação	33
3 - As Formas do enunciado	39
3.1 - esquemas de participação	40
3.1.1 - O Entrevistador abre a entrevista	41
3.1.2.- O Entrevistador distribui a seqüência de fala	44
3.1.3 - O Entrevistador delimita o tema	45
3.1.4 - O Entrevistador retoma o andamento da entrevista quando há uma digressão	47
3.1.5 - O Entrevistador conclui a interação	48
3.1.6 - Outras "atribuições" do entrevistador	52

3.2 - A Seqüência dos turnos	54
3.2.1 - O turno	54
3.2.2 - Tomada de turno	55
3.2.3 - Falas simultâneas	58
3.2.4 - Sobreposição de vozes	62
3.2.5 - Organizadores locais	71
3.2.5.1 - Hesitações	72
3.2.5.1.1 - A Hesitação enquanto mecanismo de organização e planejamento interno do turno	74
3.2.5.1.2 - A Hesitação enquanto convite ao interlocutor	77
3.2.5.2 - Silêncios	79
3.2.5.2.1 - Silêncio como negação veemente	79
3.2.5.2.2 - Silêncio como aceitação tácita	83
3.2.5.2.3 - Silêncio como pausa de replanejamento	85
3.2.5.2.4 - Silêncio como índice de desentendimento	86
3.2.5.3 - Elementos paralingüísticos	88
3.2.5.3.1 - Riso de mitigação	89
3.2.5.3.2 - Riso de hesitação	91
3.2.5.3.3 - Riso de reforço	92
3.2.5.3.4 - Riso de escusa	93
3.2.5.4 - Correções	95
3.2.6 - Perguntas e respostas	98
3.2.7 - Narrativas	102
3.2.7.1 - Narrativas metodicamente iniciadas	102
3.2.7.1 - Narrativas abruptas	104
3.2.7.2 - Narrativa como subversão da estrutura de participação	108
4 - A estruturação tópica	113
4.1 - A organização tópica	115
4.1.1 - Tópico centrado e tópico associado	116
4.1.2 - Continuidade e discontinuidades tópicas	124
4.1.2.1 - Abertura da entrevista	126
4.1.2.2 - Reintrodução tópica	131
5 - Conclusão	134
5.1 - Sugestões para trabalhos posteriores	137

RESUMO

A presente dissertação tem como tema uma proposta de abordagem da entrevista como conversação. Seu objetivo é propor uma metodologia mais racional para análise de entrevistas realizadas com fito de formação de banco de dados para pesquisas em Ciências Sociais. Para isto propõe que estas entrevistas sejam abordadas como o produto de uma interação social, tomando-se em consideração o jogo de forças sociais que as perpassam e demonstrando que a entrevista não pode ser encarada como uma técnica neutra, um mero instrumento de coleta de dados, mas sim um espaço de negociação e conflito, devendo assim ser analisada.

Para tanto, analisaram-se entrevistas abertas realizadas por mestrandos do programa de pós-graduação em Sociologia Rural oferecido pela UFPB seguindo os pressupostos da Etnomedologia da Fala e da Análise da Conversação.

ABSTRACT

The present dissertation has as a theme a proposal of approaching interview as a form of conversation. The objective of this is to propose a more rational methodology for analysing interviews that aims to form a bank of data for researches in social sciences. In this sense, it proposes that these interviews should be approached as the product of a social interaction, taking into account the set of social forces that underline them and showing that the interview cannot be faced as a neutral technique, amere instrument of data collection, but as a way of negotiation and conflict, to be analysed as such.

Therefore, open-interviews realised by M.A. students of the post-graduation program in rural sociology given by UFPB were analysed following the theoreticall background of the etnometodology and analysis of conversation.

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO

1.1 - Colocação do Problema

A presente dissertação tem como tema a organização seqüencial e tópica de entrevistas cujas falas são compartilhadas ou co-produzidas por sociólogos e seus informantes e tem por objeto de estudo atos de fala em formato “entrevista”, analisados sob a ótica da Etnometodologia, implicando numa proposta de abordagem da entrevista como conversação.

Nas abordagens tradicionais sobre entrevistas, os pequenos mal-entendidos que surgem durante a produção destas, assim como outros pequenos problemas como hesitações, silêncios, divagações, etc. são tidos como perturbações a serem superadas pelo entrevistador. A grande maioria dos manuais de pesquisa de campo aconselha que se limpem as transcrições das entrevistas dos chamados elementos “perturbadores”, antes de ser iniciada a análise dos dados propriamente ditos.

Normalmente, tais problemas são tidos como evitáveis, sendo sua alta frequência devida à inexperiência do entrevistador ou à má-vontade do entrevistado, podendo ser este último problema contornado por um pesquisador bem preparado. Também, nas análises tradicionais de entrevistas, pouca ou nenhuma importância é dada à fala do entrevistador, sendo esta negligenciada na transcrição, que ignora elementos indiciais típicos da fala, relevantes para a interpretação da mensagem que está sendo veiculada.

Pretendemos, neste estudo, enfatizar que, tanto os elementos indicativos de perturbações na comunicação, quanto a fala do inquiridor são elementos riquíssimos para o analista e não apenas escolhidos a serem “higienizados” ainda na fase da transcrição.

1.2 - Pressupostos Teóricos

A comunicação verbal é um fato que transcende o puramente lingüístico e se constitui num ponto fulcral das relações sociais, não escapando da influência da organização geral da sociedade, nem de seus interesses econômicos e políticos. Muito pelo contrário, já que se trata do principal instrumento que permite a relação entre os indivíduos, sendo o principal veículo da ideologia, seu estudo deve ser feito sempre considerando o contexto social onde ocorre. O que significa que a comunicação verbal não

deve ser desconsiderada quando se pretende estudar a sociedade e a ideologia, pois exerce um papel importante e essencial nas relações sociais (BAKHTIN, 1979)

Toda interação verbal envolve um confronto de valores entre os falantes. este confronto pode-se manifestar sob a forma de acordo ou desacordo, resistência ou colaboração entre as partes, refletindo a organização social em que estes estão inseridos (SIGNORINI, 1991: 127).

Isto posto, a comunicação deve ser vista como uma atividade social que exige esforços coordenados dos indivíduos e que requer conhecimentos e habilidades que vão além da competência gramatical (GUMPERZ, 1982).

Assim sendo a construção do sentido do ato de fala depende da intersubjetividade dos saberes por parte dos indivíduos em contato, que devem fazer juízo sobre o saber do outro, criando assim um “filtro construtor de sentidos”, sendo mais ou menos explícito, construindo ou interpretando o ato de fala desta ou daquela maneira, segundo o que imagina do saber do outro (Cf CHARANDEAU, 1983: 22-24).

Já que a construção destes juízos depende dos conhecimentos partilhados e da comunhão de vivências, perturbações na compreensão serão

freqüentes em interações assimétricas, sobretudo quando os participantes são parceiros eventuais ou representantes de grupos sociais diversos (Cf SIGNORINI, 1992).

Entretanto, não se deve atribuir estas perturbações à variáveis de ordem superficial como, por exemplo, à pronúncia ou à organização sintática, ao menos quando se trata de interações de membros de uma mesma cultura, apesar da diferença dos índices de escolarização ou de origem sócio-econômica (Cf ORLANDI, GUIMARÃES et TARALLO, 1989). As perturbações no processo comunicativo não são acidentais, mas provém de maneiras diferentes de ver o mundo (Cf PÊCHEUX, 1988).

Por isto, deve o analista preocupar-se mais com a natureza e a qualidade dos conhecimentos que estão sendo partilhados do que com a estrutura presente na interação, embora não se deva desconsiderá-la. No entender de Marcuschi (1986:6), deve-se partir da organização conversacional não para ficar nela, mas para chegar aos processos cooperativos presentes na atividade comunicativa, partindo da “organização para a interpretação”.

1.3 - Descrição Sumária do Corpus

O corpus deste trabalho se constitui de cinco entrevistas gravadas em fita cassete durante o primeiro semestre de 1994 nas localidades de Brejo do Cruz e Bananeiras, sendo a primeira localizada na microrregião de Catolé do Rocha (89, IBGE) e a segunda na microrregião do Brejo Paraibano (98, IBGE), ambas no Estado da Paraíba.

As gravações foram realizadas por mestrandos do curso de Sociologia Rural oferecido pela Universidade Federal da Paraíba, com vistas à formação de um banco de dados para suas respectivas dissertações de mestrado. Tais entrevistas foram cedidas voluntariamente pelos pesquisadores após a defesa e aprovação de suas dissertações. Assim sendo, não houve durante a sua realização nenhum controle ou orientação com vistas à reutilização das entrevista neste trabalho.

No papel de entrevistados, participaram pequenos produtores rurais e moradores das redondezas das cidades visitadas. A variável considerada foi o grau de letramento, sendo todos os informantes deste grupo “iletrados” ou “semiletrados”.

A consideração do grau de letramento foi devida à sugestão de Signorini (1991, 1992) segundo a qual quanto maior a diferença de letramento entre os interlocutores, mais notável a dificuldade de comunicação entre eles. Assim sendo, tomamos como pressuposto que índices de desentendimento e problemas de comunicação seriam mais facilmente detectáveis quando da entrevista participassem representantes de grupos extremos em termos de escolarização, isto é, de um lado pós-graduandos e de outro pessoas praticamente sem educação formal..

Dentre as cinco entrevistas analisadas, há dois grupos (de entrevistas), um em que o discurso é compartilhado por homens (homem falando para homem) e outro em que os atos da fala são trocados por mulheres (mulher falando para mulher). O primeiro grupo trata da difusão da apicultura no Brejo Paraibano e a segunda tematiza a construção da identidade da mulher sertaneja através do trabalho.

1-4 - Metodologia

O primeiro passo para o estabelecimento do corpus foi solicitar a pesquisadores ligados aos mestrados de Sociologia Rural e Economia Rural, quer professores, quer alunos, que nos cedessem gravações de entrevistas por eles realizadas no curso de suas investigações. Nesta fase, encontramos bastante resistência de alguns pesquisadores neste sentido, mesmo

esclarecendo o objetivo de nosso trabalho e encarecendo que manteríamos o sigilo que prescreve a ética. Apenas três pessoas se dispuseram a nos ajudar franqueando suas entrevistas.

Infelizmente, não pudemos aproveitar as entrevistas oferecidas por uma destas pessoas por se tratar de um indivíduo de origem estrangeira, o que poderia interferir na homogeneidade da amostra, além de que se tratavam de entrevistas fora da Paraíba e realizadas em anos muito anteriores às outras.

A seguir, as entrevistas foram escolhidas observando o grau de letramento do entrevistado, pois, como já discutimos, seria onde haveria mais chances de serem verificados problemas de compreensão e nos quais se poderia mais facilmente identificá-los.

Feito isto, as fitas foram transcritas segundo critérios apontados por Sacks, Schegloff e Jefferson (1974), com modificações sugeridas por Marcuschi (1986 e 1992). apresentamos a seguir as características desta transcrição.

1.4.1 - Sistema de Transcrição

O sistema de transcrição adotado é “eminente ortográfico, seguindo a escrita padrão” (MARCUSCHI, 1986: 9) com notação de pronúncias diferentes da padrão (né, tá, trabaio) quando notáveis ou realmente divergentes. Assim sendo, palavras como “mas”, “nós”, “enxada”, se grafam desta maneira, embora a pronúncia seja “mais”, “nóis”, “inxada”, pois esta é a pronúncia geral mesmo entre pessoas cultas e em situações formais. Por este mesmo motivo, as vogais “o” e “e” finais quando representam as reduzidas /w/ e /j/ em finais de palavra ou monossílabos átonos foram mantidas, assim como o “l” para representar a semivogal /w/ e o “r” final das palavras mesmo quando não pronunciado, especialmente nas desinências verbais, seguindo a pronúncia geral do Brasil. A palavra “que” foi grafada “que” ou “qui” conforme a pronúncia real que aparece na fita, tendo em vista que ambas as formas aparecem, às vezes, em um mesmo turno.

Contrações de palavras foram grafadas sem apóstrofo (’), por este sinal estar reservado à outra função que veremos adiante.

Os falantes foram identificados com siglas. S1 e S2 para os sociólogos e I1, I2, I4, I5, I6 e I7 para os informantes. Antes de cada turno

aparece, então, a sigla correspondente ao falante seguida de dois pontos (:). Não foram cortadas as palavras no final de cada linha nem foram utilizadas maiúsculas no início dos turnos.

Foram usados colchetes duplos ([[]) para indicar o início de um turno simultâneo, e o colchete simples ([]) para indicar sobreposição de vozes, isto é, quando a coincidência de vozes não se dá desde o começo do turno. Quando a sobreposição ocorre num ponto determinado do turno e para, foram utilizados colchetes, abrindo e fechando ([[]]).

As pausas foram marcadas com três pontos (...), não se distinguindo entre pausas curtas, longas ou médias, o que poderia interessar a algum outro estudioso que se detivesse neste aspecto da conversação, mas que no momento não nos pareceu relevante.

Palavras supostas, isto é, não completamente inteligíveis na fita, mas imagináveis no contexto, foram incluídas dentro de parênteses (palavra). As partes ininteligíveis foram representadas por parênteses vazios () medindo cerca de seis a oito espaços.

O truncamento de unidades do discurso, de qualquer extensão, foi representado por meio de uma barra inclinada (/) posposta ao elemento truncado.

A pronúncia mais acentuada de palavras ou sílabas foi marcada por letras maiúsculas. As maiúsculas também foram usadas para indicar o início de nomes próprios, abreviaturas ou siglas, como se faz na escrita normal.

O alongamento de vogal foi representado pela posposição de dois pontos (:) à sílaba da qual a vogal alongada é o centro. Este sinal pode ser repetido duas ou três vezes dependendo da duração do alongamento.

Comentários do analista foram colocados entre parênteses duplos (()). Podem vir durante o turno ou entre turnos.

Uma palavra pronunciada silabadamente teve suas sílabas separadas por hífen (-). Ocorrendo de uma palavra ter uma parte pronunciada silabadamente e outra correntemente, somente as sílabas destacadas foram separadas. Usa-se o hífen também para indicar gaguejos em sílabas iniciais de palavras.

Usa-se uma aspa simples ou apóstrofo (‘), para marcar a subida leve da voz. Uma entonação de subida rápida, característica das perguntas em Português é marcada por um ponto de interrogação (?).

O ponto (.) somente é usado para marcar abreviaturas de nomes próprios, quer dos falantes, quer de pessoas citadas por eles, com o objetivo de preservar suas identidades.

Nos exemplos no corpo do trabalho, a transcrição parcial é indicada por três pontos dentro das barras inclinadas (/.../), especialmente para indicar que se está transcrevendo um trecho do turno. Supressões de um ou de vários turnos são sinalizados por uma linha horizontal preenchida por pontinhos.

1.4.2 - Análise

A análise das entrevistas transcritas pelo sistema acima descrito segue os pressupostos já enunciados, além de outros a serem indicados no decorrer do texto.

1.5 - Outras Considerações

Este trabalho tem como objetivo contribuir para a compreensão das perturbações lingüísticas causadas pela assimetria social como um índice revelador de diferenças verificadas entre os grupos sociais, fornecendo à Sociologia um instrumento valioso de análise.

A abordagem de inspiração etnometodológica é nova quando aplicada à conversação, havendo ainda poucos trabalhos a respeito, principalmente sob a abordagem que pretendemos dar a este trabalho.

CAPÍTULO II

PROPOSTA PARA UMA ABORDAGEM CONVERSACIONAL DAS ENTREVISTAS

Antes de começarmos a estudar a entrevista, é preciso refletir sobre o que estamos tratando.

Em primeiro lugar, é necessário notar que por “entrevista” podemos entender tanto o processo, a técnica de pesquisa, quanto o seu produto, ou seja, um documento, convenientemente registrado e pronto para análise. Assim sendo, um estudo sobre entrevistas tanto pode versar sobre o processo quanto sobre o produto deste processo, ou sobre ambos.

Por uma opção metodológica, já que escolhemos trabalhar com entrevistas realizadas para outras pesquisas e sem perspectivas de reutilização, não acompanhamos o andamento da entrevista, daí centrarmos nossa análise na construção deste processo através das pistas que nos dão o registro final destas entrevistas. Assim sendo, apesar de só termos disponíveis

a informação que o registro nos oferece, o verdadeiro objeto do nosso estudo é o processo interacional que o gerou.

2.1 - Evolução da Entrevista nas Ciências Sociais

A maior parte dos autores que tratam das técnicas de pesquisa em ciências sociais, consideram a existência de três tipos básicos de entrevista, ao menos sob o ponto de vista histórico. São eles, a entrevista muito estruturada, a entrevista pouco estruturada e a entrevista não-estruturada.

2.1.1 - A Entrevista Pouco Estruturada

A primeira a ser usada foi a entrevista chamada “pouco estruturada”. Neste tipo de entrevista, o entrevistador ou é o próprio pesquisador, ou uma pessoa que conheça profundamente a questão a ser estudada. Isto se dá porque a entrevista segue apenas um roteiro básico sobre as informações que se queiram recolher. Este roteiro deve ser flexível e suficiente para incluir perguntas que forem ocorrendo ao entrevistador durante o processo de entrevista, daí a importância de que este tenha condições de avaliar por si mesmo quais perguntas seriam relevantes na situação de fala..

Este tipo de entrevista era comum no início do século, como apontam Goode e Hatt (1977:239), que a chamam entrevista “qualitativa”. Com o passar do tempo, começou-se a por em dúvida a cientificidade deste tipo de entrevista por dois motivos básicos, a dificuldade em reproduzi-la e a impossibilidade de comparações quantitativas serem realizadas através delas.

Durante uma entrevista deste tipo, o entrevistador ia anotando apenas o que lhe parecia relevante no momento, não havendo como registrar a entrevista para uma análise menos “impressionística” ou para usá-la como prova de uma afirmação ou ilação no corpo do trabalho.

Selltiz (1965:247), já na década de 1960, aconselha que este tipo de entrevista fosse registrada, quando possível, em notas taquigráficas com o cuidado de se tirarem cópias “carbono”, já que estudos com fitas de “ditafove” eram ainda meros experimentos e o registro sonoro com equipamento cinematográfico inexequível, tanto do ponto de vista técnico quanto do econômico.

2.1.2 - A Entrevista Muito Estruturada

Com o desenvolvimento do Funcionalismo, especialmente em seu ramo norte-americano, a obsessão pela quantificação tomou conta da Sociologia, até mesmo entre autores de outras correntes. O subjetivismo da entrevista como havia sido entendida e praticada até então não podia mais agradar. As exigências de homogeneidade e comparatividade surgidas a partir da década de 1930 nas ciências sociais tinham de ser atingidas também pela entrevista. Para isto criou-se a entrevista muito estruturada, ou quantitativa, que nada mais era que um questionário aplicado oralmente.

Anteriormente este instrumento havia sido encarado como uma maneira de se levar o questionário a pessoas analfabetas. Em 1880 Marx o tinha utilizado assim, como nos indica Thiollent (1981:116). Entretanto, como uma entrevista pode ser definida como um interrogatório direto do informante pelo pesquisador, este questionário oralmente conduzido passou a ser encarado como entrevista.

Neste tipo de “entrevista”, o entrevistador nunca poderia ser o pesquisador, pois a ordem e o conteúdo das perguntas nunca poderia ser mudada, em nome da homogeneidade.

Uma vez atingida a homogeneidade, a comparatividade estatística estava apenas a depender do número de entrevistas realizadas. Deste modo, os funcionalistas pensaram ter criado um instrumento “científico”, isto é, livre de subjetividades e imprecisões que substituísse as antigas entrevistas pouco estruturadas ou qualitativas.

Logo, porém, surgiram críticas a este modelo. Thiollent (op.cit.:79), aponta como problemas deste tipo de entrevista o seu caráter fechado, a pobreza das respostas, o desconhecimento, por parte do entrevistador, dos quadros de referência da pesquisa e a indução das respostas pela formulação da pergunta. Thiollent, aliás, chama a este tipo de entrevista de “diretiva”.

As principais críticas sobre este modelo de entrevista se referem às pretensas qualidades de objetividade e homogeneidade.

Contra a objetividade, Goode e Hatt (op.cit.: 240-242) apontam que os indícios “subliminares” durante a entrevista são muito importantes, levando o entrevistador a responder tentando corresponder às expectativas do entrevistado. O entrevistador, mesmo que tente se disciplinar para não influenciar o entrevistado, só conseguirá fazê-lo com um sucesso muito relativo.

Não só problemas “subliminares”, isto é, que escapam à primeira vista, interferem na objetividade da entrevista. Berreman (1980:122ss) já demonstrara como os informantes se comportam de modo diferente, dando às vezes pistas em direção oposta dependendo do que eles gostariam que o entrevistador soubesse ou não, segundo a posição social atribuída ao pesquisador, ou da imagem que gostariam que este tivesse deles. Deste modo, o elemento subjetivo sempre permanecia, apesar de mascarado pela generalidade das perguntas e do caráter fechado das respostas.

Tampouco a homogeneidade deixou de ser atacada como atributo desta técnica. Em primeiro lugar, como notou Selltiz (op.cit.: 278ss), a situação do respondente geralmente é diferente, em termos psicológicos, de todos os outros entrevistados que constituem o universo da amostra, um pode estar com pressa, outro não, um pode estar doente, outro em pleno gozo da saúde, etc.. Todos estes fatores, sem dúvida, irão influenciar as respostas de uma maneira ou de outra, mesmo que se tratem de membros de um mesmo grupo social, entrevistados ao mesmo tempo. Para se conseguir uma completa homogeneidade de respostas, dever-se-ia proporcionar aos entrevistados um ambiente homogêneo, condições físicas e psicológicas homogêneas, etc., onde a única variante possível fosse a focalizada no estudo que se estivesse realizando, o que se mostra virtualmente impossível.

Outro fator, mais sutil, apontado por Michelat (1981: 191ss) contra a pretensa homogeneidade da entrevista muito estruturada ou diretiva é o

afastamento entre a significação que o pesquisador dá à pergunta e a significação dada a ela pelo entrevistado, já que neste tipo de entrevista, o entrevistador, mesmo que para isto tivesse capacidade, não pode esclarecer ou pedir esclarecimentos sobre termos, expressões ou mesmo idéias ocorridos durante a entrevista. Isto implica em uma não correspondência da dimensão que o entrevistador daria à questão e a dimensão dada pelo entrevistado.

Este último aspecto, aliás, era bem conhecido pelos pesquisadores que usavam este instrumento de pesquisa, pois, na maioria das vezes tinham de recorrer a entrevistas pouco estruturadas para esclarecer o que os informantes haviam compreendido por esta ou aquela questão.

Assim sendo, não raro, para cada entrevista diretiva ou muito estruturada eram necessárias duas entrevistas pouco estruturadas, uma no início, como levantamento e teste de questões a serem apresentadas e uma no final para esclarecimento do significado das respostas obtidas. Este fato levou muitos pesquisadores a colocarem em questão a natureza e a utilidade da chamada entrevista muito estruturada.

2.1.3 - A Entrevista Sem Estrutura

Segundo Kandel (1981:169ss) a entrevista sem estrutura, ou não diretiva, foi criada pelo psicólogo Carl Rogers para fins terapêuticos. Posteriormente, em 1945, o próprio Rogers apoiou seu uso em enquetes de opinião.

A técnica se baseia no postulado de que o entrevistado é mais apto a explorar o problema que o entrevistador (MICHELAT, op.cit.:191). Assim sendo, em princípio, dever-se-ia permitir ao entrevistado escolher não só o tema da entrevista, como também dar-lhe a palavra o maior tempo possível, fazendo perguntas somente para estimulá-lo ou para averiguar a compreensão do que fora dito. Como aponta Thiollent (op.cit.:81), esta técnica exigia um alto grau de atenção, intuição e bom senso por parte do pesquisador, que deveria ser forçosamente o entrevistador, mas apontava grandes vantagens, em termos de profundidade e qualidade sobre sua coetânea, a entrevista muito estruturada.

Usada primeiro por pesquisadores interessados no ensino e na aprendizagem, rapidamente este instrumento ganhou adeptos entre psicólogos sociais, folcloristas, antropólogos e etnólogos, não só de linha

weberiana, como também estruturalistas como Sapir, Mauss e Levi-Strauss (id.ib.:85-86).

Apesar de ainda hoje ser usada em sua pureza original, principalmente quando o pesquisador se interessa pelas chamadas “histórias de vida”, este tipo de entrevista passou rapidamente a sofrer modificações na prática.

Em primeiro lugar, notou-se que havia uma diferença fundamental entre a entrevista não diretiva ou sem estrutura usada na psicanálise e a usada na sociologia, uma vez que no primeiro caso, era o paciente quem a solicitava, e na segunda, era o entrevistador. Além disto, a relação entre o psicanalista e seu cliente, assim como seu objetivo, é diferente da relação estabelecida entre o sociólogo e seu informante. Assim posto, passou-se a justificar a imposição do tema da entrevista pelo pesquisador e não pelo pesquisado.

A seguir, sentiu-se a necessidade de se incluírem perguntas temáticas básicas para orientar a direção da entrevista, assim como planejar sua duração, etc.. Assim sendo, no final da década de 1960, a entrevista sem estrutura já dera lugar a um tipo de entrevista pouco estruturada semelhante

a que havia desde o início do século, com a diferença de ser mais bem fundamentada teoricamente.

2.1.4 - Fatores Extrínsecos

Além dos fatores acima apontados, intrínsecos ou técnicos, outros fatores extrínsecos, tecnológicos e epistemológicos, interferiram na evolução da entrevista dentro das ciências sociais.

2.1.4.1 - Fatores Tecnológicos

Hoje em dia seria impossível imaginar a realização de uma entrevista sem conseqüente registro mecânico, seja do som, seja do som e da imagem. Até a década de 60, como já afirmamos, tal procedimento era virtualmente inexequível na pesquisa de campo.

Com o advento dos gravadores de fita transistorizados, surgiu a possibilidade de se registrarem facilmente todas as entrevistas realizadas. Isto

permitiu que não só fosse afastada qualquer insinuação de impressionismo ou má-fé no levantamento dos dados, como permitiu ao entrevistador ter uma segunda opinião de colegas não envolvidos na realização da entrevista. Outro fator revolucionário, foi a possibilidade de se poder ouvir a entrevista quantas vezes se quisesse e quando se quisesse para se levantar dados que passariam despercebidos no “calor da conversa”. Este fator fez com que a maior parte das críticas à entrevista pouco-estruturada, ou mesmo sem estrutura fossem, pelo menos parcialmente, afastadas.

2.1.4.2 - Fatores Epistemológicos

Além das dúvidas colocadas por vários autores sobre a objetividade e homogeneidade das entrevistas, especialmente pelos funcionalistas norte-americanos, como já observamos, outras objeções de ordem epistemológica foram levantadas, tanto por estes mesmos funcionalistas, quanto por pesquisadores marxistas.

Os funcionalistas, levando a extremo a concepção durkheimiana de fato social como coisa, consideravam que o melhor método para se estudar estes fatos sociais era pelas marcas concretas e documentais por eles deixados. Ora, a entrevista, em última análise, não pode averiguar mais que as impressões que estes fatos deixam nas pessoas entrevistadas, ou as

representações destes fatos no imaginário coletivo. Por maior que fosse a amostragem, só se poderia, afinal, levantar uma espécie de “subjetividade coletiva”, o que, para muitos não era suficiente nem desejável. Assim sendo, aconselhava-se ao pesquisador só lançar mão de entrevistas quando não fosse possível conseguir dados por outros meios, de preferência, documentais.

Não só os funcionalistas opunham objeções às entrevistas, também os marxistas, durante várias décadas, desprezaram a utilização das entrevistas e enquetes em geral por considerá-las burguesas.

Apesar de Marx tê-las feito em 1880 e Mao-Tsé-Tung na década de 1940 e do próprio Lênin aconselhá-las com o objetivo de evitar que a vanguarda se distanciasse das posições da massa, a partir da III Internacional, principalmente por influência stalinista, surgiu a posição segundo a qual a única coisa que se poderia levantar com as entrevistas seria um falseamento da realidade imposto às classes subalternas pela ideologia, no sentido marxista do termo.

Para tais autores, uma das conseqüências metodológicas da aplicação de entrevistas era levar a crer que a condição e a consciência de classe do entrevistado seriam tais como este as apresenta, gerando um

empirismo ingênuo incapaz de reconhecer a divergência entre o pensamento e a prática.

Claro que, para rebater esta crítica bastaria lembrar que o pesquisador não baseia sua investigação somente sobre a entrevista e que não se pode conhecer a divergência entre o pensamento e a prática se não se conhece o pensamento. Por isto, como diz Thiollent (op.cit.119), a partir da década de 1960 os marxistas de várias correntes, especialmente os italianos, começaram a revalorizar a entrevista como instrumento de pesquisa. Desde então, as oposições às entrevistas vêm diminuindo bastante, sendo ela, no dizer de Nogueira (1975: 111) o instrumento mais usado em sociologia, desde a década de 1970.

2.2 - A Entrevista como Conversação

Alguns autores de manuais de pesquisa de campo ou de trabalhos sobre metodologia nas ciências sociais intuem ou deixam transparecer o caráter conversacional, ou pelo menos dialógico da entrevista.

Nogueira (op.cit.: 111) diz que a entrevista é “uma conversa orientada para um objetivo definido que não a mera satisfação que a própria conversa pode produzir”.

Goode e Hatt (op.cit.: 253) afirmam que a “entrevista, desenvolvida de maneira fácil e natural, aproximando-se de uma conversação... estimula o próprio entrevistador...”

Dada a nossa pretensão de se usar modelos de análise conversacional para analisarmos entrevistas, a questão da natureza conversacional da entrevista deve ser posta de maneira mais clara e objetiva que nos autores que acabamos de citar, pois, para muitos, ela poderia ser vista como um monólogo estimulado, ou a soma de pequenos monólogos provocados pelas perguntas do entrevistador.

De fato, ao nos depararmos com transcrições de entrevistas em que as perguntas são registradas de forma diversa das respostas, já temos um índice de que algumas pessoas duvidarão de que a entrevista seja uma conversação. Para estas, a entrevista será uma mera variante do questionário, qualquer que seja seu tipo de estruturação.

Para começar, portanto, é preciso verificar quais são as características gerais da conversação e discutir se, pelo menos à primeira vista, a entrevista pode ser colocada neste modelo teórico.

2.2.1 - Características Gerais da Conversação

Galembeck, Silva e Rosa (1990: 60), baseados em McLaughlin (1984), propõem duas características básicas para a conversação: a alternância de papéis de falante e de ouvinte entre os participantes durante a interação e ausência de predeterminação quanto ao tamanho ou a ordem dos turnos. Já Marcuschi (1986: 15), baseado em Dittmann (1979), propõe nada menos que cinco características estruturais básicas para a conversação, que transcrevemos abaixo:

- “a) Interação entre pelo menos dois falantes;
- b) Ocorrência de pelo menos uma troca de falantes;
- c) Presença de uma seqüência de ações coordenadas;
- d) Execução numa identidade temporal;
- e) Envolvimento numa ‘ação centrada’” (MARCUSCHI, loc.cit.)

Vejamos, inicialmente, se conforme estes postulados a entrevista se enquadra como uma tarefa conversacional.

2.2.1.1 - Alternância de papéis

A exigência de alternância de papéis apontada por Galembeck, Silva et Rosa (op.cit.) é idêntica à condição de ocorrência de pelo menos uma troca de falante imposta por Marcuschi (item b); apenas formulada de modo mais preciso.

A entrevista é composta por uma série de turnos contíguos e alternados formados por pares de perguntas e respostas, como se sabe.. Sem pelo menos uma pergunta é impossível que haja entrevista. Dificilmente se poderia imaginar uma entrevista em que o mesmo falante perguntasse e respondesse suas perguntas ou que o entrevistador se recusasse a ouvir a resposta do entrevistado, passando de falante a ouvinte.

2.2.1.2 - Ausência de predeterminação do turno

Quanto a extensão do turno, apesar de se imaginar que numa entrevista a resposta deve ser mais longa que a pergunta, isto não se dá obrigatoriamente. Muitas vezes uma pergunta longa recebe uma resposta lacônica e vice-versa. Não existe nenhuma predeterminação a restringir quantas palavras se pode usar no máximo ou no mínimo para a pergunta ou para a resposta como ocorre em certos questionários escritos, por exemplo.

Quanto à ordem dos turnos, pode parecer, à primeira vista que a entrevista a apresenta bastante rígida, com o entrevistador fazendo a pergunta, calando, ouvindo a resposta, esperando a passagem de turno e fazendo nova pergunta ou encerrando a entrevista. Tal não acontece, como será demonstrado no decorrer deste trabalho. A única ordem preestabelecida parece ser a de o entrevistador ter direito ao primeiro turno, a partir daí verificam-se sobreposições de turno, turnos iniciados conjuntamente e intrusões de falantes não ratificados, caracterizando uma ordem livre, mas não, naturalmente, caótica, como em qualquer conversação.

Outra observação útil seria a de que nem tudo que o entrevistador fala é pergunta e nem tudo que o entrevistado diz é resposta, como se verá adiante.

Finalmente, outro índice de que os turnos não são predeterminados é que o seu número é variado. Não existe um número fixo de perguntas, como nos questionários, por exemplo, pelo menos nos exemplos que compõem nosso corpus. Assim sendo, podemos ter entrevistas bastante longas ou bastante curtas.

2.2.1.3 - Interação entre pelo menos dois falantes

O próprio senso-comum sobre o que seja entrevista exige que haja interação entre falantes, um ou mais, no papel de entrevistador e outro, ou mais, no papel de entrevistado. Mesmo num questionário escrito, deve haver a interação entre duas partes.

2.2.1.4 - Presença de uma seqüência de ações coordenadas

A presença de pares de perguntas e respostas garante a existência de ações coordenadas na entrevista. No decorrer do trabalho aparecerão outros indícios desta ação, cujo estudo é um dos seus principais objetivos. Para o momento, basta verificar que, se não houvesse coordenação de ações entre os participantes, o entrevistado não sentiria que a pergunta fora dirigida

a ele e nem se sentiria na obrigação de responder, mesmo que evasivamente, às perguntas, ou até mesmo de comunicar que não deseja respondê-las.

Em outras palavras, entrevistador e entrevistado sentem que estão fazendo algo juntos, a entrevista, e sentem que devem agir conjuntamente para levá-la a termo, mesmo que declarando, ou demonstrando, que não desejam participar da entrevista.

2.2.1.5 - Execução numa identidade temporal

Diferentemente do preenchimento de um questionário escrito, a entrevista exige que o ato de perguntar e o de responder sejam contemporâneos, ou seja, mesmo que o entrevistador tenha preparado perguntas de antemão ele as deverá realizar de viva voz, adaptando-as e reestruturando-as conforme o desenrolar da entrevista. Uma das falácias das entrevistas muito estruturadas é acreditar que o entrevistador não tentará modificar os termos ou a estrutura da pergunta mesmo se solicitado, na melhor das hipóteses, por mais bem treinado que seja, ele desistirá da pergunta, o que não deixará de ser uma reestruturação causada pela interação.

O entrevistado também, mesmo tendo preparado algo para dizer, deverá responder em função dos questionamentos que surgirem, adaptando, senão o conteúdo, ao menos sua forma.

2.2.1.6 - Envolvimento numa "interação centrada"

Segundo Bakhtin (1979: 39), só pode haver comunicação entre indivíduos que se relacionem socialmente. Isto é, não basta a simples presença física simultânea de indivíduos, nem mesmo a contemporaneidade de suas vozes para ter-se garantida a comunicação. Faz-se mister uma vontade de interagir e uma consciência desta interação.

No momento em que dois ou mais indivíduos se assumem como entrevistador e entrevistado, que são papéis socialmente construídos, e se esforçam conjuntamente para levar a termo a entrevista, eles estão praticando uma interação centrada, mesmo que suas concepções do que seja entrevista, entrevistador e entrevistado não sejam idênticas e mesmo que seus fins e objetivos sejam dissemelhantes.

Vê-se então que a entrevista preenche todos os requisitos para ser considerada uma forma de conversação, permitindo-nos aplicar o referencial teórico que norteia a análise de conversações em seu estudo.

2.3 - Sinopse da Origem e Situação Atual da Análise da Conversação

O interesse pela análise sistemática da conversação autônoma da lingüística propriamente dita, surgiu na década de 1960 na linha da Etnometodologia e da Antropologia Cognitiva, principalmente inglesa, e, segundo Marcuschi (op.cit.: 6), até a década de 1970 preocupou-se com a descrição das estruturas da conversação enquanto regras sociais. O grande interesse que os primeiros pesquisadores encontraram em tal análise era a natureza da conversação como uma forma básica de organização social, facilmente definível e observável.

Malinowski, em seus trabalhos sobre os nativos do Pacífico, já fizera apontamentos sobre a organização da conversação como algo sujeito a regras sociais e não apenas lingüísticas, inspirando, inclusive Jakobson a sugerir a função fática da linguagem como uma necessidade da comunicação.

Entretanto, os primeiros estudos sistemáticos e conseqüentes da conversação tiveram de esperar por Sacks, Schegloff, Jefferson e Schenkein. Foi principalmente, como dissemos, o reconhecimento da conversação como

um ato social facilmente registrável por meio de um gravador que os atraiu para este estudo.

O entendimento da conversação como um evento regulado por regras sociais dominou o primeiro estágio da análise etnometodológica da conversação, principalmente por seus estudiosos, neste momento, serem oriundos da Sociologia da Comunicação e da Antropologia Cognitiva. Um passo importante para a evolução desta linha de pesquisa foi o reconhecimento de este estudo não interessaria apenas a estudiosos de culturas simples, tribais ou pré-tecnológicas, mas também poderia ser aplicado a sociedades complexas.

Tal conclusão tem origem em estudos feitos a respeito da dificuldade de comunicação entre as pessoas de uma mesma cultura em comunidade bilíngües.

Gumperz, que era antropólogo, trabalhou na Índia com populações bilíngües hindi-punjabi, observando as regras que determinavam o “switing”, isto é a mudança de uma língua para a outra durante a conversação. Gumperz demonstrou que tal fenômeno era diferente do empréstimo lingüístico¹, e também não era uma mera idiosincrasia, como queria Labov, mas era regido de regras sociais delimitadas.

Pouco tempo depois, Gumperz começou a estudar populações bilíngües dentro da própria Inglaterra, observando imigrantes indianos. Logo, notou que suas observações davam resultados muito semelhantes aos obtidos por Labov nos EUA ao estudar a interação entre brancos e negros naquele país, sendo que, neste último caso, a comunidade era monolíngüe.

Gumperz, então, atentou para o fato de que a maior parte dos mal-entendidos entre os imigrados indianos e os britânicos não estava nem no vocabulário, nem na pronúncia, mas no fato daqueles aplicarem, na conversação, as regras da sua cultura de origem, que eram diferentes das regras utilizadas pelos nativos da Grã-Bretanha. Tal constatação levou o autor a estudar estas regras conversacionais com vistas a criar um tipo qualquer de treinamento que levasse os imigrantes a adquirirem tais regras

¹ Conceito: empréstimo lingüístico é o fenômeno que se dá quando, usando um determinado idioma, insere-se na fala palavras ou expressões de um idioma estrangeiro, adaptadas ou não à morfologia e a sintaxe do idioma que as recebe.

juntamente com as regras gramaticais do idioma (Cf GUMPERS, 1982: 172).

Hymes, seguindo os passos de Gumperz, verificou que atividades sociais diferentes exigem comportamentos conversacionais diferentes. Assim, por exemplo, a conversação no círculo familiar não pode seguir as mesmas regras que a de uma reunião de negócios (Cf. HYMES: 1972, 38ss).

Com o tempo, este estudo, voltado para a busca de regras conversacionais que deveriam ser encontradas e classificadas antes de tudo, perigou cair numa espécie de “gramática” da conversação. A contribuição de Goffman foi muito importante para que se evitasse isso.

Goffman, que era sociólogo, partiu das idéias de Durkheim sobre o fato social e de George Herbert Mead sobre o “self” para construir a noção de “face”, isto é, avaliação social positiva que uma pessoa deseja que os outros tenham dela mesma durante um evento particular (Cf SCHIFRIN, 1994: 102). Outra contribuição importante de Goffman foi a introdução da noção de “frame”, isto é, esquemas cognitivos de contextualização compartilhados entre os falantes durante a interação.

Ao considerar importante para a análise da conversação noções como o *self*, a *face* e os *frames*, Goffman colocou o problema da cultura, num sentido mais amplo, não só como um sistema de regras, dentro da interação verbal.

Também, outras correntes começaram a influir na análise da conversação no sentido de torná-la mais abrangente, principalmente a Pragmática wittergeisteiniana e a teoria da linguagem de Bakhtin, de cunho marxista.

A partir de tais influências sociológicas, a Análise da Conversação passou a se preocupar com a especificação dos conhecimentos lingüísticos e socioculturais que devem ser partilhados para que a interação conversacional seja bem sucedida, incluídas aí as relações de poder e as intenções dos falantes. Esta postura, no dizer de Marcuschi (op.cit.:6) desvia a ênfase da organização das estruturas para a interpretação.

Assim sendo, o estudo da entrevista, sob o ângulo da Análise Etnometodológica da Conversação, tem um duplo interesse para a Sociologia. o primeiro, sob o ponto de vista metodológico, pois assim o pesquisador pode adquirir uma compreensão muito mais aprofundada do instrumento de que dispõe e que usa com tanta freqüência, e o segundo

ponto de interesse, talvez mais importante ainda, é o de possuir um mecanismo de análise que o permita refletir sobre o caráter sócio-cultural de uma interação em que ele mesmo é um personagem importante. Deste modo, esperamos que a nossa proposta de abordagem conversacional das entrevistas seja de utilidade para a reflexão sociológica.

CAPÍTULO III

AS FORMAS DO ENUNCIADO

O geral e o local são fatos indissociáveis, um sempre interferirá na esfera do outro, sendo impossível estudá-los de maneira estanque. Entretanto, para fins de análise, é conveniente estudarmos a conversação em dois níveis, um primeiro referindo-se a regras de uso da fala, da organização mais local e mais adstrito ao que escolasticamente poder-se-ia chamar de “forma”, e um segundo nível, mais voltado à organização geral da entrevista, restrito à questão do tópico e da argumentação, o que se assemelha ao “conteúdo” dos antigos filósofos.

Não é demais, entretanto, encarecer que tais níveis não são, em absoluto, estanques. A recorrência a um para explicar o outro será usada todas as vezes em que isto for necessário.

Ao iniciarmos uma discussão sobre as formas do enunciado, também julgamos conveniente esclarecer que, de fato, estamos estudando também as formas de relação estabelecidas pelos participantes através de

seus enunciados. Tal relação é inseparável da relação que os participantes mantêm entre si, apesar de claramente distinguível desta. Assim sendo, é impossível pensar a forma da interação verbal como um dado meramente estrutural desvinculado daquela relação estabelecida pelos actantes.

Para o desenvolvimento deste tópico que constitui o terceiro capítulo, utilizaremos como suporte o texto clássico de Sacks, Schegloff e Jefferson (1974) "A Simplest Systematics for the Organization of Turn-Taking Conversation" coadjuvado pela conhecida obra de Marcuschi (1986) *Análise da Conversação*, que expande aquele e o artigo de Galembek, Silva e Rosa (1990) "O Turno Conversacional" que tece reparos, comentários e atualizações àqueles dois textos. Recorreremos, sem embargo, a outras obras e autores sempre que se fizer necessário

3.1 - Esquemas de Participação

As entrevistas por nós analisadas, todas pertencentes ao tipo "pouco-estruturadas", têm um esquema de participação simples, com um entrevistador e um ou dois entrevistados. Baseados em Maher e Fonseca (s/d.: 1-16), podemos dizer que o entrevistador tem, em todos os casos cinco atribuições básicas, em relação à organização da entrevista:

- a) Abrir a entrevista;
- b) distribuir a seqüência de falas ou turnos;
- c) delimitar o tema;
- d) retomar o andamento da entrevista quando da ocorrência de digressão;
- e) concluir a entrevista.

3.1.1 - O Entrevistador Abre a Entrevista

Em todos os casos é sempre o entrevistador quem inicia a entrevista, vejamos os exemplos, que correspondem às cinco entrevistas estudadas

exemplo nº 1

1 S1: A. conte sua história'...qui-ri-da...ONde foi

2 que você NAS:CEU:'

3 I1: eu nasci em Riacho dos Cavalos

exemplo nº 5

1 S2: P. C. DA S. NÉ? O SE:NHOR É DA ON::DE,

2 I5: Olho d'Água de Nossa SENHORA: NÉ:?

Vemos em todos os exemplos, como dissemos, que atribuição de abrir a entrevista pertence ao entrevistador. Tal fato parece óbvio, até mesmo sem os exemplos, contudo, e merece alguma reflexão.

Em primeiro lugar, não é nenhuma característica na pessoa do entrevistador que determina esta atribuição, mas à sua própria posição, ou papel, ficando claro que esta regra é de natureza social e não uma idiosincrasia pessoal.

Em segundo, note-se que não há, por parte dos entrevistados, nenhuma reação negativa à atribuição do início da entrevista ao entrevistador. Isto é importante pois mostra que esta regra está mais ou menos generalizada na nossa sociedade mesmo entre pessoas de pouca ou nenhuma escolarização e vivendo no meio rural. Note-se como nenhum dos entrevistados tenta ele próprio iniciar a entrevista ou como nenhum deles se surpreende por ela ter começado, ou mesmo questiona seu início.

Isto demonstra, por um lado, que a entrevista é realmente regida por regras sociais bem determinadas, já que não houve nenhum “acordo” prévio e explícito sobre quem deveria abrir a entrevista, e por outro lado como é ilusório o conceito de “obviedade” das relações sociais.

3.1.2 - O Entrevistador Distribui as Seqüências de Fala

Esta atribuição do entrevistador se baseia no fato apontado por Sacks, Schegloff e Jefferson (1974) de que o turno é atribuído a um dos interlocutores, ou ao interlocutor, pelo falante corrente.

Teoricamente, em havendo mais de um informante sendo entrevistado ao mesmo tempo, caberia ao entrevistador indicar qual deles deve falar, entretanto, como veremos adiante, quando tratarmos da tomada de turno, esta regra nem de longe é tão pacífica quanto a anterior, por motivos que transcendem o meramente lingüístico.

Mesmo assim, como veremos adiante, a não observação desta regra terá mais de um caráter de transgressão causada por motivos de força maior, que um questionamento desta.

3.1.3 - O Entrevistador Delimita o Tema

O entrevistador, no papel institucional daquele que “recolhe” informação para analisá-la, dá-se o direito de eleger o tema da entrevista e espera que esta recolha não seja contestada pelo entrevistado, o que realmente ocorre. Vejamos os exemplos:

exemplo nº 6

- 1 S2: va-vamos conversar um pouquinho sobre:...PRI:meiro
2 sobre A:pi:cul:tura:’/.../

exemplo nº 7

- 1 S2: /.../ como é que o senhor começou a CRIAR:: hein?
2 por quê? O SENHOR num tinha MEDO NÃO?

Nestes exemplos, a eleição do tema pelo entrevistador é claríssima e dispensa comentários, inclusive, no exemplo número sete, o entrevistador não só escolhe o tema como o delimita explicitamente.

Já menos explícito é este procedimento nos exemplos abaixo, apesar de incontestáveis:

exemplo nº 8

1 S1: aí você fazia o quê? /.../ TEUS PAIS faziam o

2 quê?

3 II: MEUS pai: era fazendeiro

exemplo nº 9

S1: é:: AÍ O que ERA qui qui... seu PAI FA:ZIA:*(...)

Nestes dois exemplos, apesar de a entrevistadora não explicitar claramente o que deseja como tema da entrevista, ela direciona claramente as perguntas para um determinado ponto, ou seja, atividades econômicas.

Note-se que nestes exemplos o uso de marcas lingüísticas para marcar o fato, nos primeiros dois exemplos temos “vamos” e “como é que” e nos últimos “aí”.

devemos notar novamente que ao esclarecer e demonstrar esta atribuição do entrevistador como algo que não é “natural”, não estamos opinando se é certo ou errado que o pesquisador escolha o tema e o delimita, ou sugerindo que seja de outro modo, apenas queremos que o mesmo considere este fato em sua análise e não passe “ingenuamente” sobre ele como se ele não existisse, ou não tivesse implicações.

3.1.4 - O Entrevistador Retoma o Andamento da Entrevista Quando Ocorre uma Digressão

Discutiremos este ponto, bem como o que seja “digressão”, sua natureza e suas causas no capítulo quarto deste trabalho. Adiantemos agora que não se trata de uma coisa simples. As chamadas “digressões” não acontecem por acaso, sendo, muitas vezes pontos interessantíssimos de análise.

Também esta atribuição não é pacífica, gerando conflitos durante as entrevistas, como veremos depois, especialmente no capítulo no capítulo terceiro.

3.1.5 - O Entrevistador Conclui a Interação

Vejamos os exemplos:

exemplo nº 10

1 S1: (assim tá bom)

2 ((corte na fita))

exemplo nº 11

1 S1: certo... você quer falar mais ALGUMA COISA' Z.?

2 da sua vi::da?

3 I2: não TA BOM:'

4 S1: tá bom então OBRIGA:DA: VIU:'

exemplo nº 12

- 1 S1: certo...
- 2 ((S2 convoca novo informante para uma nova entrevista.
- 3 Corte na fita))

exemplo nº 13

- 1 S1: legal:...só isso'
- 2 ((corte na fita))

Vemos que é atribuição do entrevistador encerrar a entrevista através de uma marca lingüística: “tá bom”, “certo”, “só isso”. O exemplo número onze é curioso porque a entrevistadora termina sua entrevista fazendo uma pergunta aparentemente aberta (você quer falar mais alguma coisa?). No entanto, como é regra que o entrevistador delimite o tema, uma pergunta assim formulada não pode ter uma resposta positiva, pois infringiria esta regra. Tal só se daria se houvesse um motivo extra-discursivo forte, não o havendo, como sabem S1 e I2, a resposta é obrigatoriamente negativa. A informante, então, toma a iniciativa de terminar a entrevista através de um “tá bom”, como porém, esta atribuição não é sua, a entrevistadora retoma o turno para o ato ilocutório que deve dar por terminada a entrevista,

repetindo o “tá bom”, mas usando uma nova marca de encerramento do evento de fala, ou seja “obrigada, viu”. Tal marca não é um agradecimento, seria muito curto e lacônico para tal, segundo nossa cultura, também não é uma mera formalidade, pois não está presente em nenhuma outra entrevista e nem em outros pontos da mesma, logo, sua função é fechar a entrevista, reforçando que esta atribuição é da entrevistadora e não da entrevistada.

Um caso que merece atenção é o do exemplo seguinte:

exemplo nº 14

- 1 S2: você acha que se par:ti:ciPASSE:: ELES/
 2 I5: [se eles PAR:ti:ciPASSE::
 3 ele ele CRIA:va TAM:BÉM qui num é bicho de
 4 S2: [hum]
 5 I5: criar abeia::?
 6 S2: certo
 7 I5: AGORA eu A:chava DIFici::”
 8 ((corte na fita))

Note-se que o entrevistador usa uma marca lingüística “certo” para encerrar a entrevista, mas não é atendido pelo entrevistado, que retoma o

turno. O entrevistador simplesmente ignora o que o entrevistado diz, pois para ele a entrevista acabou, e desliga o gravador sem nenhuma outra consideração.

Cabe, entretanto questionar se o não acatamento da marca lingüística de fim da entrevista por parte do informante se deu por um questionamento, por parte deste do direito do pesquisador terminar o evento, ou se o caso se deve a um mal-entendido.

A marca “certo”, como veremos logo adiante, serve também para indicar que o entrevistado deve continuar falando sobre o mesmo assunto. É um assentimento, um reforço, equivalente ao “hum”, na segunda linha do exemplo em questão.

Esta interpretação é reforçada pelo fato de não haver, aparentemente, motivo para que o entrevistado questionasse o fim da entrevista. O assunto versava sobre “outros” e sobre possibilidades remotas, não era, portanto, um assunto pessoal ou “quente”, e marcava já o declínio do interesse da entrevista, entretanto, sempre ficam as duas possibilidades a serem consideradas pelo analista.

3.1.6 - Outras "Atribuições" do Entrevistador

Não sendo nosso intuito esgotar o assunto, gostaríamos de acrescentar à categorização proposta por Maher e Fojnseca (op. Cit.) mais três "atribuições" do entrevistador, agora em função da entrevista, são elas:

- a) escolher o local e o momento da entrevista;
- b) escolher o entrevistado;
- c) analisar a entrevista.

É lógico que tais "atribuições" são diferentes das de Maher e Fonseca já pelo fato de ocorrerem antes e depois, e não durante a entrevista, por isto mesmo aspeamos o termo, embora apresentem certa similitude com aquelas.

Em primeiro lugar, como as atribuições de Maher e Fonseca, são regras sociais mais ou menos explícitas, e em segundo, referem-se a atividades, a atos a serem realizados, e não a "direitos" abstratos e inobserváveis.

Quanto ao fato de escolher o local e o momento da entrevista ser uma "atribuição" do entrevistador, parece-nos claro a todos que, obedecendo às circunstâncias externas à vontade humana, é o entrevistador quem, em

última análise elege o local e o momento da entrevista, com ou sem o apoio de outras pessoas como seu orientador, chefe, etc.. Poderá o mesmo inquirir ao futuro entrevistado se ele tem preferências a este respeito, mas em última análise, como dissemos, será ele quem dirá as tais circunstâncias que são convenientes analisadas sempre que possível, ou que se julgar relevante.

Também, em última análise, é o entrevistador quem escolhe o entrevistado, e não ao contrário, especialmente no caso de entrevistas não-jornalísticas, nas quais, mesmo assim, esta regra predomina. É difícil imaginar, na verdade, um caso em que uma pessoa se apresente a um sociólogo para ser entrevistada de sua própria escolha, sem ter sido convidada ou apontada como um possível informante. Mesmo neste caso, será o entrevistador quem julgará se deve ou não entrevistá-la.

Finalmente, é atribuição do entrevistador, quando ele é o pesquisador, analisar a entrevista. Mesmo quando não seja ele, enquanto indivíduo, quem o fará, mesmo assim, esta "atribuição" caberá à instituição entrevistadora que ele representou, e não à instituição entrevistada. Esta, no máximo, poderá ser consultada, ou informada dos resultados da análise.

3.2 - A Seqüenciação dos Turnos

3.2.1 - O Turno

A base para o estudo da organização conversacional é o turno. Para Marcuschi (op.cit.: 18), turno “pode ser tido como aquilo que um falante faz e diz enquanto tem a palavra, incluindo aí a possibilidade do silêncio”. Para Galembeck, Silva e Rosa (op.cit.: 61) turno é “cada intervenção dos interlocutores nas seqüências conversacionais ou trocas”.

Para Sacks, Schegloff e Jefferson (op.cit.), a definição de turno envolve um duplo sentido. Refere-se, por um lado, ao direito que cada interlocutor tem de tomar a palavra, segundo regras delimitadas e, noutra perspectiva, refere-se a cada intervenção feita pelos interlocutores. É neste último sentido, que o termo “turno” aparece mais usado, tanto nos autores mais recentes, quanto nos próprios autores em foco.

Na realidade, a noção de turno é algo intuitiva e empírica, tanto assim que não há muitas tentativas sérias de conceituá-lo em termos estritos e formais. Pode-se dizer que um turno é a produção ou não produção de cada um dos falantes a cada vez que tenham o direito de fazê-lo.

3.2.2 - A Tomada de Turno

Para Sacks, Schegloff e Jefferson (op.cit.: 649) :

“An investigation interested in the sociology of a turn-organized activity will want to determine, at least, the shape of the turn-talking organization device, and how it affects the distribution of turns for the activities on which it operates”.²

Para estes mesmos autores (op.cit.: 716ss.), há dois mecanismos básicos de tomada de turno:

1) o falante corrente escolhe o próximo falante através de marcas lingüísticas ou paralingüísticas;

2) o falante corrente pára, indicando que dá por terminado o turno e o próximo falante começa seu turno espontaneamente. Este último mecanismo é chamado “auto escolha” (*self-selection*).

O tipo de interação verbal estudada neste trabalho, isto é, a entrevista, tem, em princípio, uma organização de turnos canônica que inibe a auto-escolha como regra (q.v. 3.1.2). Quando ela ocorrer, aparece como

² Tradução: “Uma investigação interessada na sociologia da organização dos turnos precisará determinar, no mínimo, a forma do plano da organização da tomada de turno, e como ele afeta a distribuição dos turnos em que operam”.

uma violação das regras de interação (cf. GALEMBECK, SILVA et ROSA, op.cit.: 78). Esta violação é sempre provocada por motivos extralingüísticas, como no exemplo:

exemplo nº 15

- 1 S2: você É: do sítio TAM:BÉM? e qual é o
 2 sítio?
 3 I6: [Olho d'Água
 4 S2: ah do (olho d'Água) AH' vocês são do mesmo/
 5 o senhor é FI:LHO DE:LE?
 6 I5: É::...filho meu'
 7 S2: ah' sim' /.../

Aqui, as perguntas são claramente dirigidas a I6, que responde à primeira delas sem problemas, já a segunda, mesmo estando claro que o turno pertenceria a I6, é respondida por seu pai (I5). Entretanto, esta aparente violação do turno, ou do direito de turno, de I6 não provoca medidas reparativas, nem por parte do prejudicado, nem por parte do entrevistador, indicando que havia uma precedência de origem social para com I5. Tal violação das regras da entrevista justificada pela prevalência do pátrio poder indica que não são só elementos puramente lingüísticos que

regem este tipo de interação. Por outro lado, sem uma microanálise de natureza conversacional, talvez este dado não fosse perceptível na entrevista.

A passagem de turno através da indicação do falante corrente também ocorre no corpus em foco, como no exemplo abaixo:

exemplo nº 16

- 1 I5: /.../ a gente se encontra cum GEN:TE DE CAM:PINA'...
- 2 cum gen:te DE: DE DE SÃO: PAU:LO'...DE TO:DA
- 3 par:te DO MUN:DO: NÉ:?
- 5 S2: e o senhor acha bom ISSO?
- 6 I5: EU: A:CHO:

Vê-se na terceira linha do exemplo dezesseis que o informante marca a passagem de turno para o sociólogo através da cláusula “né” e de uma interrogação seguida de silêncio. Na quarta linha, a passagem de turno está claramente marcada pela interrogação e pelo silêncio, porém, o entrevistador a reforça através do alongamento da vogal final da frase, normalmente reduzida. Na última linha, é o alongamento da vogal final e o silêncio subsequente que marcarão a passagem de turno.

Um estudo das sobreposições de vozes e das falas simultâneas, que virá a seguir, mostrará que tais trechos, onde as “boas maneiras” prevalecem, são exceções.

3.2.3 - Falas Simultâneas

Falas simultâneas, para Marcuschi (op.cit.: 23) ocorrem quando, ao surgir a oportunidade para a auto-escolha do próximo falante, ocorre uma múltipla auto-escolha. Ao se verificar as falas simultâneas ou entram em ação operadores (quer lingüísticos, quer paralingüísticos) de reparação do turno, ou há a parada prematura de um dos falantes em favor de outro. Tal não ocorre no corpus estudado, já que, como foi dito, a possibilidade de auto-escolha é bastante pequena na entrevista. Isto, porém, não significa que não haja falas simultâneas, como se vê no exemplo:

exemplo nº 17

1 I2: /.../ SÓ PRA PEGAR UMA LATA DÁGUA em Ferro...

2 MEI de no:vembro:’

3 S1: AÍ/

- 4 I2: [[AGORA: 'FOI que MI: LHOROU:: tem hora que tá
 5 I2: chu: ven: DO' o povo pega uma lata d'água num
 6 can: to outro doutro: as chuva aumentaram: /.../

Neste caso a informante (I2) que havia parado de falar, passando espontaneamente a fala à entrevistadora (S1), retoma o turno já iniciado por esta última. Isto se dá porque I2 havia se distanciado do tema da entrevista por associação tópica, como será discutido no próximo capítulo, e teme que seu tópico atual (falta d'água) seja interrompido, daí decidir deixar de ser cooperativa para expor o que lhe parece importante.

Observa-se que a descrição proposta anteriormente por Marcuschi não se aplica, já que nem há auto-escolha nem há medidas reparadoras do turno. a socióloga desiste tacitamente do turno a que tinha direito, demonstrando ter mais interesse em manter a entrevistada falando, neste momento, que em defender seu próprio direito de falar. Repare-se também no seguinte exemplo:

exemplo nº 18

- 1 I5: /.../ porque se vier uns (contratempo) MAS
 2 : ELE JÁ:: TÁ: ...FIRmado: 'NÉ?

3 S2: E:::

4 I5 [[dev/

5 S2: diga outra coisa?

6 I5: quer DI:zer eu tô: A:chando: que a Deus::

7 querer a criação de A:belha É BOA

Neste exemplo, nota-se que ambos os falantes param prematuramente quando percebem o turno simultaneamente iniciado. Aparentemente, o “né” interrogativo seguido de silêncio na linha 2 seria apenas uma pausa de replanejamento do turno por parte do informante, mas foi interpretado pelo sociólogo como uma passagem de turno. Quando percebem o turno simultaneamente iniciado, ambos param imediatamente. Isto indica que I5 reconhece como válida a interpretação de S2, apesar de não corresponder à sua própria intenção, e também que S2 está disposto a ceder seu direito de turno ao informante. a atitude do entrevistador tanto pode ser interpretada como um reconhecimento da ambigüidade da marca fornecida pelo entrevistado, quanto pelo desejo que este continue falando.

De qualquer forma, com a desistência do turno por ambos os falantes, surge uma rara oportunidade de auto-escolha, pois as regras da entrevista foram localmente infringidas. a auto-escolha recai sobre o entrevistador, não só porque ele tem o direito de fazê-lo (I5 também o tem), mas por ele ser o organizador da entrevista em termos gerais. Retomando o

turno, S2 tem duas possibilidades, ou ele toma o turno efetivamente, isto é, ele o retoma para introduzir um novo tópico, ou ele o retoma para devolvê-lo a I5, ou seja, para “repará-lo”, no dizer de Marcuschi. Tal opção, obviamente, não é puramente lingüística, mas depende, primordialmente, das intenções do sociólogo em relação ao progresso da entrevista.

A restauração do turno na linha 5 merece uma reflexão, por não ser convencional. Aparentemente, S2 convida I5 a mudar de tópico, porém não é isto que ocorre, sendo compreendido pelo entrevistado que ele deve retomar o tópico interrompido. Prova disto é que o tópico anterior, apicultura, continua no turno iniciado por I5 depois da intervenção de S2 sem que este proteste.

Na verdade, como é atribuição do entrevistador guiar a evolução temática da entrevista, uma mudança de tópico por parte do entrevistado, como veremos no capítulo quarto, é encarada como um desvio das regras da entrevista, só sendo possível em vista de interesses maiores, e esta mudança de tópico por parte do informante, como será discutido, sempre se dará sob a forma de “digressão”, nunca sob a forma de introdução direta de um novo tópico. Logo, se o convite de S2 fosse entendido literalmente, seria como se o sociólogo propusesse a reparação de uma regra da entrevista (de evolução tópica) através da quebra de uma outra regra (de desenvolvimento temático) o que levaria, fatalmente a entrevista ao colapso. Com a correta

interpretação de I5, as coisas voltaram aos eixos e a entrevista pode continuar até seu termo esperado.

Tal comportamento só é possível graças a um jogo de intenções compartilhado pelos falantes, em que se entende muito mais do que se diz.

3.2.4 - Sobreposição de Vozes

Ao contrário das falas simultâneas, que são raras, a sobreposição de vozes³ é constante em nosso corpus. Estas se dão tanto no turno do entrevistador quanto no turno do entrevistado.

Há vários tipos de sobreposição, a mais comum, na opinião de Marcuschi (op.cit.: 25), ocorre quando o ouvinte concorda, discorda ou endossa a afirmação do outro com pequenas produções, como por exemplo:

exemplo nº 19

³ Definição: Sobreposição de vozes é o fenômeno que se dá quando se verifica a fala de um interlocutor durante o turno de outro, diferente da fala simultânea, onde os turnos têm início no mesmo momento.

1 I4: /.../ O MEL MA::DURO e sem/ é quando ele fica

2 I5: [hum]

3 I4: ES:pecial né? num tem dificuldade NÃO'

4 S2: [hum hum]

Estas pequenas produções têm natureza fática, enfatizando a colaboração entre os falantes. Sua alta frequência no corpus indica um bom grau de envolvimento dos falantes, ou, no mínimo, um fingimento de interesse. Porém, mesmo no último caso, quando o assunto é desinteressante, usando-se estes marcadores fáticos apenas para simular envolvimento, pretende-se manter a conversação, ou para preservar a face do interlocutor, ou ainda para evitar que a interação atinja o colapso. Assim sendo, mesmo quando tais pequenas produções não indiquem interesse pelo conteúdo do turno, indicam, ao menos, um desejo de colaborar para sua preservação.

É importante ressaltar que tanto os entrevistados quanto os entrevistadores utilizam-se deste recurso, mostrando que a responsabilidade pelo bom andamento da entrevista é conjunta.

Outro caso comum de sobreposição de vozes apontado por Sacks, Schegloff e Jefferson (op.cit.: 708) ocorre na passagem de um turno a outro.

Na verdade, o falante seguinte se adianta ao final do turno que já é previsível como no trecho abaixo:

exemplo nº 20

- 1 I7: /.../ por:que meus MI:NI:NO: TODO E:-ELES
 2 TEM UMA PRO:FISSÃO:: NÉ? qui qui/ dá pra IR
 3 ES:capando NÉ?
 4S2: [é verdade

Neste caso, o “né” é desnecessário para a compreensão da frase, pois se pode prever a passagem de turno pela completude do pensamento, mesmo porque o “né” é, muitas vezes uma marca de passagem de turno.

Interessante é o caso em que há uma “co-autoria” da proposição na passagem de turno, como indicada por Marcuschi (op.cit.: 25-26):

exemplo nº 21

S1: é:: AÍ O que ERA qui qui... seu PAI

FA:ZIA' Z.? ele trabalhava de/

I2: [ham] [A:GRI:CULTOR::

exemplo nº 22

1 S2: você acha que se par:ticiPASSE:: ELES/

2 I5: [se eles PAR:ti:ciPASSE:

3 ele ele CRIA:va TAM:BÉM qui num é bi:cho

4 S2: [hum]

5 I5: de seTE CA:beça criar abeia:.'

exemplo nº 23

1 S1: /.../ AÍ...quer dizer que você depois dos vinte

2 e cinco anos" vi:rou Fazendei:ra: NÉ?... começou

3 I1: [hum]

4 S1: se interessar POR IS:SO:? AÍ você/

5 I1: [foi] [certo' AÍ comecei: a

6 trabalhar também NÉ'

No exemplo 21, vemos que a entrevistadora não chegara com seu turno a um lugar relevante para passagem de turno (Cf. GALEMBECK 1994:31), na verdade, está no meio de um sintagma preposicional, que,

naturalmente só poderia ser considerado terminado após a enunciação do conseqüente da preposição “de”. A entrevistadora não demonstra hesitar, ou ter dificuldades em completar o sintagma, o que justificaria a passagem de turno em tal situação, entretanto “agricultor” parece, no contexto, tão óbvio como conseqüente para a entrevistada que ela não hesita em se sobrepor ao turno de S1.

Nos exemplos 22 e 23 o entrevistado parece completar uma pergunta mais ou menos previsível no contexto. Note-se como o entrevistado, tanto num como noutra exemplo, retomam palavras usadas pelo entrevistador.

Tal adiantamento da tomada de turno é normal na conversação informal (cf. SACKS, SCHEGLOFF et JEFFERSON, *op.cit.*: 707), indicando pontos de baixa tensão entre os interlocutores.

Preferimos chamar tais sobreposições de tomada de turno adiantada ou precipitada e não de “assalto” ao turno porque, segundo Galembeck (1994: 29ss.) o assalto ao turno rompe as regras de organização do texto conversacional, e nos casos acima, apesar do falante ter seu turno interrompido pelo parceiro sem que este espere o fim do turno estas tomadas

de turno não são agressivas nem enfáticas, nem provocam medidas reparadoras do turno por parte do interrompido.

No presente caso, a interrupção do turno pelo parceiro indica um forte compartilhamento de expectativas por parte dos falantes, pois sem isto seria impossível a um prever o complemento do turno do outro.

Tais sobreposições de precipitação do turno assim como aquelas de natureza fática, que sinalizam estratégias de complementação, repetição ou retroalimentação podem ser consideradas “colaborativas”, pois denotam cooperação entre os falantes no desenvolvimento do discurso.

Contudo, além deste tipo de sobreposição, há outras, como do exemplo abaixo:

exemplo nº 24

1 S1: não aprendeu a ler’

2 I2: [agora pra ASSINAR O NOME

3 TUDIN: a:PREN:DEU: SIM:’

4 S1: [hum]

- 5 I2: pela vontade aprendeu a escrever MA:RI:A:
 6 S1: [mas] [FORA
 7 ES:TU:DAR no trabalho' o quera que você
 8 gostava MAIS: de TRA:BA:LHAR? ERA EM
 9 QUÊ?

Aqui temos quatro sobreposições, a primeira se enquadra no que dissemos sobre as tomadas prematuras de turno. A segunda se enquadra sobre as expressões fáticas, também já descritas como colaborativas. Entretanto, o que nos interessa para o momento são a terceira e a última sobreposições verificadas e que não podem ser assemelhadas às descritas anteriormente.

A primeira sobreposição, na linha número 2 do presente exemplo se dá num lugar relevante para passagem de turno porque, no contexto anterior da entrevista falava-se sobre escolarização e letramento, logo, para a entrevistada era fácil imaginar que o objeto de “aprendeu” seria “ler” e não outra coisa, posto que era disto que se falava.

A segunda sobreposição, na 4 quatro, um “hum” é claramente uma sobreposição de retroalimentação fática onde a entrevistadora indica que está seguindo o pensamento da entrevistada.

Porém, aquele “mas” sobreposto (linha 6) tem a nítida função de tomar o turno de I2. não há como justificá-lo como falha de conclusão, pois a informante fala em tom contínuo, sem hesitar, nada indicando que ela pretenda passar o turno neste ponto. Note-se que, apesar de ter baixado de tom, a informação não o fez neste ponto, mas anteriormente. Logo, se esta mudança tivesse sido notado como relevante para passagem de turno por S1, o teria sido no momento do abaixamento de tom e não algum tempo depois.

Na quarta sobreposição do exemplo, na linha 6, a entrevistadora consegue assaltar o turno de I2. Veja-se como a informante acaba de elevar novamente o tom de voz e como alonga as vogais indicando ênfase no que diz, mostrando que não pretende passar o turno à parceira.

A invasão do turno se caracteriza também pela mudança de tópico (GALEMBECK, op.cit.: 33ss), como podemos depreender claramente do exemplo em foco. Vemos que o objetivo do assalto ao turno da entrevistada é mudar o tópico de “estudo” para “trabalho”.

Tal fenômeno, encontrável em conversas informais, é raro no corpus em estudo e demonstra uma instabilidade conversacional importante. Notemos que a socióloga, ao interromper veementemente sua informante, rompe com as regras, assumindo riscos evidentes. Tal instabilidade se dá por

uma diferença de foco de interesse, ou seja, sobre o que seja importante ser dito. A entrevistada deseja falar sobre si, e, para ela, no momento, é importante garantir que possui os direitos civis de alfabetizada, que em nosso país se adquire assinando o nome. Para a entrevistadora, no entanto, o que é importante é saber o que I2, como amostra das mulheres de sua classe e região, pensa sobre o trabalho feminino, tema da entrevista.

Assim sendo, é a visão da entrevistada como pessoa, sujeito de direitos, ou, por oposição, como indivíduo, objeto de pesquisa, que gerará a quebra de contrato indicada e não um motivo meramente lingüístico ou discursivo.

Galembeck (op.cit.: loc.cit.) mostra que o assalto ou invasão ao turno pode ser considerado colaborativo quando tem por função garantir a continuidade tópica, isto é, quando um interlocutor percebe que o parceiro foge do tópico e o interrompe para reintroduzi-lo, mas o caso aqui é exatamente o contrário, como vimos.

As sobreposições, tanto colaborativas quanto de assalto ao turno, evidenciam o fato de que a relação entre entrevistador e entrevistado é um misto de colaboração e de conflito a que não se pode fugir.

Esta relação, que se reflete nas trocas verbais que analisamos aqui, manifesta problemas, ou questões, mais profundas que se originam na posição que cada um dos interlocutores toma em posição ao outro, ou em relação ao mundo.

Assim sendo, sobreposições colaborativas, sejam fáticas, de retroalimentação, sejam de complementação ou de qualquer outro tipo, ocorrerão em trechos que não manifestem, por seu conteúdo, conflitos entre os parceiros, e sobreposições não colaborativas de assalto ao turno se encontrarão, como no último exemplo dado, em passagens onde os interesses ou a visão de mundo dos parceiros divergirem, cabendo ao analista se deter em tais pontos para elucidar a natureza de tais divergências.

3.2.5 - Organizadores Locais

Vários são os elementos que contribuem para a organização interna do turno, e do seu relacionamento com outros turnos, além, naturalmente, da estrutura morfo-sintático-semântica. Estes elementos podem ser de ordem segmental (como silêncios, pausas e hesitações); suprasegmentais (como entoações, alongamentos e ênfase de fonemas) ou extralingüísticos (como risos, gestos, etc.).

É importante ressaltar que não basta uma mera descrição formal destes fatos. É preciso que se estude suas causas sociais e seu significado para que se possa entender o processo expressivo que chamamos entrevista.

3.2.5.1 - Hesitações

Os elementos mais importantes que aparecem sobre o eixo do sintagma, interrompendo a linearidade do discurso para contribuir para com a organização do turno são as hesitações e os silêncios ou pausas.

Marcuschi (op.cit.: 27) identifica três tipos de hesitação:

- a) convite à tomada de turno;
- b) organização e planejamento interno do turno;
- c) “pedido de socorro” ao interlocutor.

3.2.5.1.1 - A hesitação enquanto passagem de turno se apresenta como nos exemplos abaixo:

exemplo nº 25

- 1 I6: NÃO::: num tive medo NÃO' qui É:::/
 2 S2: [acho qui...
 3 deu pra EN:frentar?
 4 I6: DEU::...em TI:RAR: ESSE MEL: /.../

exemplo nº 26

- 1 I1: BOM:' tem mulher que...
 2 re:solve' algumas coisa' MAS...
 3 S1: (assim tá bom)
 4 ((fim da entrevista))

No primeiro destes exemplos, o entrevistador apresenta uma espécie de co-autoria à frase do entrevistado, ligando os turnos muito intimamente. Inclusive, parece que ele só toma o turno para suplementá-lo e em seguida repassá-lo ao entrevistado, como se quisesse dar tempo ao interlocutor para estruturar melhor seu turno, indicando um alto grau de cooperação.

Já no segundo, a entrevistada indica, por meio da hesitação, que não tem mais interesse em manter o turno. A entrevistadora retoma o turno e encerra a entrevista.

Poderia parecer que o uso do operador argumentivo “mas” (que é um operador de restrição) indica um enunciado não terminado, mas cujo sentido seria facilmente subentendido pela entrevistadora. Entretanto, acompanhando a entrevista da qual o exemplo foi tirado (F01AM1), vemos que a entrevistadora perguntara recorrentemente se a informante achava que a mulher poderia exercer as funções laborativas de um homem, e nas várias vezes em que a pergunta era posta, a entrevistada respondia que isto era algo relativo, fugindo de uma resposta categórica. Assim sendo, uma paráfrase para o subentendido daquele “mas” seria, talvez, “mas eu não quero falar sobre isto”, ou “mas eu não quero continuar a falar”. E, como vemos, a interpretação da entrevistadora foi esta última. Aliás, verificando a entrevista, constataremos que a entrevistada já fizera, algumas vezes, menção de interromper a interação.

3.2.5.1.1 - A - A hesitação enquanto mecanismo de organização e planejamento

interno do turno, propriamente dito, se apresenta em exemplos como o

seguinte:

exemplo nº 27

- 1 I4: AÍ:: ele eh: ia haver uma RE:U:nião::... em
- 2 PES:queira::'... ele foi me orientou e até
- 3 me ofer/ me ofereceu o dinheiro da PAS::SAGEM
- 4 NÉ::? pra ir pra: Pesqueira'./.../

Na linha 1, o informante inicia o turno falando de uma determinada pessoa, enuncia o sujeito, hesita, marcando esta hesitação com um som não lexicalizado (“eh”) e resolve falar primeiro das circunstâncias em que o fato se deu para depois (linha 2) retomar a construção abandonada, repetindo novamente o pronome “ele” e predicando-lhe algo, como numa construção canônica. Tal fato indica apenas que o informante se lembra que o sociólogo desconhece a existência da reunião de Pesqueira, fato que deve ser informado para a compreensão da situação em foco.

Abaixo disto, porém, (linha 3) ocorre uma hesitação de tipo diferente. O falante pára no meio de um morfema, para, a seguir, retomá-lo sem nenhuma alteração. Não há, portanto, motivo de replanejamento gramatical, nem de organização de informações, como no caso anterior, o

que ocorre aqui é que o entrevistado pára para ponderar a conveniência de dizer ou não do oferecimento do empréstimo.

Nesta pausa, ele considera se isto é bom ou mal para sua imagem diante do sociólogo (preservação da face), se é bom que ele saiba que outros lhe confiam dinheiro e se interessam por seus negócios, ou, se, por outro lado, é mal que o entrevistador pense que ele, informante, é tão pobre que teria dificuldades em pagar uma passagem até Pernambuco. somente depois de ponderar sobre tudo isto é que ele se decidiu a continuar de onde havia parado. Claro que se poderia aventar outra hipótese para tal comportamento, como, por exemplo, falta de intimidade entre ambos, mas caberia ao pesquisador formular e testar tal hipótese, levantada com a análise da entrevista.

Outro dado que estes tipos de hesitação nos fornecem é a garantia de que os interlocutores concordam tacitamente que é lícito hesitar para replanejar o turno neste tipo de interação. Num tipo muito formal, como numa peça de oratória, nas clássicas sabatinas, ou mesmo durante um depoimento à justiça, por exemplo, não se reconheceria este direito à hesitação, ou a interpretação seria bem outra. Assim sendo, vemos que a entrevista sociológica, tal qual analisamos neste trabalho, tem um estatuto próprio bem definido.

3.2.5.1.2 - A - Em certos casos, a hesitação pode representar um convite ao interlocutor para que este forneça um dado que o falante não tem, ou esqueceu, ou ainda que o parceiro o ajude a replanejar o turno, como neste exemplo:

exemplo nº 28

- 1 S1: Z. você é viúva?
 2 I2: sou viúva
 3 S1: faz quanto tempo?
 4 I2: FAZ DE:ZENOVE ano' morreu no dia... dezesseis
 5 de agosto de mil novecentos e se:TEN:TA E::
 6 QUA:TRO' NÉ DEZENO::VE?...COM::PLETOU? setenta
 7 S1: [é]
 8 I2: e quatro pra cá:
 9 S1: [vinte

Aqui vemos que a informante hesita em dar o cômputo exato do tempo de sua viuvez, solicitando e recebendo ajuda da entrevistadora na subtração. Talvez I2 estivesse diante de um verdadeiro problema aritmético, talvez quisesse que a socióloga calculasse ela mesma o tempo para realçar a idéia afirmada. De qualquer forma, a entrevistadora é levada a entender a

A situação de fala também reflete a base cultural comum ao manifestar a concepção de hesitação como pedido de ajuda neste tipo de interação. Sabemos que não o seria num interrogatório policial, por exemplo.

3.2.5.2 - *Silêncios*

O silêncio durante a entrevista pode indicar ou uma negativa veemente ou uma aceitação tácita, ou ainda uma pausa para planejamento.

3.2.5.2.1 - Um exemplo típico de silêncio como negação veemente encontramos na seguinte passagem:

exemplo nº 30

- 1 S1: então muito homem não acei:TA' que a MU:LHER::
- 2 desenvolva um trabalho que ele sabe/ não
- 3 isso não é coisa de ho/ isso não é coisa de
- 4 mulher' isso é coisa de home' ... mulher: é pra
- 5 ficar em casa:' fazen:do CO:mi:da: então e
- 6 isso que o trabalho de uma MU:LHER:?
- 7 I1: ((silêncio absoluto))

- 8 S1: E::/ assim por que é:: o que você acha/ acha
- 9 que o homem É MAIS CUI:DA:DO:SO::' a MU:LHER:
- 10 mais:: CUI-dado:: sa:...que o homem é mais:
- 11 IN:TELIGENTE: que a mulher: é mais INTELIGENTE'
- 12 I1: [BOM]
- 13 I1: tem home que é CUI-DA-DO-SO:'...tem deles que
- 14 que num são...NÉ:?... e:: tem MU:LHER:::... que tem
- 15 I1: mais cuidado nas coisa:...do que o HOME:'...
- 16 TAM:bém:'
- 17 S1: você acha que o hoMEM' é mais inteligente do
- 18 que MU:lher:?...pra tra:ba:LHAR::?
- 19 I1: ...bom' tem HOME' que É: NÉ:?
- 20 S1: [não É TODOS: NÃO:?
- 21 I1: ((silêncio))
- 22 S1: você quer falar MAIS:' alguma coisa:
- 23 I1: sei: NÃO:' você é quem SA:BE:

Neste trecho há dois pontos interessantes marcados pelo silêncio (linhas 7 e 21), ambos indicando negação veemente da entrevistada. Note-se que, nestes casos, o silêncio ocupa o turno inteiro, e não apenas parte dele.

No primeiro (linha 7), a entrevistada nega-se a aceitar os dados da entrevistadora, ou porque não conhece homens com as características

apontadas pela socióloga, ou por não concordar com aquela visão de trabalho feminino apresentada pela interlocutora e teme que esta possa lhe vir a ser imputada. Keenan e Scheffelin (1976: 337-338) afirmam que há um contrato entre o falante e o ouvinte sobre o dado e o novo. O ouvinte pode rejeitar como dado o que esteja fora de suas expectativas como conhecimento geral. É este fenômeno que nos parece observável nesta passagem.

A entrevistadora, porém, parece tomar o silêncio da entrevistada como uma concordância tácita, ou simplesmente o ignora, tanto é que não insiste na pergunta, abrindo uma nova questão (linhas 8 a 11).

Observe-se que de uma pergunta a outra há uma diferença de perspectiva, apesar de se tratar do mesmo tópico (Cf. capítulo IV). Na anterior, se questiona, ou melhor, se afirma em forma de pergunta, sobre a visão dos “machistas” que a entrevistadora considera de conhecimento universal. Nesta segunda pergunta, levanta-se uma premissa particular, a visão da entrevistada sobre a pretensa diferença entre homem e mulher.

Note-se que à absolutização dos papéis masculino e feminino proposta por S1, a respondente rebate com uma relativização, ou seja, há homens cuidadosos e homens desleixados, assim como há mulheres de um e

de outro tipo. A entrevistadora reformula a questão, pois não está satisfeita com a resposta, e parafraseia sua própria pergunta substituindo “cuidadoso” por inteligente (linhas 17 e 18).

Mais uma vez, a informante opõe à absolutização a relatividade, numa atitude sensata e coerente com seu discurso anterior. A socióloga, que tem uma visão preconcebida sobre o assunto, uma hipótese, se preferir, segundo a qual uma mulher não “esclarecida” ou “conscientizada” como a entrevistada (que é semi-analfabeta, lembremos) deve admitir a superioridade masculina que a entrevistadora supõe veiculada por uma ideologia “machista”.

Tendo isto em mente, a socióloga reformula a pergunta, buscando forçar o engajamento da informante às suas próprias idéias. Esta, repugnando tal coisa e sentindo que a entrevistadora tenta fazê-la esposar tal posição, reage com um novo e veemente silêncio (linha 21).

A comunicação quase entra em colapso. Isto obriga a socióloga a abandonar completamente o tópico (linha 22), prometendo ouvir o que quer a informante tenha a dizer. A resposta irônica de I1 (linha 23) confirma o caráter de negativa dos silêncios anteriores, uma negação não só das idéias, mas também da atitude impositiva de S1.

Repare-se que se este trecho fosse “higienizado” na transcrição, ou se fossem ignorados tais silêncios prechos de significação, desapareceria o sentido de “queda-de-braço” verbal que tem este ponto da entrevista, dando lugar a uma visão harmoniosa da relação entre a socióloga e a informante, o que seria um falseamento da situação.

3.2.5.2.2 - Semelhante, no sentido formal, ao silêncio de negação veemente, mas com função oposta, é o que indica aceitação tácita, ocupando também todo um turno:

exemplo nº 31

1 S2: /.../ você também cria A:belha A.?

2 I6: ((silêncio))

3 S2: e você teve algum RE:sULTADO:

Aqui, o silêncio do entrevistado pode ser interpretado quer como uma resposta afirmativa tácita à pergunta, ou seja, ele admite criar abelhas, quer como um índice de má vontade, quer como uma negação veemente. Um estudo de elementos extralingüísticos que acompanham, certamente, este silêncio, como um sorriso, um aceno de cabeça (indicação gestual), ou um

semblante carregado, poderia auxiliar na análise deste trecho. Entretanto, embora sintamos falta do dado não-verbal para explicar esta passagem, a gravação do som é suficiente para interpretar esta ocorrência. Encontramos vários indícios para julgar que o silêncio é indicativo de resposta positiva.

Um índice para apoiar nossa afirmação é que o entrevistador inicia a segunda pergunta pelo operador argumentativo “e”. Caso a resposta fosse interpretada como uma negação da parte do informante, deveria o sociólogo iniciar sua nova pergunta por um operador argumentativo adversativo (“mas”, por exemplo). É verdade que “e” pode ter, principalmente, na língua oral, valor adversativo e não aditivo, assim, este índice, apesar de não poder de deixar de ser apontado, também não nos dá certeza sobre se a resposta à primeira pergunta fora interpretada como positiva ou negativa.

Outro índice, mais seguro, é que a pergunta formulada na linha um é fechada, isto é, do tipo “sim-ou-não”, se a resposta fosse negativa, não haveria porquê continuar a entrevista, já que seu tema é apicultura, nem faria sentido a pergunta da linha três, pois não se pode perguntar os lucros que alguém consegue com a apicultura se ele não é apicultor.

Para um bom estudo do silêncio, entretanto, seria melhor utilizar-se registros de imagem sempre que possível.

3.3.5.2.3 - O silêncio, por outro lado, pode se constituir em uma pausa para dar espaço a um replanejamento. Um exemplo ilustrativo, mas extremo e atípico, deste tipo de silêncio é o seguinte:

exemplo nº 32

- 1 S1: como É É: qui: qui: ...um/ como é que você É
 2 VIS:TA:’ pelo/ por HOMENS: E MU:LHE:RES:?
 3 como é: que você::...como é QUE ELES VÊEM
 4 VOCÊ? ((corte na fita, a entrevistadora
 5 desliga o gravador)) as mulheres..elas:’
 6 QUA:TRO’ NÉ DEZENO::VE?...COM::
 7 ...olham você de uma maneira DIFEREN::TE’
 8 ou elas’.../.../

Aqui, vemos que a entrevistadora, com dificuldades para formular sua pergunta, apela para alguns instantes de silêncio (representados por reticências) para replanejar sua fala (linhas 1, 3, 5 6 e 7).

O uso do recurso de desligar o gravador para o replanejamento é o que há de extremo e atípico nessa passagem. este fato indica duas coisas. Em primeiro lugar, que o tempo pretendido pela entrevistadora é longo, o que significa uma desorganização séria, mostrando que a entrevistadora não está bem certa do que vai dizer. Em segundo, denuncia a assimetria de papéis entre a entrevistadora e a entrevistada, já que esta última não detém o direito de desligar o gravador a seu bel-prazer, por mais atrapalhada que esteja.

Fica claro que a entrevista é um diálogo de desiguais, o entrevistador tem não só atribuições diferentes das do entrevistado, mas tem também direitos que o entrevistado não tem.

3.2.5.2.4 - Finalmente, como no exemplo abaixo, o silêncio pode ser entendido como um índice de desentendimento. Observe-se:

exemplo nº 33

- 1 S2: /.../ Ô L. QUAL É TEUS RE:SULTA:DOS? que você
 2 O:biteve... com a CRIAÇÃO DE A:BELHAS? já falou
 3 o que conseguiu um SA:LÁRIO:’ num foi?
 4 I4: e É:
 5 S2: mas TEVE al-algum OUTRO RE:sul:tado? ou ESSE/
 6 ou foi só esse?
 7 I4: ((silêncio))
 8 S2: resultado’ AS:sim:: CRIAR:: A:BELHA tráz o que
 9 de resultado?
 10 I4: ...porque a a:: a: criação de a:belha a-além da gente
 11 arranjar um POU::CO DE DI:NHEI:RO NÉ:?...conserva o
 12 S2: [hum]
 13 I4: ...conser:va o SO:lo /.../

Na realidade, o entrevistador deseja saber de resultados outros além dos econômicos, da difusão da apicultura, quando faz a primeira pergunta. O

entrevistado parece não entender a colocação e fica em silêncio durante o seu turno, como a esperar uma redefinição da pergunta em termos mais claros.

O que se nota são pontos de vista diferentes, embora não-antagônicos entre os falantes. O apicultor prioriza seus resultados pessoais, logo mais restritos e o sociólogo pensa nos resultados do programa de difusão que está estudando (conservação do solo, alternativas à agricultura de subsistência, etc.). Deste modo, a primeira pergunta de S2 foi imprópria em relação aos seus objetivos, já que ele pergunta pelos “teus resultados” (linha um), ou seja, sobre os resultados particulares de I4, e não pelos resultados para a comunidade, por, exemplo. A nova reformulação da pergunta nas linhas 8 e 9 geram a resposta esperada pelo entrevistador, levando I4 a falar de questões como a conservação do solo. O que demonstra que a nova colocação é suficiente para que I4 entenda as intenções do entrevistador.

3.2.5.2.5 - Há neste momento, dois fantasmas que precisamos exorcizar, o silêncio que antecede e o silêncio que se segue à entrevista. Eles não existem.

Ler uma transcrição de entrevista, ou mesmo ouvi-la em fita, e imaginar que o entrevistador chegou, em silêncio, ligou o gravador, “fez” a entrevista e desligou o aparelho, saindo calado, é como olhar um mapa-

múndi e imaginar que o mundo é plano, retangular e cheio de letrinhas no chão.

A entrevista é uma ocorrência de fala local, dentro de um quadro conversacional maior. É antecedida por um contrato explícito entre as partes que sabem que vão realizar uma entrevista e é seguido de agradecimentos e comentários. Este ponto será tratado especificamente mais adiante sob o rótulo de organização seqüencial.

3.2.5.3 - Elementos paralingüísticos

O Estudo dos elementos paralingüísticos também é importante na análise global da entrevista. Os gestos, pigarros expressões faciais, movimentos oculares, etc., além de marcar ênfase e interesse (ou sua ausência) e de reforçar o oral, podem trazer em si contribuições importantes para a análise.

Dada a natureza das gravações que servem de suporte a este trabalho (fitas cassete) destacou-se para estudo particular apenas o riso, por este elemento ser claramente identificável no registro adotado e por nos permitir apontar uma tipologia do mesmo.

3.2.5.3.1 - Riso de mitigação

O riso de mitigação é aquele que, acompanhando a afirmação ou pergunta sobre um ponto delicado, serve como mitigação à seriedade ou agressividade do assunto (cf. FRASER, 1980). É o caso do exemplo abaixo:

exemplo nº 34

- 1 S2: ah' sim' então VOCÊS CRIAM JUN:TOS? NÉ? e
 2 você teve algum resul:TA:DO OU:: o resultado
 3 FOI SÓ DO SEU PAI?
 4 I5: ((risos))
 5 S2: só ELE qui ficou com garro::te
 6 I6: [E:: ficou()
 7 S2: ficou sem NA:DA OU:: TE:ve AL:guma VAN:tagem::?
 8 ((risos))

A situação é a seguinte, S2 está entrevistando, ao mesmo tempo, I5 e I6 sendo que o primeiro é pai do segundo. Ambos trabalham juntos e o entrevistador quer saber se dividem os lucros. A situação é delicada, pois envolve, além do relacionamento econômico, o relacionamento familiar.

O entrevistador se dirige ao filho, com uma pergunta embaraçosa. O riso do pai serve como uma mitigação a este constrangimento mostrando que a pergunta é delicada, entretanto. Ao rir, ele dá permissão ao filho para que ele fale no assunto, demonstrando aquiescência.

O riso aqui demonstra a importância do pátrio poder, mais uma vez, que transpassa esta entrevista. O analista alertado dito, poderá incluir este elemento em suas reflexões, ou mesmo julgar necessária uma nova entrevista com o filho afastado do pai.

Ao fazer uma nova pergunta sobre o assunto, agora com a permissão do chefe da família, insistindo nos detalhes da distribuição de renda familiar, o sociólogo sente-se na obrigação de rir, como a pedir desculpas pela insistência.

Notemos que, neste caso, o riso não é um direito, mas um acompanhamento obrigatório, ou quase, da pergunta embaraçosa. Poderia, é claro, ser substituído por outras formas de mitigação, mas alguma delas deveria aparecer.

3.2.5.3.2 - Riso de hesitação

Pouco abaixo do trecho estudado nos parágrafos anteriores, há esta passagem:

exemplo nº 35

1 I6: o cara que cria a:belha ((risos))

2 tem: que ser:...

3 S2: tá legal

4 I6: tem que se segurar por aí:: mesmo'

O riso neste caso tem uma função mais simples que no caso anterior, preenchendo uma hesitação de planejamento de turno, evitando um silêncio que poderia ser tomado como um ponto de passagem de turno, como acontece logo abaixo, na linha 2.

3.2.5.3.3 - Riso de reforço

O *riso de reforço* serve para sublinhar uma idéia. Neste ponto é um elemento sem grande carga de significação própria, mostrando apenas a importância que o falante dá ao que diz. Veja-se o exemplo:

exemplo nº 36

- 1 I6: DEU::...em TI:RAR: ESSE MEL: MESMO: JÁ
- 2 LE:vei trin:ta FER:RU:ADA:: e NUM:: larguei
- 3 NÃO: ((risos)) TRIN:TA SÓ VOAN:DO:...eu
- 4 digo EU TÔ AQUI:: (mei) doido

O informante, encarecendo sua coragem ao lidar com as abelhas, usa de vários recursos segmentais e suprasegmentais: usa um número grande, em sua opinião, para enumerar as ferroadas, dando veracidade a sua história (depois reforça o número dizendo que só está contando uma parte, “só voando”); usa dupla negativa (linhas 2 e 3); afirma duas vezes a mesma coisa; enfatiza as palavras e alonga as vogais; afirma que sua coragem se aproxima da loucura (“mei doido”), e, além disso, ri para sublinhar a idéia, já que rir do perigo é prova de valentia.

3.2.5.3.4 - Riso de escusa

Chamamos “riso de escusa” aquele que acompanha assuntos considerados tabu. repare-se nos exemplos:

exemplo nº 37

- 1 S1: E OS HOMENS:? como é que eles O:lham' pra você:?
 2 I1: ((risos)) como assim?... como assim você diz?

exemplo nº 38

- 1 I2: /.../eu ouço eles dizendo eu canso de ouvir:
 2 ATÉ:: DIGO: VENHA: CÁ:: NÃO vou aí não tô
 3 tomando ((risos)) aqui um copo de cana (aí
 4 tem vergonha) aí diz você é FORTE' VIU:VINHA:
 5 digo SOU SOU FORTE MERMO' você tá bebendo sua
 6 cerveja' sua CA:CHAÇA AÍ::... você...tá fazendo
 7 pouco de mim: diz assim RE:ZE EM MIM AGORA::
 8 mas que é só por safadagem mesmo' não eu não
 9 vou rezar be:bo não: ((risos)) se tivesse cum
 10 doença eu rezava/.../

No primeiro caso, a informante, uma viúva jovem, vale a pena ressaltar, imagina que a entrevistadora pergunta se os homens a olham com interesse sexual, ri e pede para que a entrevistadora lhe confirme a hipótese.

Já no segundo caso, a informante ri quando acaba de falar sobre bebida e homens bêbedos, um assunto que, tanto quanto sexo, nas classes populares, não se quadra bem na boca de mulheres.

Assim sendo, o riso se configura como uma escusa por se tocar num assunto que constitui interdito. Difere do riso que foi chamado “de mitigação” porque neste que ora estudamos a informante não teme ofender ninguém em particular, apenas quer ressaltar o caráter “imoral” de tal assunto e se resguardar de uma possível imagem negativa de sua face.⁴

Notemos que, em nenhum caso observado durante o exame do corpus o riso tem um caráter meramente lúdico, os participantes da entrevista riem várias vezes, como mostramos, mas em todas elas, o riso nunca tem o caráter do rir por brincadeira, rir por rir, sempre esconde atrás de si alguma coisa relacionada a algo exterior a si mesmo.

⁴ Conceito: “Face”, como já anotamos no capítulo II, é um conceito exarado por Goffman e se refere à avaliação positiva que uma pessoa deseja que os outros tenham dela mesma durante um evento particular

Isto é mais uma pequena demonstração de como as coisas “dispensáveis”, menores, devem chamar a atenção do analista e não serem, simplesmente, relegadas ao esquecimento. Se assim fosse, não valeria a pena analisarmos, bastaria ficarmos simplesmente com a aparência e com os postulados do senso-comum.

3.2.5.3 - Correções

As correções funcionam como organizadores locais dos turnos (MARCUSCHI, op.cit.: 28ss.) e indicam um engajamento do falante em relação a eles (SCHIFFRIN, op.cit.: 27ss.).

As correções tento podem ser iniciadas pelo falante que detém o turno, quanto por seu interlocutor. Vejamos os exemplos:

exemplo nº 39

1 I2: num dia de quin/ de SEX:TA: FEIRA:’ CA:iu a

2 DA:ta ...de meu NAS:cimento’

3 [hum] [certo

.....
 4 I2: /.../ MA-MÃE:: NAS-CEU: EM MIL NO-VE-CENTOS: ‘

5 e oitenta: e./ NOVENTA E OITO

6 S1: [mil oitocentos e

7 noventa e oito” né?

8 I2: [OITO:

No primeiro destes trechos, tem-se uma autocorreção e no segundo uma heterocorreção⁵ sobre dados que se consideram importantes. Isto indica um compromisso com a veracidade das informações por parte de ambos os falantes.

Este tipo de correção pode dar pistas sobre dados que o falante considera importante. A informante, por exemplo, corrige-se no primeiro destes exemplos na linha um por causa do dia da semana, não se importando com o século (linhas 4 e 8). De fato, para ela, ter nascido na sexta-feira e não na quinta-feira é uma marca mística em seu destino. Ela é rezadeira e a sexta-feira, em nosso folclore, é um dia carregado de cores mágicas das quais a quinta-feira é desprovida.

A socióloga, de formação acadêmica e preocupada com o que a ciência oficial considera exatidão, não liga importância ao dia da semana.

⁵ Conceito: autocorreção chamamos ao fenômeno que se dá quando o falante corrente percebe que errou ou tem sua atenção chamada pelo parceiro e ele mesmo, falante corrente, retifica seu erro. Heterocorreção acontece quando o falante corrente não retifica uma informação evidentemente equivocada, percebe-a ou não, e o parceiro toma a liberdade de corrigi-lo ao invés de chamar-lhe a atenção para o erro.

Antes, o que a incomoda profundamente é o erro referente ao século, na data de nascimento da mãe da informante, o que aliás, não lhe dará a mais mínima informação sobre a questão em estudo, que é o trabalho feminino, como já frisamos.

Esta diferença de focalização não pode ser eliminada, uma vez que evidencia expectativas culturais diferentes manifestadas de forma inconsciente, durante a entrevista. A entrevistadora, por mais bem treinada que seja, jamais poderá deixar de ser o que é, esquecendo a educação formal que teve durante anos, simplesmente por um esforço de vontade. Porém um fato como este não pode ser desprezado durante a análise.

Uma correção pode ser proposta e aceita (mesmo tacitamente) como no caso acima, ou proposta e rejeitada, como abaixo:

exemplo nº 40

- 1 I5: /.../ quando foi no se:GUN:DO A:NO:'... eu TI:REI:'
- 2 TREZENTO: E TRIN:TA E:: QUATRO:: LITRO DE MEL:'
- 3 AÍ: E:LA já ficou MAIS::
- 4 S2: trezentos e trin:ta::?
- 5 I5: SIM::...TRE:ZENTOS E TRIN::TA'

Aqui o entrevistador, detectando um possível erro de informação no dado do entrevistado (acidental ou hiperbólico) sobre a quantidade de mel produzido, convida-o a corrigir este índice numérico. O informante, ao invés, confirma a afirmação dada.

Porém, nem só informações podem ser corrigidas. Também a organização do turno é passível de sê-lo, em termos estruturais. Vejamos um exemplo:

exemplo nº 41

- 1 S2: E O SE:NHOR:...por::que qui o se/ quais foram
- 2 os RE:sultado qui o senhor TE:VE:...com A
- 3 CRIAÇÃO DE a:belha? TE:VE AL:GUM:
- 4 RE::SULTA::DO:?

Este tipo de autocorreção é bastante comum e aparece tanto na fala do entrevistador quanto na do entrevistado, mostrando o envolvimento que os falantes têm com a organização estrutural da mensagem veiculada.

3.2.6.1 - Perguntas e respostas

Existe na conversação uma constante alternância de turnos, compondo uma seqüência em “movimentos coordenados e cooperativos” (MARCUSCHI, op.cit. 34). Algumas destas seguem um padrão bem determinado, formando pares adjacentes (cf. SACKS, SCHEGLOFF et JEFFERSON, op.cit), ou seja, uma seqüência de dois turnos de “concorrência obrigatória, dificilmente adiável ou cancelável” (MARCUSCHI,op.cit.: 35).

Entre os vários tipos possíveis de pares adjacentes está o par “pergunta e resposta” que predomina nas entrevistas. Porém é preciso notar que nem toda interrogação é pergunta. Veja-se o exemplo:

exemplo nº 42

1 S2: /.../ O SE:NHOR É DA ON::DE?

2 I5: Olho d'Água de Nossa SENHORA: NÉ:?

A primeira interrogação (linha 1) é uma pergunta real, o entrevistador, por algum motivo, deseja mesmo saber a proveniência do entrevistado. Já a segunda interrogação (linha 2) não pode ser tomada por uma pergunta, já que não faria sentido o informante ter dúvidas sobre de onde vem. Esta interrogação ou tem uma mera função fática, ou é um

indicador de passagem de turno, ou ambos. Pode também indicar a consciência por parte do entrevistado da diferença de identidade social entre ele e o entrevistador, evitando “faltar com o respeito” através de uma resposta categórica.

Por outro lado, imagina-se que numa entrevista só o entrevistador faça perguntas, o que não é verdade, como se pode ver abaixo:

exemplo nº 43

- 1 S1: /.../ como é SER fazendeira?
- 2 I1: ser fazendeira?
- 3 S1: isso'
- 4 I1: é:...possuir ter;ra: criar ga:do:né:?

Note-se que a pergunta da linha 2, um pedido de esclarecimento sobre a pergunta anterior, é radicalmente diferente das perguntas da entrevistadora, já que não versa sobre questões externas ao discurso, mas inerentes a ele, mesmo assim, não deixa de ser uma pergunta que tenha de ser respondida. Tal questão deriva da obviedade da pergunta da linha um, segundo a opinião da informante. A sua pergunta, sob a forma de repetição parcial da fala da entrevistadora, é um pedido para que a socióloga confirme ou reestruture seu turno. Isso feito (linha 3), a questão em pauta é

respondida seguida de um “né” que solicita à entrevistadora a confirmação de que aquela resposta à satisfaz.

A entrevistada, ao pedir que a socióloga esclareça a pergunta, demonstra reconhecer uma obrigação de sua parte (da entrevistada) em responder com clareza às perguntas. Além disto, segundo Hoffnagel (1992,28):

“perguntas que pedem esclarecimento têm a ver com problemas endotextuais e normalmente ocorrem quando há um baixo índice de compreensão mútua, ou algum tipo de assimetria na relação com o menos poderoso fazendo pedidos de esclarecimento”.

Pode-se ver que neste caso não há problemas endotextuais graves, a entrevistada compreende a pergunta, se bem que esta lhe pareça inusitada ou irrelevante. Seu pedido de esclarecimento, então marca uma diferença de visão de mundo, um descompasso entre o que é relevante para uma e para outra, além de um reconhecimento da desigualdade de papéis sociais que existe entre elas, fazendo com que a informante faça um esforço de análise para tentar entender a dimensão de um questionamento que lhe parece irrelevante.

3.2.6.2 - Narrativas

Além das seqüências mínimas, representadas pelos pares adjacentes, existem outras maiores, embora igualmente regidas por regras mais ou menos fixas. Entre estas seqüências encontram-se as narrativas localmente produzidas.

Jefferson (1978: 220) afirma que há duas maneiras pelas quais uma narrativa pode ser introduzida durante a conversação. Na primeira delas, a narrativa surge como que abruptamente no processo de tomadas de turno, quando alguma coisa dita num dado momento da conversação leva um dos participantes a iniciar uma narrativa que pode ou não ser topicamente coerente com a fala em curso. Um segundo processo se dá quando a narrativa é metodicamente introduzida na tomada de turno, através de mecanismos que sinalizam a relação entre o que será narrado e a fala anterior (cf. OLIVEIRA, 1994: 119).

3.2.6.2.1 - Narrativas metodicamente iniciadas

Este tipo de narrativa localmente ocasionada é introduzida por técnicas explícitas e funcionam como um elemento claramente ancilar à

entrevista. Normalmente, são respostas à perguntas sobre questões relacionadas a eventos passados e, naturalmente, exigem a explicitação da informação em forma de discurso narrativo. Por exemplo:

exemplo nº 44

- 1 S1: você já escutou algum comentário:? NÃO:?
 2 I1: JÁ:?
 3 S1: co-como foi o comentário?
 4 I1: BOM: ele disse assim qui...qui sou mulher que
 5 tem CO:rage:’ de resolver AS: COISA:... que
 6 não é toda mulher que faz isso’SABE?...hoje
 7 mesmo quando eu cheguei lá...e: o homem que
 8 foi comigo:...AÍ:...foi:...o veterinário
 9 I1: PEGUE: aqui na cabeça da VA:CA:’ aí eu disse
 10 NÃO quem vai pegar SOU EU... aí (foi) NÃO:’
 11 quem vai pe:gar sou eu’... que mulher num::
 12 I1: segura eu disse bom’ mas quem ferrava o gado
 13 aqui no curral era EU’ POR QUE EU NÃO SEGURO

- 14 NA CABEÇA DE UMA: VA:CA? que ela já tá
15 DEI:TA:DA::? (aí fica tudo) fica pensando
16 AS:SIM:’ como é que eu faço ISSO:’NÉ?

A entrevistadora, pesquisando sobre o trabalho feminino e a concepção que dele fazem homens e mulheres da região, procura um comentário exemplar sobre esta visão. A primeira pergunta é se há algum comentário específico sobre o assunto, confirmada a hipótese, a entrevistadora pergunta sobre “o” comentário. Esta mudança de um pronome indefinido para o artigo definido marca claramente seu desejo de recolher um comentário que a entrevistada considere exemplar e relevante. Esta assim o compreende e, para localizar um exemplo real e não apenas uma generalização, a informante narra a circunstância em que ele foi exarado. O fato é narrado com brevidade e em perfeita coerência com o tópico da entrevista.

3.2.6.2.2 - Narrativas abruptas

As narrativas iniciadas abruptamente, isto é, sem requerimento da parte do entrevistador, são comuns no corpus. Elas, como se disse, podem ter ou não a ver com o tópico que está sendo desenvolvido. Observe-se:

exemplo nº 45

- 1 S1: /.../ elas dizem o que da senhora?
- 2 I2: elas diz MAS VIÚVA: VOCÊ...RE:ZA: BEM: DE:MAIS
- 3 você curou meu filho' curou meu irmão' MEU PAI:::'
- 4 meu tio' minha famí:li:a dos SÍ:TIO vem gente...
- 5 para curar as PES:SOA
- 6 S1: hum
- 7 I7: e (dize) que tem muita FÉ:'
- 8 S1: hum
- 9 I2: DEMAIS:::' AS MU:LHER MAIS MULHER home é muito
- 10 dí-fi-ci' no home HO:JE VEIO UM A:QUI:' QUI
- 11 TÁ CUma/ com um car/ com um caroço assim no
- 12 MEIO: VEI ME MOSTRAR e me pedir pra RE:ZAR:'
- 13 aí ele disse SABE QUE É ISSO AÍ::? É um lo:bim
- 14 que saiu no seu dedo no seu dedo do pé
- 15 S1: hum
- 16 I2: é um lo:bim: e ele disse que tá doendo mui::to'
- 17 e o pé tá é IN:CHA:DO eu disse é lobim' lobim
- 18 I2: sai em qualquer parte' PES:coço' SAI...em CA:BE:ÇA
- 19 sai...em em/ no COR:PO em qualquer CAN:TO do
- 20 corpo' não tem canto marcado nele eu tô achando
- 21 Que é um lobim MER:mo' eu digo (isso é) só lobim
- 22 e ele num tá DU:RO' ele disse tá vendo se fosse

- 23 ferimento uma pioca do oi RO:xo aí tinha pús
24 isso vai ser um lobim:.'

Neste caso, o tema da entrevista é o trabalho feminino e o tópico (q.v. cap. IV) é a opinião dos homens e das mulheres da região sobre a atividade de rezadeira. Sob este ponto de vista, a narrativa apresentada não é coerente com a fala anterior.

Diferentemente do que estudamos quando do exemplo anterior, a pergunta pede opiniões genéricas e não alguma em especial. Sendo assim a narrativa não é solicitada. Além disto, a pergunta refere-se à opinião de mulheres, já que a opinião dos homens já houvera sido comentada pela entrevistada anteriormente.

Baseados em Jefferson (op.cit.:222ss.) podemos dizer que tal fato decorre de uma certa informalidade na conversação, que causa um afrouxamento no controle do tópico. No exemplo abaixo, temos coisa diferente:

exemplo nº 46

1 S1: SIM Z. AÍ:... quando você casou' você continuou

- 2 trabalhan:DO:?
- 3 I2: continuei trabalhan:DO'
- 4 S1: em QUÊ?
- 5 I2: em serviço de RO:ÇA'
- 6 S1: hum
- 7 I2: pran:TAN:DO' ... CO:lhen:do: '/.../'
-
- 8 I2: EU... a-A:PRON:TAVA E ALIM:PAVA::' num tão
- 9 tão aprontando/ NÃO TEM: Á:GUA:' a gente não
- 10 tem ÁGUA: a vida da gente é correr atrás d'água'
- 11 eu mermo corro atrás d'água de dia e de noite'
- 12 U:MA: NOITE: DESSA: EU: VIM:: DE SEIS:: HO:RA:'
- 13 PRA PEGAR UMA LATA D'ÁGUA no ÔNIBU' DE SEIS
- 14 HORA de Pau DE FER:RO:...passou por mim de
- 15 SEIS:: HO:RA' eu vim COM: A LATA' UM DI:A
- 16 I2: DE NO:VEM:BRO'EU SAÍ: DAQUI: DE SE::IS
- 17 HO::RA: '/.../'

Aqui, a narrativa que surge abruptamente dentro do tópico “serviço de roça” não tem a ver nem com o tópico nem com o tema da entrevista. esta narrativa que surge e versa sobre falta de água, de um ponto de vista formal, não tem a ver com o corpo da entrevista. No parágrafo 4.1.1 deste trabalho, estudaremos mais detidamente este trecho e verificaremos que motivos levam a entrevistada a tomar este caminho.

No momento, notemos que a entrevistadora não solicitou qualquer narrativa, direta ou indiretamente. Não há indício que a socióloga quisesse uma exemplificação sobre como seria um dia exemplar de trabalho, por exemplo, da informante enquanto jovem. Entretanto, o “hum” da linha 6 indica que a informação de I2 em seu turno anterior deve ser suplementada. Isto se depreende porque a entrevistadora em seu turno não muda o tópico, apenas repassa a palavra à informante com aquele “hum”. Em outras palavras, a socióloga pede à entrevistada que esta explique o que é “serviço de roça”.

Daí poderia surgir uma narrativa, pois a informante poderia achar mais apropriado dar um exemplo do que seria um dia, ou outro período de tempo, de serviço de roça, entretanto, vemos que ela passa a usar verbos no gerúndio (plantando, colhendo, etc.) que indica uma visão pontilinear do tempo, ou seja, descaracterizando a formação da narrativa. Mesmo quando a informante usa o imperfeito (aprontava e alimpava) não está narrando. A narrativa, de fato, nada tem a ver com o trabalho da juventude da informante, mas sobre dificuldades muito mais atuais, como veremos no próximo capítulo.

3.2.6.2.3 - Narrativa como subversão da estrutura de participação

Na entrevista, os papéis do entrevistador e do entrevistado não são intercambiáveis e isto dá muita força a um dos interlocutores, pois é o entrevistador a quem cabe a organização do discurso, a seleção dos tópicos relevantes, a palavra final sobre a validade ou não de um argumento, etc..

Já na narrativa é “função do narrador elaborar e dramatizar o evento, o que o coloca na posição de falante principal ou primário a quem, implicitamente é garantido o direito à palavra (*floor*), até que a história seja encerrada” (OLIVEIRA, op.cit.:35). Assim sendo, notem-se que certas narrativas longas, engendradas por associação tópica (ver capítulo IV) e, como acontece no exemplo anteriormente discutido, sem nexos aparentes com a fala anterior, aparentam ser tentativas de equilibrar o relacionamento entre informante e sociólogo através de subversão da estrutura de participação típica deste evento de fala, como no seguinte caso:

exemplo nº 47

1 I2: eu só QUERO trabalhar e re-re:ZAR:’ acredita?...

2 não boto na cabeça outra coisa... NE:GOÇO de

3 televisor eu não gosto /.../ só GOSTO DE RE:ZA

4 E TRABAIA:’ trabalhar é comigo mermo

5 S1: ham

.....

6 I2: inda essa semana passada vei duas mulher de

- 7 CATO:LÉ ass/ fazer uma cura A:QUI:' fazer
 8 outra NO BELÉM:... e eu fui mais ELAS fumu
 9 o: rapaz que veio de caicó quando chegamo no
 10 beijo DA PISTA: eu digo agora nós vamo parar
 11 um carro a mulher disse COMO É? eu vou rezar
 12 a oração de VI-A-JAR:' PE:GEI TRÊS PEDRA'
 13 fiz a ORAÇÃO: quando nós cuidemo o primeiro
 14 carro que veio era um: de Caicó o home COM:PRA:dor
 15 de GA:DO' e comprador de carro' só foi duas
 16 palavra quele disse a profissão dele era essa
 17 aí trouxe nós de GRA:ÇA: aí decemo aí na
 18 frente da CADEI:A::...aí ele GOS:TEI DA SENHO:RA
 19 e que a senhora...vei me dizendo que desde novembro
 20 I2: eu venho tendo prejuízo /.../ eu digo e o senhor
 21 I2: porque não muda de ra:mo:? quando um negócio
 22 não dá: a/ o senhor fique só com o GADO:' e
 23 deixe isso' esse negócio de/ de comprar carro:'
 24 porque CAR:RO É muito PE:RI:GO:SO' e (às vezes
 25 é roubado)
 26 S1: sei

 27 I2: /.../ o senhor fique só com o ramo de gado que
 28 o gado DÁ:'
 29 ô Z.'
 30 [o se:NHOR é fa:ZEN:DEI:RO:' eu disse com ele:'

31 S1: hum

32 I2: ele disse pois a senhora é conselheira/.../ sei

33 que o carro não tá dando mais' comprar e vender'

Vemos que durante este longo trecho, enquanto dura a narrativa, que, aliás, não tem nada a ver com o tema da entrevista, é a informante quem domina a fala. Vemos como na linha trinta e um ela nega à S1 o direito de interrompê-la. Narrar inibe a toma da de turno e força o ouvinte a exercer o papel de *story recipient* (cf. JEFFERSON, 1978: 225).

A duplicidade de papéis da entrevistadora neste caso fica clara na linha vinte e sete. Seu papel é duplice porque, enquanto entrevistadora, é sua atribuição manter o tópico da entrevista, como ela tentará fazer na linha trinta e um, entretanto como *story recipient*, sua atribuição é apenas apoiar a narradora. Assim sendo, ela passa de falante principal para falante secundária, pelo menos durante o momento da narrativa. É esta modificação de papéis que nos referimos acima quando falamos de subversão da estrutura de participação.

Já que, como vimos, neste caso a narrativanão fora solicitada pela entrevistadora, não dá suplementação a alguma informação anterior e, topicamente, não tem relação com a fala anterior, pode ser que sua função

seja de transformar a entrevistadora em ouvinte e a entrevistada em narradora. Isto acontecendo, a atribuição de organizador do discurso se transferiria de S1 para I2.

Isto demonstra claramente que a entrevista não é uma técnica discursiva neutra, um mero instrumento de coleta de dados, mas sim um espaço de negociações e conflitos e assim deve ser analisada.

Também é importante ressaltar que o estudo dos organizadores locais do discurso presentes na entrevista, como as regras de tomada de turno, hesitações, etc. não levam apenas a um estudo formalista, mas são pistas importantes para esclarecer pontos de colaboração e conflito, assim como demonstrar a presença desta colaboração ou deste conflito em passagens aparentemente “inocentes” da entrevista, dando pistas de valor considerável para o analista que considere outras questões além das meramente lingüísticas.

Queremos ressaltar também que as ilações aqui tiradas sobre pontos específicos não são, nem pretendem ser, verdades absolutas, mas apenas significados possíveis para os fenômenos em estudo. Nosso maior objetivo foi exemplificar como pistas formais podem servir a investigação sociológica, sem pretender fechar a discussão sobre o assunto.

CAPÍTULO IV

A ESTRUTURAÇÃO TÓPICA

Que a organização local da entrevista possa ser chamada de sua “forma”, e que seja fácil admitir que exista uma forma geral para um certo tipo de entrevista, é fácil de admitir. Entretanto não parece plausível admitir que exista algo constante no conteúdo destas entrevistas.

Normalmente, o que se considera “conteúdo” de uma entrevista são as informações nela veiculadas sobre algum assunto que é alvo de pesquisa. O principal móvel que leva o pesquisador a realizar uma entrevista é obter estas informações que lhe servirão de principal objeto de análise.

Se assim fosse considerado, seria impossível fazer uma análise do “conteúdo” do gênero entrevista, pois cada uma delas veiculará informações diferentes. De fato, não se pode equiparar as informações obtidas por um entrevistador na Groenlândia preocupado com pesca, com as de outro na Austrália, inquirindo sobre moda. Toda similitude encontrada porventura nestas entrevistas se deveria não ao uso da entrevista, mas a coincidências ou a leis sociais mais complexas.

Entretanto, existe uma noção que em Glossemática chamar-se-ia de “forma do conteúdo”, isto é, a forma pela qual as informações se veiculam e se desenvolvem durante a entrevista, e é esta “forma do conteúdo” que se vai estudar neste capítulo.

É importante, pois, lembrar que verificaremos se existe uma forma geral na qual a entrevista dispõe seu conteúdo, o que influencia esta disposição e em que esta disposição do conteúdo interfere na análise.

Deve-se entender a alusão que fizemos à escola de Hjelmslev *cum grano salis*, apenas em termos de comparação distante. A teoria da estruturação tópica que exporemos não tem nada a ver com ela, nem geneticamente, nem epistemologicamente. Somente coincidem sob o aspecto de considerarem que as informações e as idéias não são objetos abstratos, mas que se ligam a estruturas bastante concretas no discurso.

As referências teóricas que servirão de base para este capítulo serão “Topic As a Discourse Notion: A Study of topic in the conversation of Children and Adults” de Keenan e Scheffelin (1976) e “‘Sharing Time’ : Children’s narrative Styles and differential access to literacy” de Michaels (1981) ambos versando sobre a noção de tópico em narrativas conversacionais. Neste trabalho, exploramos de que maneira tais conceitos

podem ser aplicados ao tipo de interação em estudo, o que parece ter dado resultados satisfatórios, na medida em que nos demonstrou de que forma se estrutura ou se organiza a progressão temática no modo discursivo estudado. Outros autores também serão usados, sempre que houver necessidade ou conveniência.

4.1 - Organização Tópica

A seleção e organização dos tópicos de uma entrevista deveria ser de responsabilidade unilateral do entrevistador que a provocou. Este deveria conseguir manter seu tópico pelo menos durante um par pergunta-e-resposta e relacioná-lo, ao menos indiretamente, ao tema da pesquisa em andamento. Imagina-se que as possíveis digressões surgidas durante as respostas dos entrevistados não tenham a maior importância, devendo, por isto, ser rapidamente abortadas pelo investigador. Ao menos assim rezam os manuais.

Tal posição, como se verá, não corresponde aos fatos e deve ser debatida com atenção.

4.1.1 - Tópico Centrado e Tópico Associado

Keenan e Scheffelin (op.cit.: 342) afirmam que

“a discourse topic is a proposition (or set of propositions) expressing a concern (or set of concerns) the speaker is addressing. It should be stressed that each declarative or interrogative utterance in a discourse has a specific discourse topic. It may be the case that the same discourse topic is sustained over sequence of two or more utterances.”⁶

O tópico entretanto, não é algo que se defina somente por seu conteúdo. Na verdade ele é um procedimento que revela interessantes características estruturais, cujo estudo pode ser bastante relevante, principalmente quanto ao mecanismo de mudança tópica durante a conversação.

Para Michaels (op.cit: 243 ss.) o tópico pode ser centrado ou associado, sendo centrado aquele cujo

“Thematic development was characteristically achieved through a linear progression of information, providing focused description of a single event or object... there is a high degree of a topic cohesion in that key items refer to a discrete cultural routine” (id.op.cit.: 428)⁷

⁶ Tradução: “um tópico discursivo é uma proposição (ou conjunto de proposições) que expressam um assunto (ou conjunto de assuntos) emitidos pelo falante. Deve-se reforçar que cada afirmação ou pergunta do discurso pode ter um tópico específico, mas pode acontecer o caso de um mesmo tópico discursivo se manter por uma seqüência de duas ou mais declarações”.

⁷ Tradução: “desenvolvimento temático foi caracteristicamente realizado segundo uma progressão linear de informações, mostrando-se uma descrição centrada de um objeto ou evento singular... este é um grau alto de coesão tópica, no qual os itens chaves se referem a uma rotina cultural discreta.”

O discurso acadêmico, principalmente o escrito tende a dar preferência a este tipo de desenvolvimento tópico.

Claro deve ficar que a noção coerência e logicidade de tal desenvolvimento temático depende de uma “rotina cultural”, não tendo nada de “natural” ou “universal”. Uma descrição “focada” de um objeto dependerá da lente por que se olha e não do discurso ou do objeto em si.

A questão da construção do objetivo e do subjetivo assim como dos conceitos de racional e irracional, lógico e ilógico, contínuo e descontínuo como termos socialmente construídos e valiosos é, aliás, um tema já bastante debatido em Filosofia e Epistemologia (cf. CARVALHO, 1991, por exemplo) e não caberia aqui discuti-lo *a priori*. Tomemos, por enquanto apenas, os termos “coerente” e “lógico” como nos são dados pela tradição escolar ocidental e pelo senso-comum.

Dentro destes parâmetros, um exemplo de tópico centrado seria o abaixo:

exemplo nº 48

1 S1: /.../ Onde foi que você NAS:CEU:’

2 I1: eu nasci em Riacho dos Cavalos

3 S1: Riacho dos Cavalos

4 I1: foi

5 S1: se criou:/ ficou até quanto tempo lá?

6 I1: ATÉ::' vinte e cinco anos

Neste exemplo, de aparência bastante banal, temos a descrição centrada de um evento (o início da vida da informante) inscrita numa rotina cultural discreta (tempo e espaço), que constituem o que definimos como tópico centrado.

Já o tópico associado, no nosso corpus, se manifesta, geralmente, sob a forma de narrativas, normalmente pessoais, implicitamente relacionadas com a fala anterior, mas não por uma rotina cultural discreta, mas por uma lógica própria.

A associação tópica é geralmente caracterizada por usar pouco os conectivos lexicalizados indo raramente além do uso do "e" ou do "e", ligando os fatos narrados sem explicitar suas relações com o tema central tratado. Isto dá a impressão de que o discurso não tem começo, meio ou encerramento e que o falante discorre sobre tópicos associados ao acaso e sem objetivo definitivo. Porém, uma análise pormenorizada de tais passagens

indica que o indivíduo não está simplesmente ligando idéias livremente ou passeando de tópico a tópico ao acaso, mas ele escolhe o que dizer visando um objetivo dado (MICHAELS, 1981: 429). Por exemplo:

exemplo nº 49

1 I2: continuei trabalhan:DO'

2 S1: em QUÊ?

3 I2: em serviço de RO:ÇA'

4 S1: hum

5 I2: pran:TAN:DO'... CO:lhen:do:'/.../

.....

6 I2: EU... a-A:PRON:TAVA E ALIM:PAVA::' num tão

7 aprontando/ NÃO TEM: Á:GUA:' a gente não tem ÁGUA: a

8 vida da gente é correr atrás dágua' eu mermo corro

9 atrás dágua de dia e de noite' U:MA: NOITE: DESSA

10 EU: VIM:: DE SEIS:: HO:RA:' PARA PEGAR UMA

11 LATA DÁGUA no ÔNIBU' DE SEIS:: HORA de Pau

12 DE FER:RO:.....passou por mim de SEIS:: HO:RA' eu vim

13 COM: A LATA' UM DI:A DE NO:VEM:BRO' EU

14 SAÍ: DAQUI: DE DE SE::IS

15 HO::RA: /.../

O tópico do trecho dado é o trabalho na roça da informante em dado momento do passado. Na linha 7 há uma mudança do tempo para o presente. Note-se como isto se dá com o auxílio do verbo “aprontar” (Eu aprontava/ num tão aprontando) que muda o tempo gramatical para servir de ponte a uma mudança no tempo da narrativa. Levando sua fala para o presente, que é o que interessa à informante, ela passa rapidamente do trabalho de roça para seu problema atual, isto é, a falta de água. Isto não se dá aleatoriamente, mas denuncia um planejamento por parte de I2 visando um objetivo, falar de seu problema a alguém de fora da sua comunidade e que parece ter trânsito junto a um órgão do governo.

Outro mecanismo de passagem de um tópico a outro é a repetição da palavra “água” na linha 8. Note-se que a informante aponta a não existência de água, da primeira vez com uma construção impessoal (não tem água), onde o verbo “ter” funciona como equivalente de “haver”, fenômeno corriqueiro no Português falado. Depois, a falta d’água é aproximada da falante através do uso da locução pronominal “a gente”, que equivale tanto a “nós” quanto a um indeterminador do sujeito. Finalmente na linha 9, o sujeito “a gente” dá lugar a “eu”. Logo, há a seguinte evolução de um tópico a outro:

a) eixo do tempo:

aprontava (passado) → não estão aprontando (presente)

b) eixo da água / sujeito:

não tem água (indeterminado) → a gente não tem água
(indeterminado / determinado) → eu mesmo corro atrás da água
(determinado).

Logo, a evolução tópica segue uma lógica discursiva impecável e bem planejada, apesar de ser diferente da lógica padrão da tradição escolar. A evolução do tempo e do sujeito, com a repetição da palavra “água”, chave do novo tópico, estão substituindo o uso tradicional de operadores argumentativos como conjunções, pronomes relativos, etc. e uma lógica baseada no silogismo que vai do universal para o particular, mas não de um particular a outro.

Outro exemplo interessante:

exemplo nº 50

- 1 I4: /.../ E: É:: ainda uma gran:de VANTAGEM::
- 2 I4: porquê você num PI: QUE: NO TER:RE: NO você cria um/
 3 MUITAS A:BE:LHAS' e ela e elas
 4 com (reforma agrária) qui elas elas num
 5 (invade) terra de ninguém
 6 hum hum
 7 eu mermo moro lá per:to DA: da: fazen:da dele
 8 dele qui ele num quer qui pas:se por DENTRO
 9 da ter:ra mas as mi:nha a:belha vai lá tirar
 10 só o QUI QUISER::' NUM EM:PATA' pra mim é uma
 11 GRAN:DE VAN:TAGEM:: NÉ? ...e/ ela faz uma refor:ma:
 12 : A:GRÁRIA (quase sem ninguém querer)... ((risos))
 13 NÉ?

O tema aqui é apicultura e suas vantagens, entretanto o informante leva a discussão, ou tenta levá-la, para o campo do problema fundiário, para isto, se utiliza de uma figura. Suas abelhas se tornam um símbolo e fazem a reforma agrária que, talvez, ele mesmo gostaria de fazer.

exemplo nº 51

- 1 S1: /.../você acha que o home é mais forte do que
 2 a mulher pra EN:carar a vida' PRA VIVER?
 3 I2: É:: MAIS: FOR:TE: '...HOME É:: mais forte
 4 S1: POR QUÊ?
 5 I2: TÁ TUDO/ NÓS SOMO A:...a o é:: ele:: é a
 6 SEMELHAN:ÇA
 7 DE CRISTO' e a mulher é a semelhança do do
 8 home' não pode ser a mul/ o home/ A MULHER:
 9 SER MAIS DO QUI O HOME'... porque a mulher já foi
 10 mulher já foi tirada da da COS::TELA: DE A:DÃO:

Note-se que a discussão sobre a igualdade entre o homem e a mulher não descamba para outro tópico, prosseguindo, aliás, por vários turnos, chegando a três páginas ou mais de transcrição (ver apêndice), indo desde a concepção religiosa acima até a igualdade no trabalho e na política. Assim também nas outras entrevistas o tópico centrado não só está presente, como muitas vezes predomina.

Isto se dá, também, porque o que é centrado e o que é associado, o que é associado, o que é contínuo e descontínuo, são coisas de avaliação, em última análise, subjetiva, não havendo marcas concretas para delimitá-los.

Assim sendo, parece que a centração ou associações tópicas não dependem exclusivamente, e nem principalmente, de estratégias conversacionais apriorísticas, e sim da relevância que os falantes dão a um assunto ou a um tema, conforme seus interesses mais imediatos.

Tudo isto indica que as entrevistas analisadas não são, de forma alguma, construções individuais de responsabilidade unilateral, pois se assim fosse, não haveria lugar para evoluções tópicas não previstas e o tópico seria sempre centrado nos interesses de um dos falantes.

4.1.2 - Continuidade e descontinuidade tópicas

Outro aspecto relevante no estudo do tópico é sua continuidade ou não. Para Keenan e Schefferlin (op.cit.: 342), o discurso pode ser contínuo ou descontínuo em relação ao tópico. É contínuo quando há colaboração tópica ou incorporação tópica e é descontínuo quando há introdução ou reintrodução tópica. No material analisado, tanto há momentos de continuidade, quanto de descontinuidades tópicas.

Tanto o tópico centrado quanto o tópico associado são contínuos, pois enquanto no primeiro o tópico se mantém em pauta sem evoluir para

outro (colaboração tópica), no segundo, a mudança se dá gradualmente, seguindo uma lógica conversacional (incorporação tópica).

Como já discutimos antes, nem todos os falantes terão a mesma idéia de lógica conversacional, de modo que aquilo é contínuo para um pode ser descontínuo para outro. Entretanto, há algumas pistas para asseverar a continuidade do tópico associado (marcadores de passagem), como, por exemplo, o fato da associação se dar dentro do turno, além de usar “*alibis*” como palavras, nomes, lugares, ou outros pontos comuns aos dois assuntos que se querem ligar, ou mesmo usar marcadores gramaticais para fazê-lo. Como comentamos nos exemplos 49 e 50 (parágrafo 4.1.1), a passagem de um tópico a outro nunca é abrupta, mas bem planejada.

A descontinuidade tópica se dá em alguns momentos privilegiados, a saber:

- a) na abertura da entrevista;
- b) na introdução ao tema;
- c) na retomada do tema;
- d) em momentos de crise comunicativa insanável;
- e) no encerramento da entrevista.

4.1.2.1 - Abertura da Entrevista

Naturalmente, a entrevista não se dá sem uma prévia conversa entre o pesquisador e o entrevistado. Na verdade, imagina-se que o entrevistador tenha convivido algum tempo com seu informante ou, ao menos, tenha se apresentado e anunciado que gostaria de entrevistá-lo. É razoável esperar que antes de se iniciarem as perguntas, haja algum tipo de conversação entre o sociólogo e o informante.

Assim sendo, o primeiro turno da entrevista constitui-se numa descontinuidade tópica em relação a uma conversa que estava se desenrolando anteriormente. Esta descontinuidade esperada e necessária é feita através de um contrato entre as partes e não fere expectativas. Prova disto é que nenhum dos participantes das entrevistas estudadas tenta retomar o tópico da conversa anterior à entrevista. Pode-se dizer mesmo que tal conversa introdutória seja um contrato explícito entre as partes para a realização da entrevista.

Deve-se notar que o sociólogo sempre aparece como o responsável por esta descontinuidade tópica inicial, uma vez que sempre é dele o primeiro turno da entrevista.

Introdução ao Tema:

A introdução do tema pode coincidir ou não com a abertura entrevista. No nosso corpus, parece haver três tipos de introdução:

a) Introdução claramente descontínua em relação à abertura, como é o caso abaixo:

exemplo nº 52

1 S2: P.C. DA S. NÉ? O SE:NHOR É DA ON::DE?

2 I5: Olho d'Água de Nossa SENHORA: NÉ?

3 S2: E O SE::NHOR:...por::que qui o se/ quais foram

4 os RE:sultados qui o senhor TE:VE:...com A

5 CRIAÇÃO DE a:belha? TE:VE AL:GUM: RE::SULTA::DO:?

A curta abertura desta entrevista tem como tópico o lugar de origem do entrevistado. Logicamente, este não é o tema da entrevista, que será apicultura. O tópico seguinte é introduzido sem preparação alguma, causando uma descontinuidade em relação à abertura. Note-se que é o

entrevistador que rompe com a continuidade, introduzindo abruptamente o tema apicultura.

A introdução com tópico distoante do tema não é gratuita. Tem como função não só descontrair o entrevistado, fazendo-lhe perguntas fáceis, como seus dados pessoais, mas também testar se foi bem compreendido que a entrevista já começou sem prejuízo do tema a ser desenvolvido.

b) Introdução contínua por incorporação tópica, quando o tópico da introdução é ligado ao da abertura por associação. É o caso seguinte:

exemplo nº 53

1 S1: Ô:: Z. CON:TE' conte: sua vida desde quando você

2 nasceu' ON:DE foi que você NAS:CEU:::?

3 I2: NAS:ci no sítio RIACHO de Jardim:: no dia dezenove

4 S1: [hum]

5 I2: de vovem:BRO: de mil novecentos e VIN:TE: CIN:CO:'

6 S1: sei

- 7 I2: num dia de quin/ de SEX:TA: FEIRA:’ CA:iu a DA:ta... de
- 8 S1: [hum]
- 9 I2: meu NAS:cimen:to’
- 10 S1: [certo
-
- 12 I2: PA:PAI NAS:ceu em mil novecentos E::...e::...NO:venta
- 13 e: ...trinta e dois ((mostra dúvida)) faz UM SÉCULO
- 14 VI:vi:do:’ quele vai COM:PLETAR cem ano/ mil novecentos
- 15 e vinte e CINCO:’ UM SÉCULO:’ MA-Mãe:: NAS-CEU:
- 16 S1: [hum]
- 17 I2: EM MIL NO-VE-CENTOS:’ e oitenta:
- 18 e::/ NOVENTA E OITO
- 19 S1: [mil oitocentos e noventa e oito’ né?
- 20 I2: [OITO:
- 21 S1: é:: AÍ O que ERA qui qui... seu PAI FA:ZIA:’ Z.?
- 22 ele trabalhava de/
- 23 [ham] [A:GRI:CULTOR:
- 24 S1: e: sua mãe TAM:BÉM:?
- 25 I2: MAMÃE: ERA:’

O tema desta entrevista é trabalho masculino e trabalho feminino, entretanto a S1 abre a entrevista pedindo a I2 que lhe forneça dados pessoais. O objetivo disto, como já dissemos, é, além de contextualizar a entrevista, aliviar a tensão entre os interlocutores e localizar o início da

entrevista. Porém, diferentemente do exemplo anterior, em que se passa desta fase ao tema propriamente dito sem preocupação com a continuidade, a socióloga usa como “gancho” para a transição do assunto, perguntas sobre a ocupação dos pais da informante.

Notamos aqui um dos raros casos em que a associação tópica é usada pela parte escolarizada, mostrando que a socióloga é capaz de compreender e produzir tal fenômeno, e que, se não o faz tão freqüentemente quanto o fazem os entrevistados, tem razões outras além do puramente textual.

c) Introdução coincide com a abertura. É o caso a seguir:

exemplo nº 54

- 1 S2: seu J. P. e o SENHOR como é que o senhor começou
- 2 a CRIAR:: hein? por quê? O SENHOR num tinha
- 3 MEDO NÃO?

Pode-se dizer que nesta passagem não existe uma abertura, ou que a abertura e a introdução coincidem. Convém lembrar aqui que, como o primeiro turno cabe ao entrevistador, é dele a opção de eliminar ou não esta abertura, ou, se preferirmos, de fundi-la com a introdução.

4.1.2.2 - Reintrodução tópica

Observamos muitas vezes que novos tópicos são incorporados ao discurso através do processo de associação tópica, como discutido em 3.1.1. Afora o fenômeno discutido em 4.1.2.1 b, é sempre o informante a fazer tal associação tópica, afastando-se do tema, assim como é sempre o entrevistador a interrompê-lo, reintroduzindo o tópico do qual o informante ia-se afastando, como vemos no exemplo seguinte:

exemplo nº 55

1 S1: /.../ O QUERA que você tinha escolhido pra FAZER:

2 na vida? fora estudar?

3 I2: NE-GO-CI-AR' ((mostra empolgação)) eu já negocieei:

4 cum...cum TE:cido () já vendi: GA:LI:nha:...

5 já vendi: CE:BO:LA:...PORCO:/.../ eu gos:tava

6 de NE:gócio:' (minha estrela) era NE:GÓ:CIO'

7 negocieei: por isso que tem essas prateleira que é

8 minha' fui eu que enfren:tei'...(quando fez) poucos

9 S1: [é]

10 I2: anos depois que Svirino MORREU:'...SÓ DEIXOU:

11 PRA:TO E COLHER: E NADA MAIS::'eu enfrentei a

12 vida e comprei essa e AGORA... mandei fazer a coberta

13 : TODINHA:' tirei umas madeira VE:LHA FEI:A: tudo

14 que foi VÉI... foi tirado e butou tudo NO-VO'

15 S1: ô Z. agora como foi/ desde quando você começou

16 A A ser RE:ZADEIRA:?

O tema da entrevista era o trabalho. A informante desvia-se dele por meio de associação tópica e começa a falar de sua prateleira, da qual se orgulha, mas que não interessa à socióloga. Esta última reintroduz o tópico “trabalho” (no caso, ser rezadeira) sem se importar com o que é dito sobre Severino ou sobre a prateleira, causando uma descontinuidade tópica. Notamos nesta entrevista (F01AM2), o uso do vocativo “Ô Z.” como marcador de retomadas, indicando focos de interesse muito divergente entre a socióloga e a informante. Se isto pode demonstrar concepções de mundo diferentes e até mesmo “filosofia” de vida diversas, isto não abala a compreensão nem a coerência da conversação.

Não há separação estanque entre o discurso do sociólogo e dos informantes. Eles se articulam ora por confronto, ora por colaboração, por alianças e por “quedas-de-braço”. Isto não se dá como, se pode ver, por questões objetivas, mas como dizem Orlandi, Guimarães e Tarallo (1989: 135 ss.) por questões de natureza histórica e social que ora aproximam ora distanciam os falantes.

Assim sendo, a entrevista deve ser vista, também em termos de organização do conteúdo, como algo dinamicamente construído pelos interlocutores não sendo fruto do trabalho de apenas em deles.

Deve também o analista, sob este aspecto, verificar em que aspectos a “forma do conteúdo”, ou seja, a organização tópica da entrevista influencia a relação entre o entrevistador e o entrevistado e de que formas é influenciada por estes e, além disto, como esta distribuição da informação pela entrevista afeta a própria informação recolhida.

CAPÍTULO V

CONCLUSÃO

A entrevista, assim como a pesquisa sociológica e científica como um todo, não é algo neutro. Tudo que ocorre antes, durante e depois da entrevista tem um significado “oculto”, desde a escolha do tema até sua interpretação, passando por cada gaguejo, cada pigarro, cada silêncio.

Isto se dá porque as regras que regem a entrevista e a linguagem da mesma são regras sociais que fazem parte de regras mais gerais, perpassadas de conflitos de interesse e relações de poder. As regras que impõem uma tomada de turno ou uma hesitação na fala não são mais acidentais ou psicológicas que as regras que regem as relações de trabalho e não menos ricas em informações do que estas.

Assim sendo, é preciso olhar a entrevista como uma interação dialógica, onde não só o entrevistado que fala ou traz informações sobre o tema em foco e nem só o entrevistador é responsável pelo rumo que ela toma. A entrevista é um verdadeiro diálogo, muitas vezes, um diálogo de forças.

A primeira, e talvez única informação em primeira mão, que a entrevista nos dá é sobre si mesma, e se não compreendermos esta informação primordial, comprometeremos a compreensão de todas as outras informações que buscamos através dela. É preciso admitir que a entrevista é uma lente deformadora para corrigirmos as deformações que ela proporciona, sem isto nunca poderemos usar convenientemente este instrumento de pesquisa.

A higienização da entrevista implica num falseamento da mesma, dando uma impressão equivocada da interação. A própria transcrição pode ser já um princípio de análise facciosa, pois uma transcrição que busque “limpar” a entrevista dos seus elementos conflituosos, produzirá uma mera paródia do que foi esta entrevista.

Uma transcrição precisa, não só permitirá uma análise mais justa, como também poderá permitir uma reflexão sobre o próprio ato de pesquisar. A microanálise, aqui proposta, é um elemento facilitador para o analista, especialmente quando este é também o entrevistador, pois permite aprofundar a autocrítica a fornecer critérios objetivos para avaliar sua própria participação.

Mesmo que não se concorde com o método aqui exposto, deve-se compreender que a transcrição e a microanálise são atos ideológicos e toda proposta de transcrição deve ser baseada em fundamentos racionais e teóricos mais amplos.

Assim também, a análise das informações coligidas durante a entrevista devem seguir um critério rigoroso e não ficar relegada ao "impressionismo". Quanto mais claros os parâmetros para avaliação, melhor esta será conduzida.

Outras propostas para explicar a organização da entrevista num sentido genérico deverão surgir, não necessariamente semelhantes a nossa, talvez até antagônicas, mas cremos ter demonstrado, ao menos, que a entrevista está a merecer este tipo de tratamento.

Diante destas perspectivas não postulamos novos métodos de entrevista, nem a eliminação dos conflitos durante estas. Pelo contrário, o que se quer é que tais conflitos sejam encarados como fatos inevitáveis e indispensáveis para a construção do sentido da entrevista. O que desejamos é que sua existência seja considerada valiosa para a análise.

O diálogo entre o sociólogo e seu informante é possível, desde que seja encarado como um diálogo e não como um monólogo em duas partes.

A entrevista, em especial deve ser tida como um diálogo assimétrico, um diálogo de desiguais, que só poderá ser compreendido em toda a sua dimensão se esta característica dialógica e assimétrica for assumida pelo sociólogo.

4.2 - SUGESTÕES PARA TRABALHOS POSTERIORES

O presente trabalho pretende ter como mérito principal apresentar a entrevista como uma forma de conversação e propor que ela seja analisada como tal, mesmo que o modelo proposto necessite de adequações para se tornar realmente útil. É neste sentido que se propõe trabalhos posteriores.

Em primeiro lugar, poderiam ser tentadas propostas de microanálise diferentes, baseadas nesta ou naquela teoria sociológica mais ampla, dando demonstração cabal que a metodologia é um ato ideológico em todo seu contexto.

Seria extremamente interessante comparar análises feitas a partir de técnicas tradicionais e das técnicas aqui propostas sobre um mesmo corpus. Este procedimento poderia servir, mesmo reutilizando-se material antigo.

Em terceiro lugar, poder-se-ia investigar o comportamento do entrevistador conforme a classe social do entrevistado, se este varia ou se permanece uniforme, não só a nível superficial, mas também em termos de elementos microanalíticos. Isto serviria para demonstrar que a entrevista é um fato social onde a idiosincrasia interfere pouco, ou se ocorre o contrário.

Enfim, poder-se-ia verificar se outras formas de interação entre informantes e sociólogos, do tipo questionário, depoimentos, história de vida, etc. também podem ser analisados como forma de conversação.

BIBLIOGRAFIA

- 1 - BAKHTIN, Mikhail (Volosinov). **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo, Hucitec 1979
- 2 - BERREMAN, Gerard D. Etnografia e controle de impressões em uma aldeia do Himalaia. In GUIMARÃES, Alba Zaluar (org.). **Desvendando Máscaras Sociais**. 2ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980.
- 3 - CARVALHO, Maria Cecília M. de . **Construindo o Saber: Metodologia científica, fundamentos e técnica**. 3ed. Campinas: Papirus, 1991.
- 4 - CHARAUDEAU, P. **Langage et discours: éléments de semiolinguistique (theorie et pratique)**. Paris: Hachette, 1983.
- 5 - FRASER, Bruce. Conversational Mitigation. **Journal of programatics** 4, 341-350.1980.
- 6 - GALEMBECK, Paulo de Tarso. O Assalto ao turno: Continuidade ou ruptura? **Intercâmbio** vol. IV, 29-40, 1994.
- 7 - GALEMBECK, Paulo de Tarso; SILVA, Luiz Antônio da et ROSA, Margaret Miranda. O Turno conversacional. In PRETI, Dino et URBANO, Hudinilson (org.). **A Linguagem falada culta na cidade de São Paulo**. vol. IV. São Paulo: T.A. Queiroz/FAPESP, 1990. 59- 98.
- 8 - GOODE, William J et HATT, Paul K. **Métodos em Pesquisa Social**. 6 ed. São Paulo: Nacional, 1977.
- 9 - GUMPERS, John J. **Discourse Strategies**. Cambridge (Mass.) : Cambridge University Press, 1982.
- 10 - HOFFNAGEL, Judith C. Poder nas interações verbais entre os sexos **Investigações**. vol II, 1992.
- 11 - HYMES, Deel. Models of the interaction of language and social life. In GUMPERS, John J. et HYMES, Deel (org.) **Directions in sociolinguistics**. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1972.
- 12 - JEFFERSON, Gail. Sequential Aspects of storyelling in conversation. In SCHENKEIN, JIM (ORG.). **Studies in the organization of conversational interation**. New York: Academic Press, 1978. 219 - 248.

- 13 - KANDEL, Liliâne. Reflexões sobre o uso da entrevista, especialmente a não-diretiva, e sobre as pesquisas de opinião. IN THIOLENT, Michel (org). **Crítica metodológica, investigação social e enquete operária**. 2 ed. São Paulo: Polis, 169 - 190.1981
- 14 - KEENAN, Elionor Ochs et SCHIEFFELIN, Bambi B. Topic as Notion: a study of topic in the conversation of children and adults. In Ch. N. LI: **Subject Topic**. New York: Academic Press, 1976. 335- 384.
- 15 - MAHER, Sônia Maria Corsa et FONSECA, Suzana Carielo da. Discutindo a relação tomada de turno / troca de papel na interação. **The Specialist** vol. 14, número especial, 01 - 16.
- 16 - MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Análise da conversação**. São Paulo: Ática, 1986.
- 17 - _____ . A Repetição na Língua Falada, Formas e funções. (mimeo). Recife: UFPE - CAC - DL, 1992.
- 18 - MICHAELS, Sarah. "Sharing time": Children's narrative styles and differential acces to literacy. **Language and Society**, 10, 423 - 442. 1981.
- 19 - NOGUEIRA, Oracy. **Pesquisa Social: Introdução às suas técnicas**.3 ed. São Paulo: Nacional, 1975.
- 20 - OLIVEIRA, Maria do Socorro. **Contar estórias: Um Evento de fala em análise**. Tese (Doutorado em Ciências), Instituto de Estudos da Linguagem - UNICAMP, 1994.
- 21 - ORLANDI, Eni Pulcinelli; GUIMARÃES, Eduardo et TARALLO, Fernando. **Vozes e contrastes: Discurso na cidade e no campo**. São Paulo: Cortez,1989.
- 22 - PÊCHEUX, Michael. **Semântica e discurso: Uma Crítica à afirmação do óbvio**. Campinas: UNICAMP, 1988
- 23 - SACKS, Harvey; SCHEGLOFF, Emanuel et JEFFERSON,Gail. A Simplest systematics for the organization of turn - talking for conversation. **Language** 50, 696-735, 1974.
- 24 - SCHIFFRIN, Deborah. **Approaches to discourse analyses**. Oxford: Blackwell, 1994
- 25 - SELTZ, C. et al. **Métodos de Pesquisa das relações Sociais**. São Paulo: EDUSP/Herder, 1965.
- 26 - SIGNORINI, Inês. Opacidade e transparência em interações assimétricas escolarizado/não-escolarizado. **Revista Letras**. vol. 11, 1 e 2, 1992.

- 27 - _____. Explicar e mostrar como fazer x em situações dialógicas assimétricas.
Trabalhos em lingüística aplicada 18, 127 - 155, jul/dez. 1991.
- 28 - THIOLENT, Michel. **crítica metodológica, investigação social e enquete operária**.
2ed. São Paulo: Polis, 1981.

ANEXO

FO1AM1: Entrevista realizada no dia 23 de março de 1994 na cidade
de Brejo do Cruz- PB.

S1: sexo feminino, mestranda em Sociologia Rural UFPB, 25 - 30 anos.

I1: sexo feminino, fazendeira (talvez melhor, sitiante), grau de instrução
elementar, idade ignorada.

Desenvolvimento

S1: A. conte sua história' ...qui-ri-da ... Onde foi que você NAS:CEU:'

I1 : eu nasci em Riacho dos Cavalos

S1: Riacho dos Cavalos'

I1 : foi

S1: se criou:/ ficou até quanto tempo lá?

I1 : ATÉ: : ' 25 anos

S1: aí você fazia o quê? quando:.../ você é filha de :/ TEUS PAIS faziam o
o que?

I1: MEUS pai : era fazendeiro

S1: TEU PAI' ...tua mãe também?

I1: É

S1: aí você estuDOU: : ?

I1: estudei muito pouco...e TRABALHAVA' na enxada...istoCAVA

MA:to' ...lavava engomava' ...butava lenha na cabeça'...pilava arroz'
...pra ganhar dinheiro'

S1: quer dizer que esse trabalho TUDIN: que você fazia' ERA na fazenda
de seu pai ou era:... fora?

I1: fora

S1: FORA NÉ?

I1: é

S1: aí A:TÉ: : os vinte e cinco: anos você fazia i:sso?

I1: fazia

S1: aí depois dos vinte e cinco' você fazia o quê?

I1: AÍ eu: me CASEI: :... me casei com Fazendei: :ro' então hoje eu sou
Fazendei:ra também'

S1: QUER dizer que: você: : ' hoje é fazendeira porque teve a influência de
seu pai' que era Fazendeiro: : É né? e do seu MARIDO?

I1: [é]

I1: e do meu marido' é'

S1: [hum rum...AÍ:' ... quer dizer que você depois dos vinte
e cinco anos' vi:rou: Fazendei:ra: NÉ?...começou a

I1: [hum]

S1: se interessar POR IS:SO: ? AÍ você/

I1: [foi] [certo'AÍ comecei: a trabalhar também NÉ'

S1: no quê?

I1: CRI:AR'...bode porco galinha'...aí depois...tive duas filha

S1: você veio morar em Brejo quan: :do:?

I1: EU: vim morar em Bre:jo: : ...a:gora... eu não tô lembrada'

S1: bom' mas faz...DEZ: :anos:?

I1: [faz dezesseis a:no'

S1: dezesseis anos

I1: [dezesseis ano' que eu moro aqui'

S1: QUER di/ por que do Riacho do Cavalo você veio prá cá?

I1: RIACHO do Cavalo eu fui pra Verten:te' que era fazenda do meu esposo'
depois voltei...pra qui:...pra o Riacho dos Boi'

S1: [hum]

I1: que hoje é: a minha fazenda'...

S1: [certo]

I1: depois de Riacho do Boi' vim morar aqui em Brejo dos Cruz'

S1: POR: que Brejo do Cruz?

I1: POR: que eu já tinha minhas filha' e queria botar pra estudar'

S1: certo' ...e: :/ quer dizer que você es:-colheu ser fazendeira' também
porque o seu marido também era fazendei:ro'

I1: [é né'

S1: você não tinha vonTADE de fazer outra coisa' NÃO? fora:

I1: não:' eu tive vontade de: : ...NEGociar...ainda negociei ainda' depois
deixei' confecção

S1: você não negocia mais cum/

I1: [NÃO não negoceo não'

S1: SUA Única atividade hoje É: : é: ...na fazenda?

I1: é na fazenda' ...cuidar da minha duas filha' ...da minha casa'

S1: hum aí: : sua fazenda hoje você cri-cria o qu-que? cria ga:do?

I1: crio gado'

S1: mais é uma coisa que você GOSTA: mui:to de fazer:?

I1: eu gosto' ...

S1: OU: ASSIM: : você faz mais porque seu marido fazia: aí você'

I1: [não]

I1: não' eu gos:to também...eu acho muito bonito...criAR: : gado' NÉ'

S1: [hum...]

((tosse)) se você tivesse de ter escolhido outra coisa: pra fazer...você
tiNHA' escolhido o quê?

I1: EU:?

S1: você não fosse fazendeira: : sua his:tória fosse outra' você tinha
escolhido o quê?

I1: TALvez eu tivesse trabalhando' NÉ? negocian:do com alguma coi:sa né?
prá poder viver com minha criança'

S1: você tivesse estudado A:TÉ: : terminar um curso superior' digamos você
faria que curso?

I1: bom' ...eu tinha vontade: :... de ser uma professo: :ra:'

S1: certo' ...então...você ((tosse)) tivesse que escolher es/
você escolheu essa atividade também porque você achava que da:va
diNHEIRO? SER FAZENDEI:RA:?

I1: [quando] [ser FAZENDEIRA?]

S1: [hum]

I1: BOM' se tivesse chu:ven: :do: né' se tivesse inverno contro:LADO'
... era muito bom ne:ra? ...porque a gente ia arranjar alguma coi:sa

S1: tua fazenda: É A:QUI: NO BREJO?

I1: [é] [é: Riacho dos Boi' ... município
do Brejo do Cruz'

S1: E: : o que você fazia antes' você falou' ... que você: : é: : ...
trabalhava na roça essas coisa né?

I1: [é]

S1: isso você não tem mais vontade de: de: fazer NÃO?

I1: [AVE MARIA'
quero mais trabalhar não'

S1: você fez por:QUE:/ pela necessidade mesmo'

I1 [é:

S1: da época:' NÉ:?

I1: meu pai ti:NHA: : um : uma probriedadezinha: mas aí ... ele
não dava de vestir pra gente' ne:ra:?

S1: [hum

I1: então a gente tinha que trabalhar'... portanto foi por isso que não
estudei: muito né'... porque...TRABA:lhar' e estudar não DAVA nera?
ou um ou outro né'mais a gente preciSAVA se vestir '...tinha...que
trabalhar mes:mo

S1: certo' E NESSA ÉPOCA' que vo:cê: :/ quando você virou fazendeira'
você já era CA:sada: ?

I1: já...né

S1: mas você a:PREN:DEU: alguma coisa' com seu PAI: ?

I1: com meu PAI?

S1: no tempo que ele criava'...

I1: a trabaLHAR na roça'

S1: mas ele lhe falou alguma vez:...sobre você ser fazendeira'

você comprar um pedaço de terRA:'... ele falou isso alguma vez com
você' ou não?

I1: bom' ele também não E:ra: tinha um ga:DIN: ele:...me deu' uma

GA:rrotinha' e essa garrota também' hoje tenho gado ainda' que ele me
deu'

S1: e sua mãe...ela:...

I1: minha MÃE:' hoje não vive com meu pai não'...ela mora em Ron:dônia'

S1: mais quando você era pequena sua mã/ você apren:DEU alguma coisa
com ELA?

I1: com minha mãe?

S1: SIM' alguma coisa qui está servindo hoje' pra sua vida'

I1: APREN:DI: :? fazia COMIDA NÉ: :? qui a mãe da gente ensina NÉ'

S1: mas ela num: num: :... assim: ela não influenciou você' ... a criar GA:do:
a comprar ter:ra: isso tudo não?

I1: NÃO:' is:so aí não (minha mãe não/)

S1: [foi mais por parte de pai?

I1: foi ma:IS: O PAI'

S1: e o que qui você:... o que qui você acha como pesso:a...

dessa/ de ser fazendeiro' o que/ como é que você se acha?

I1: EU:' me acho MUI:to: FE:LIZ'

S1: é uma coisa que COM:bina' com você?

I1: eu ACHO que sim né?

S1: eu queria saber ASSIM: É: :...porque tem PESSOAs que:...que exesse um traBALHO:' não eu faço is:so' porque preci:so ganhar dinhei:ro e TAL:'...mais não é coisa queu...que: TEM: muito a ver comi:go:...tem gente que diz isso' qualquer coisa que eu faça' ISSO que você FAZ' SER FAZENDEIRA' TEM A VER: com VOCÊ? com SUA PESSOA?

I1: ((silêncio, a informante reflete sobre a pergunta))

S1: você aCHA QUE SE PA:RECE' uma coisa com a outra

S1: você aCHA QUE SE PA:RECE' uma coisa com outra

I1: bom...eu/ eu A:CHO:'...sei não' sei lhe dizer NÃO... se PA:RECE:'...

S1: e enQUANto muLHER você se sente realiza:da? como:...FAzendei:RA?

I1: é

S1: ME ME FALE MA:IS: como é SER fazendeira?

I1: ser fazendeira?

S1: isso'

I1: é:...possuir ter:ra: criar ga:do: né:?

S1: você:...você no seu trabalho/ você trabalha com homens TAMBÉM:

NÃO É:? num tem HOMENS que TRABALHAM: PRA VO:CÊ: com terra?

I1: [É]

(tem) tem gente morando lá'

S1: como é esse relacionamento entre voCÊ e eles?...principalmente os homens?...como É que eles le TRA:TAM:' ...como é que você TRA:TA ELES?

I1: eles me tratam MUI: :to bem' eu tambÉM'...TRATO eles muito BEM'

S1: é uma/ um relacionamento bom?

I1: certo

S1: você num: :/ você sente algum: : preconcei: :to? ...porque você
é uma mu:LHER:?

I1: eu SIN:TO' tem dia que eu sin:to: me sinto revol:TADA porque ser o
homem e a mulher da casa É DURO NÉ?...mas é assim mesmo

S1: mas assim' por parte dessas pessoas' que trabalham com você'...
você sente que às vezes eles lhe olham:...MEIO ATRAVESSADO'
porque você é uma mulher' (você não é) um homem?

I1: NÃO

S1: e eles estão:' ...obedecendo a você/

I1: [eles me obedece

S1: pois é' você não sente assim:' que eles PRI-FI-RI-AM: que
você fosse um HO:MEM: : que eles estivessem obedecendo a um
HO:MEM:' do que a VOCÊ?...porque você é mu:lher?

I1: bom' eu numca notei não

S1: você nunca sentiu isso?

I1: NÃO'

S1: você a:cha qui um home: toCAVA MELHOR isso PRA FREN:TE:'
do que UMA: MU:LHER:?

I1: é: : ver: :dade'

S1: você acha qui: é: mais di:ficil? pra MU:lher? né?

I1: É: MAIS: DI:FÍCIL' pra mulher'...mas se a mulher num: : ...tendo
home: ela tem que resol:VER:' NÉ? porque não vai deixar:
A:ba:donado: NÉ:?

S1: quer dizer que você acha' qui se tivesse um home em seu LUGAR:...NÉ'

o seu MARI:do: ... ou seja lá quem for' /

II: [ah era ME:LHOR'

S1: mais por:QUE: ERA MELHOR?

II: porque ele é quem iria A:diministrar: : ' NÃO ERA eu: ' NÉ:?

S1: mais você também não admimministra?

II: administro mais: : aí: : o que acontece: ... qui: : é di: :ferente: ... de

UM HOME pra uma MU:LHER: ' NÉ:?

S1: É isso que eu queria entender: ' essa a diferença de você diz qui:...

tem só: no caso da:/de de/

II: [porque a MU:lher:

as vez num pode: ' NÉ:?' e LÁ: : tá lá olhn:do DI-RE-TO...

e o home vai toda HO:RA:...NÉ?

S1: você fala por causa dos serviços da CÂ:SA: :?

II: NÃO: : ' por que às vez acontece da mulher tá doEN: :TE' ela tá

O:perada: : tá... qualquer coisa: NÉ: ?...aí num PO:DE IR'

S1: e o trabalho mais pesado:... também: você acha qui:... qui:

a mulher não tem força'pra fazer esse serviço NÃO:?

II: não...como hoje mesmo NÉ:?' teve um MO:rador AQUI' atrás de mim'

que tinha uma VACA doente' aí eu disse o que QUI A VACA TEM:?

a vaca tava/ já per:deu um MON:TE DE SAN:GUE' E:LA:...sofreu um

COR:te' MUI:to fundo e tem que levar um veterinário lá/ um veterinário'

EN:TÃO: ' / aí fui O CARRO não dava PRA IR: ' fiquei atrás dum/ de uma

pes:soa: pra ir numa CA:minhone:ta' ... EN:TÃO...se fosse um home

NERA: ?

S1: se fosse um home?

I1: aí ELE I:RIA:’ eu NÃO IA’...eu não ia ficar pertu:BADA:

NÉ:?...e ele não’ ... ele vai’ e ele ficava lá’ e ei não (JÁ) TIVE QUE

LE:VAR: OS HOME’ ...NÉ?...pra resol:ver’

S1: você acha então que um homem faz isso’ melhor que mu:LHER?

I1: FAZ: :

S1: [ESSE TIPO DE COISA?

I1: [FAZ: :

S1: [hum/

I1: [porque o homem tem que pegar VA:CA:...NÉ:?...tem que: :

botar: no: CHÃO: :’...tem que aju:DAR: : né o veterinário a

fazer isso né?...então:’

S1: você não tem ninGUÉM que lhe ajude: (nisso’não?)

I1: SÓ: UM:’ mora:DOR: MES:MO LÁ:’

S1: como É: qui: qui:...um/ como é que você É VIS:TA:’

pelo/por HOMENS: E MU:LHE:RES:? como é: que você: :...como é

QUE ELES VÊEM VOCÊ:?’

((corte na fita))

S1: as mulheres...elas: :’...olham você de uma maneira DIFEREN: :TE’

ou elas’ ... olham como se fosse uma pessoa qualquer’... NOR-MAL: :?’

I1: você diz’ a:as: MORADEI:RA:?’

S1: é: :...ou elas ou ou qualquer outra mulher amigas’ ou viziNHAS: :’

ou mulheres::?’

I1: EU ACREDI:TO: ASSIM: : sabe:’ que elas O:LHA: ASSIM: : COM
 INVE:JA: NÉ:? por: que: tenho essa fa:zen:da: né:? algumas delas
 (pensa) assim né?

S1: você só VER: : ES:SA? não pensa noutra coisa’ você não per:cebe:
 não:’ quando elas O:LHAM: :?

I1: sei não’

S1: E OS HOMENS:? como é que elas O:lham’ pra você:?

I1: ((riso)) como assim?...como assim você diz?

S1: do jeito que você sente essa IN:veja:’ ...que algumas mulheres
 têm de você ser fazenDEI:RA:’ e HO:MENS: :...eles olham

S1: como/TIPO AS:SIM: :’ qui você tá fazendo uma coisa que eles
 é que deviam TÁ FAZEN:DO:? MA:CHIS:MO: :?

I1: [o:lha’ o:lha: : o:lha

S1: como é que você vê isso?... porque tem muito home machista
 NÉ?

I1: [tem vários’

S1: então muito homem não acei:TA’ que a MU:LHER: :...desenvolva um
 trabalho que ele sabe/ não isso não é coisa de ho/ isso não é coisa de
 mulher’ isso é coisa de home’ ...mulher: é pra ficar em casa:’ fazen:do
 CO:mi:da: então é isso que:você PEN:SA:? TEM HOMEM QUE PENSA
 ASSIM: :’ DE VO:CÊ?

I1: tem muitos’

S1: você já escutou algum comentário:? NÃO:?

I1: JÁ:’

S1: co-como foi o comentário?

I1: BOM: ele disse assim qui...qui sou mulher que tem CO:rage:'

de resolver AS: coisa:...que não é toda mulher que faz isso'

SABE?...hoje mesmo quando eu cheguei lá...e:O homem que foi

II: comigo:... AÍ: :... foi:... o veterinário PEGUE: aqui na cabeça da

VA:CA' aí eu disse NÃO quem vai pegar SOU EU... aí (foi) NÃO:'

quem vai SOU EU... aí (foi) NÃO:' quem vai pe:gar sou eu' ... que

mulher num: :segura eu disse bom' mas quem ferrava o gado aqui

no curral era EU' POR QUE EU NÃO SEGURO NA CABEÇA

DE UMA: VA:CA? que ela já tá DEI:TA:DA: :? (aí fica tudo) fica

pensando AS:SIM:' como é que eu faço ISSO:' NÉ?

S1: é: :... o/ QUI: : I:DÉIA: você tem' na sua cabeça' do que é

um HOMEM do que é uma MU:LHER:?...é des/ no é:

tra:BALHO dele' você já me disse o qu/ como é que as pessoas

lhe vêem VOCÊ:' como elas lhe tratam'...MAS E VO:CÊ: :... você

você acha/ você já me disse que no trabalho que você faz que puxa muito

pela força... e um homen faria melhor que você...NÉ:?

II: certo

S1: por:que... ele' TÁ MAIS: dispo:NI:VEL: pra fazer IS:SO...

porque ele tem mais: FOR: : ÇA' NÉ:?... porque ele não se/

II: [É]

S1: mas' as:sim de uma maneira geral'...você acha qui: :...

o tra:BALHO MAIS: PESA:DO' é o trabalho de HO:MEM: :...e o

trabalho mais le:ve: é o trabalho de mu:LHER: :?como é qui você

A:CHA: ? assim'

II: o tra:balho de home é mais PE:sado NÉ:?

S1: você acha qui é e: é: CER:TO: uma mu:lher: : fazer esse tipo de
trabalho que VOCÊ FAZ:?

I1: [É NÃO:’...essa coisa fica PRA home:’
NÉ:’?

S1: MAS: :’... eu queri/ só tem uma coi:sa: pra mim que não tá claro: :... só
pra TER:minar’... como é que você DE:FI:NE:’... o trabalho de um
HO:MEM:’?... e como é que você define

S1: o trabalho de uma MU:LHER:’?

I1: ((silêncio absoluto))

S1: E: :/ assim por que é: : o que você acha/ acha que o homem

S1: É MAIS CUI:DA:DO:SO: :’ a MU:LHER: mais: : CUI: dado: :sa:...
que o homem é mais: IN:TELIGENTE: que a mulher: é mais

I1: [BOM]

S1: INTELIGENTE’

I1: tem home que é CUI-DA-DO-SO:’ ...tem deles que num são...

NÉ:’?... e: : tem MU:LHER: : :... que tem mais cuidado nas coisa:...
do que o HOME:’...TAM:bém:’

S1: você acha que o hoMEM’ é mais inteligente do que MU:lher:’?...
pra tra:ba:LHAR: :’?

I1: ...bom’ tem HOME’ que É: NÉ:’?

S1: [não É TODOS: NÃO:’?

I1: ((silêncio))

S1: você quer falar MAIS:’ alguma coisa:’?

I1: sei: NÃO:’ você é quem SA:BE:

S1: não você é quem: :/

I1: pode me per:gun:tar:’ se eu sou:BER DE ALGUMA COISA:’ eu falo’

S1: você tá lembran:DO:’ de alguma coisa’/ que se quiser ME:

con:TAR:’ sobre sua VI:da’ sobre SEU TRA:BA:LHO:’... ((tosse))

o que você acha do home ou o que acha de MULHER:’... o (que mais?)

I1: como ASSIM:’...diga de noVO:’ o que você falou: AÍ:’

S1: NÃO VOCÊ FA:LOU: :’ eu te perguntei:’ como é que você:/ A

DIFE:RENÇA:’ que você vê entre um HOMEM E UMA MULHER?...

QUAL DI-FERENÇA?...prin-ci-pal’ que você vê: : num home e numa

mulher?...EU NUM TÔ FALAN: :do em termo de FÍ:SI:CO:

NÃO:’ tô falan:do eu tô fa:lan:DO: :’

I1: [sim?] [em trabalho’

S1: em trabalho

I1: a a: DI:ferença É: é: : grande: né:’ da da/ do homem pra muLHER’

NÉ:’

S1: qual é a difern:ça gran:de:’ que você diz:’

I1: [porque o HOME:’...]

trabalha de todo jeito:’ NÉ?’ e a mu:LHER NÃO’

S1: de todo jeito COMO:’

I1: porque eles resolve as COI:SA’ ...muitas COI:sas’

S1: e é mais difícil da mulher resolver: :’

I1: BOM:’ tem mulher que...re:solve’ algumas coisa’ MAS...

S1: (assim tá bom)

((corte na fita))

FOAM2: Entrevista realizada no dia 23 de março de 1994 na cidade de Brejo

Cruz-PB.

S1: vide FOAM1

I2: sexo feminino, rezadeira, grau de instrução elementar, 69 anos.

Desenvolvimento

S1: Ô: : Z. CON:TE:’ conte: sua vida desde quando você nasceu’

ON:DE foi que você NAS:CEU: : :?

I2: NAS:ci no sítio RIACHO de jardim: : no dia dezenove de novem:BRO:

S1: [hum]

I2: de mil novecentos e VIN:TE: CIN:CO:’

S1: sei

I2: num dia de quin/ de SEX:TA: FEIRA:’ CA:iu a DA:ta...de meu

S1: [hum]

I2: NAS:cimen:to’

S1 [certo]

I2: Ri:ACHO DE JAR:din...meu/ MEU PAI ((dá nome completo do pai))

e minha mãe ((idem, ambos com ênfase)) E:la FI:LHA:’ legítima...

de ((dá nome completo do avô com ênfase)) e ((nome completo

da avó, mas sem ênfase))...os PAI DE:LA:’ ()

S1: [hum] [sei’

I2: PA:PAI NAS:ceu: em mil novecentos E: :...e...NO:venta e:...

trin:ta dois (mostra dúvida) faz UM SÉ:CULO VI:vi:do:’

quele vai COM:PLETAR cem ano:/ mil novecentos e vinte e CINCO:’

UM SÉ:CULO:’ MA-MÃE: : NAS-CEU: EM MIL

I2: NO-VE-CENTOS:’ e oitenta:

S1: [hum

I2: e: :/NOVENTA E OITO

S1: [mil oitocentos e noventa e oito’ né?

I2: [OITO:

S1: é: : AÍ O que ERA qui qui...seu PAI FA:ZIA:’Z.? ele trabalhava

I2: [ham]

S1: de/

I2: [A:GRI:CULTOR: :

S1: e: sua mãe TAM:BÉM:’?

I2: MAMÃE: ERA:’

S1: também’

I2: pro:FISSÃO...A:gri:cultora’

S1: aí você quando era PE:quena’ você trabalha:va:’?

I2: TRA:balhava de EN:XA:DA: : ...se:TE A:NO: eu já descaroçava

S1: [hum]

I2: AL:GODÃO...fiava no fuso INDA: TEM O FU:SO: :’ GUAR:DA:DO

alí dentro do BAÚ: pra mos:trar:’ pra que não quiser

S1: [hum]

I2: acreditar:’ FI:A:VA descaroçava algodão:’ pra/ COM SETE

ano’ já pastorava arroz: : qui meu PAI planTAVA’ no açu:DE

S1: [hum]

I2: de meu VÔ: :’

S1: hum

I2: A:LIM:PAVA:’ ...né alimpava: panhava: AL:GODÃO:’ ...plan:TA:VA:

BA:TA:ta’ sei xaxar’ SEI APANHAR: ARROZ: DE CA:CHO: :’

()

S1: [hum]

I2: tudo isso: a gente FEZ:’ fiz mincho de CER:CA’...papai

CORTA O RA:MO... E EU PUXAVA pra fazer o es-TACAMEN:TO:’

quan/ ria/ quando o RIACHO: DERRUBAVA de noite ()

eu cansei de IR FAZER:’ ...de tacar o estacamento mais ele eu era a mais

trabalhaDEIRA:’ DE TUDIM: : ...JÁ TRA: :balhei de: de de

BARRA:QUEI:RA:’ ...JÁ...já trabalhei em serviço de

A:ÇU:DE: :’ ()perto de onde a gente mo:ra’ (gente)

S1: [hum]

I2: que ainda tão trabalhando lá’ ainda tão vivo’pra contar

a his:TORA:’ (botar) rece:BER A FICHA o dia TODIM: : ... e

os TRO:PERO: CADA CÁ: BUTA:VA:... seu nome na ficha e

SEPARAVA: : prá quando fosse de tarde SABER quantas’...

CARRADA DE TERRA BUTOU E quando eles saiam: e não

TIVESSE carrada de TER:RA no no A:NI:MAL: :’ eu FICAVA

COM A ENXA:DA’ ... es:PALHANDO a TER:RA: do do balde do

I2: AÇU:DE:' e a gente ainda construi: lá O riacho da gente HO:JE: é: de
 A:FON: :SO:... esse TERRE:NO foi ele quem comprou: :' O ÚL:timo
 FOI ELE' que comprou o sítio a PA:I' DOIS AÇUDE:' foi
 tra:ba:lhado'...MAIS: :' QUEM MAIS: TRABALHOU
 NES/ nessa parede do açude foi eu e (Seva:DOR)' NÓS: DOIS:' de
 PA-DI-O-LA:'...o san:gra:dor foi nós dois' foi cavado o alicerce' foi
 eu e ELE qu- que: CA:VE:MO:' tud/ na PEDA' e no BAR:RO:'
 fizemo o san:GRADOR: quando o açude TAVA PRONTO' quem
 ras:GOU o SANGRA:dor na EN:X:A:DA' de PICARETA foi EU
 MAIS E:LE' as PEDA...TO-DI-NHA ca/ CAÇADA todinha e
 A:juntava pra fazer a cerca' e o sangraDOR

I2: foi EU e ELE' EU E ELE' O SANGRADOR:'

S1: ô Z. me diga UMA COISA' ...você: ((tosse)) era peque:NA:
 trabalha:va nessas coisas TUDIM: NÉ? NUN:CA ES:TUDOU:?

I2: estudei pouquim' fiz só/ aprendi só assinar o nome'

S1: só assinar o NOME' NÉ?

I2: nunca ESTU:DEI'

S1: [AÍ o quera que você/ o quera que você: tinha
 vontade mesmo DE FAZER? o que qui você MAIS GOSTA:VA
 DE FAZER?

I2: eu tinha MAIS VON:tade de:/ de ES:TUDAR' MAIS: O O/ botaram
 uma professora pu Oi DÁGUA...e o povo de doutor OLIMpi' de...

S1: [hum]

I2: (Petulino) carregaram lá (prá zé caboclo) por isso que ninguém

S1: [hum] [hum]

I2: aprendeu a ler nesse tempo não tinha escola' ELA VEIO' pra ensinar

A NÓS:'mas aí foi o tempo que o povo de PE:tulino: em

PO:LÍTICA...() (influência de um tal luna) era um dos

adverSA:RO:' ...AÍ tumaro ELA:'...pro poço da onça' e ela morou a

vida inteira em Poço da Onça e o Olho d'Água ficou sem AU:LA' a gente

por isso não aprendeu a LER:

S1: não aprendeu a ler'

I2: [agora pra ASSINAR O NOME TUDIN: a:PREN:DEU:

SIM:' pela vontade aprendeu a escrever MA:RI:A:

S1: [hum] [mas/] [FORA ES:TU:DAR

no trabalho' o quera que você gostava MAIS: de TRA:BA:LHAR:?

ERA EM QUÊ?

I2: E:RA: na a:gri:cul:tura' NA EN:XADA' eu puxava a enxada de todo os

dois lado IN:DA PU:XO:'...se for alimpar Eu PU:XO:' eu corto

a () no MEIO:...e ajunto...dum lado e passo a a ... por baixo' do/da

enxada'

S1: E PORQUE' você gostava de fazer IS:SO?

I2: porque se a gente num temos o ALIMEN:TO:' o pão de CADA DIA'

...VAI PAS:SAR: FO-ME' naquela época era hoje é que É:'

S1: mas se você fosse uma mulher tivesse di:NHEI:RO:'CER:TO?

você tivesse muit/ não/ você tivesse CON:DI: :ÇÃO de estudar

e tudo' o quera qui você tinha escolhido pra fazer?

I2: ES:TUDAR: porque ia: es:tudar: na cidade aqui em BRE:JO' (eles)
morava no sítio NÉ?

S1: [certo' mas digamos...digamos qui:...é: :
você estudasse:' já tivesse ESTU:DA:DO: tivesse/ sua família

I2: [ham]

S1: tivesse con:di:ção: O QUERA que você tinha escolhido pra FAZER:
na vida? fora estudar?

I2: NE-GO-CI-AR' ((Mostra empolgação)) eu já negocie: cum...cum
TE:cido () já vendi: GA:LI:nha:... já vendi: CE:BO: :LA:
...PORCO: comprava piquininim: BO:tava no balai e ia vender
tudo' eu gos:tava de NE:gócio:' (minha estrela) era NE:GÓ:CIO'

S1: [sei]

I2: negocie: por isso que tem essas prateleira que é minha' fui

S1: [é]

I2: eu que enfren:tei'...(quando fez) poucos anos depois que Sivirino
MORREU:'...SÓ DEIXOU: PRA:TO E COLHER: E NADA MAIS: :'
eu enfrentei a vida e comprei essa e AGORA...mandei fazer a coberta
TODINHA:' tirei umas madeira VE:LHA FEI:A: tudo que foi VÉI...foi
tirado e butou tudo NO-VO'

S1: ô Z. agora como foi/ desde quando você começou A A
ser RE:ZADEIRA:?

I2: eu comecei a rezar em mil novecentos e; e quarenta e CINCO:'

S1: [hum]

I2: mamãe se EN:GAS:GOU: e fez um/ lá uma FESTA DE PREÁ: aí botou numa tigela BRAN:CA assim (oferece com as mãos uma idéia do tamanho da tigela) ELA foi beber o resto do caldo' no (pé do prato) em vez DELA beber com A COLHER: BE-BEU EM:BORCAN:DO' aí o ossim engançou na na GAR:ganta DE:LA AÍ SE A:PERRI:OU...

S1: [hum]

I2: aí mandaram ir buscar um são braz no oi água ()
aí ele disse com Francisquim VOCÊ RE:ZE NAS: COS: :TA' que que eu rezo na frente eu disse/ EU POS:SO DIZER: ? ORAÇÃO (pergunta à entrevistadora)

S1: PO:DE:

I2: SE:NHOR: SÃO BRAZ: HOME BOM: ' MULHER MÁ (quieto quieto) (pro ver:bo anunciar)ESSE ENGASGO DE DE ANA

I2: TIVER PRA CIMA: ' SU:BA: E SE FOR PRA BAIXO: ' DES:ÇA' COM OS PODER DE DEUS E da Virge MARI:A' AMÉM (e Francisquim rezando) NAS COS:TA quando NÓS des:cuidemo' ela deu um cuspidio e butou:...O OSSO: ' foi a PRIMEIRA PESSOA: e a: se:gun:da de DOR DE DENTE: ' foi eu já tinha ouvido (padrinho) den:TE SAN:TO: rezando eu pedindo ia passando Nossa SE:NHO:RA: ' tava Santa Apolônia sentada numa pedra QUE QUI TEM A:polônia DOR DE DENTE SE:NHO:RA' tem fé no sol e na (luz no vento) tenho SE:NHO:RA: ' assim como fui salva no verbo ANA CU:ROU PEDRO: ' PEDRO CU:ROU ZA:BÉ: em nome de Deus eu te (purifico) a PRI:MRI:RA pessoa que eu rezei

I2: com dor de dente foi PAPAI' e de en:GASgo foi mamãe' por isso eu acho que tem/ que minha oração DA FOR:ÇA as primeira pessoa que eu comecei a rezar foi meus pais PA:PAI com dor de dente e mamãe de engasgo e eu desengasguei

S1: você era CASA:DA nesse tem:po?

I2: NÃO' SOL:TEI:RA:'' eu casei... no dia seis de dezembro de mil novecentos e quarenta e SEIS:' na primeira sexta

S1: AÍ:' quando foi depois disso continuou RE:ZAN:do:?

I2: FO:i:' CON:ti:nei' (corte na fita)

S1: SIM Z. AÍ' :...quando você casou' continuou trabalhan:DO:?

I2: continuei trabalhan:DO'

S1: em QUÊ?

I2: em serviço de RO:ÇA'

S1: hum

I2: pran:TAN:DO'... CO:lhen:do:' e na cidade trabalhei:

com Antônio (Mário) DEZ: ANO:... en:chia os (quilo) de

dezoito...DE:ZOITO CUIA: : assim'... () da cuia:

o sílio a:TÉ: LÁ NO OLHO DÁGUA: :' (meu filho) foi que levou prá

lá um sílio de de:ZOITO: CUIA:

S1: hum

I2: EU...a-A:PRON:TAVA E ALIM:PAVA: :' num tão aprontando/ ()

NÃO TEM: Á:GUA:' a gente não tem ÁGUA: a vida da gente

é correr atrás dágua' eu mermo corro atrás dágua de dia e de noite'

U:MA: NOITE: DESSA EU: VIM: : DE SE:IS: : HO:RA:'

I2: PRA PEGAR: UMA LATA DÁGUA no ÔNIBU' DE SEIS HORA de
 pau DE FER:RO:... passou por mim de SEIS: : HO:RA' eu vim COM:
 A LATA:' UM DI:A DE NO:VEM:BRO' EU SAÍ: DAQUI: DE
 SE: :IS: HO: :RA: CHEGUEI: OITO: E: VIN:TE:' DO OUTRO
 DIA' COM: UMA:

S1: [sim]

I2: LATA: : ' SÓ PRA PEGAR UMA LATA DÁGUA em Ferro... MEI de
 no:vembro:'

S1: AÍ/

I2: [[AGORA:' FOI que MI:LHOROU: : tem hora que tá chu:ven:DO'
 o povo pega uma lata água num can:to outro doutro: as chuvas
 aumentaram: botam água na xisterna pu todo can:to'
 que essas água serve pra lavar a LOU: :ÇA' serve pra tomar
 UM BA:NHO: : ' serve pra passar o pano na: ca:sa:' serve pro
 sani:TÁRIO: : serve PRA TUDO ESSA ÁGUA da (seca) só não
 serve PRA COZINHAR: E BE:BER'...aí: :
 aumentou E A: : caixa: água caiu mui:to a água porque a pessoa
 CO:ZINHA:VA: :... o cano água às vez ficava com pouco de metro
 de (lonjura) pra pessoa...fica perto'

S1: [hum]

I2: () porque TUDO: É: ÁGUA:

S1: Ô Z. E: : essa: :... reza que você faz' você não cobra nada?

I2: NA: :DA: : ' na:da: mer:mo: :

S1: tudo de graça?

I2: nada' tudo de graça' TUDO de graça... e FAÇO: MAIS:

o a a vi:RAÇÃO: TO:DI:NHA: : ' tem vez que eu saio daqui
de de MA:NHÃ: nem sabe o canto qualé o a rua que eu tô e
vem chegar já de tarde aí vez nem COME nem coisa nenhuma' '
só faço tomar CA:FÉ: e FUMAR: por onde anda no (passo) das
hora e chego aqui... e vem COMER:'

S1: [hum]

I2: hoje foi uma hora que eu cheguei foi pouco tempo' cheguei
de um / de uma reza nesse pé de serra A:QUI: : ' saí daqui bem
cedim butei seis lata d'água...
tomei banho' troquei de roupa/

S1: [tua mãe rezava também ou NÃO?]

I2: RE:zava: NÃO:'

S1: nem nem ninguém da tua família?

I2: NÃO: ' não rezava não' RE:ZAVA essa/ essa filha de Zé

S1: [nem/]

I2: de Zé de Lima uma alejadinha' a gente ela na cacunda da
gente/ CHAMAVA: SE:VERINA o nome DE:LA' e chamavam
ela pelo apelido BÁ:ta' a gente LE:VAVA pra ela en:SINAR:

S1: [hum]

I2: O:RA:ÇÃO: AÍ: as três se se interesSOU: foi EU FRANCISQUINHA

E comade DARA todos três aprendeu:'

S1: hum

I2: O:RAR:... e os/as outra qui...sinteressaro não sabe nem/ só sabe fazer
o sinal da cruz ((risos)) num sabe oração nenhuma' porque não
se interessaro... na mocidade

S1: hum

I2: e a gente se interessou DES:DE NOVA: : ' a gente rezava: ' ela (cresceu)
só pra ensinar A GEN:TE: '...O:RAR:... CHE:GA (BA:TA) NÓS viemo
buscar ela ela dizia NÃO: ' MAIS LÁ NÃO TEM UM forrozim pra gente
ir/ ELA: GOS:TA:VA: ' não dançava que era parálitica/ tem forrozim
por LÁ? NÃO (BA:TA) nós viemo buscar você VO:CÊ EN:SINA NÓS
rezar' NÓS num quer...butar você pra trabalhar em nada você quiser:
DEScaroçar AL:GODÃO: e fazer (feroda) pra gente a gente quer MAS:
nós num/ nós num tempo tempo NÃO: nós/ porque nós quer que você
ensine a NÓS A: REZAR: ' aí e com isso continuemo aprendendo
a... O:rar com ELA' ela foi quem MAIS: ENSI:nou A GEN:TE: ' foi
ela

S1: Ô Z. e: ... é: : você acha qui... ser RE:ZA:DEIRA: tem uma coisa que
se parece com VOCÊ:?

I2: PA:RE:CE: : ORAÇÃO É: : é A:CIMA DE TUDO:... TENDO FÉ: '
...é TENDO FÉ/ desde () hoje vem umas mulher de CATOLÉ:...
e home...vem nos carro pra qui

S1: e É:?

I2: vem de todo CAN:TO' eu sei que um/ um retrato de um genro de de
ODERICO que tava (com uma lavage só)... CO:BREI:RO: ' aí num teve

I2: doutor que desse jeito'... aí o doutor disse qui: : arranjasse uma pessoa
 qui qui O-O:Ras:SE ele se CURAVA:' um dos médico aí mandaro o
 re:TRATO'...e eu re:zei: bem vinte vez nes -nesse retrato cum o nome do
 home e o home se curou' TÁ BOM:ZIM: : o genro de (Oderi) EM
 JO:ÃO: PES:SOA:'

S1: sei

I2: ela mandou dizer que o marido tá bom ficou bom

S1: eu sei quem é' é: : o marido de Marlene né?

I2: foi' ficou bom da história do COBREIRO:... SÓ: RE:ZA:'

S1: ham

I2: elas tiveram muita FÉ deram um retrato/ a mulher trouxe
 dele () tá aqui guardado aqui em casa disse que guardasse
 qui todo TEMPO DELA VIM: ela foi () fundão falou comigo
 mode que eu rezasse TODO: ANO:' eu disse se tiver um retrato você
 MAN: :dando deixar...aí...aí eu RE-ZO: e não tendo eu rezo no
 nome do HOME:' e no nome da CI:dade e no nome da rua e o
 (nume) da casa' você dá AÍ ela disse eu tenho retrato

S1: [hum]

I2: em casa mamãe tem:' TEM TUDO:' eu vou dois negocim A VOCÊ: no
 cacimbão (você fique esperando aqui') até chegar água não pude
 nem vim pra casa nessa hora esperando

S1: [hum]

I2: encher as vasilha AÍ: ELA ME DEU UMA: CAR:TEI:RA DE

CI:GAR:RO:' e QUINHEN:TOS: CRUZADOS:' em dinheiro aí

Quinha veio trazer... O RRETRATO

S1: o retrato'

I2: o retrato você fica AÍ:'...com ele TRAN:CADO: e fique rezan:do: que

a gente já soube notícia que ele tá:MIÓ' aí depois eu fui na casa de

ODERICO (Derinha) disse ele ficou bom com sua reza (Derinha) de

ODERICO

S1: [hum]

I2: eu rezei de cobreiro TÁQUI SÓ O RETRATO E O NOME DO home:'

S1: sei ((tosse)) quer dizer que você não dixa nunca de ser rezadeira?

I2: NÃO: : : quanto os dias mais passa...mais força eu tenho' eu rezo

em nome de deus RE:ZO: porque gosto de CO:RA;ÇÃO:'

S1: se você fosse passa/ fosse fazer outra coisa na sua vida' você fazia

O QUE' hoje? se eu fazia outra COI: : :SA' na na minha vida?

I2: eu só QUERO trabalhar e re-re:ZAR' acredita?...não boto na cabeça

outra coisa...NE:GOÇO de televisor eu não gosto NO: : VELA:' pra

mim não existe'... EU ainda escuto UM REPOR:TER:... porque quero

saber mais ou

I2: menos O PAÍS COMO É QUE TÁ' a situação da LA:DRUICE: :

e DA SA:FADAGE: e do QUI TÁ A:contecen:DO:' mas eu

ir assistir NO:vela como uma mulher disse a eu... MU: :LHER:

EU FICO DOI:DINHA: quando eu perco minha novela:' porque quando

eu olho prum bicho desse...DÁ É SONO: NEU:...

I2 fico BE:BINHA: :’ só de olhar pra porqueira ((risos)) de
 TELEVI: :SÃO:’ fico doidinha só GOSTO DE RE:ZA E TRABALÁ:’
 trabalhar é comigo mermo.

S1: ham

I2: e é pra você chegar aqui disser ASSIM: : VAMO pro CAICÓ
 HOJE:...quero que você vá mais eu: BAS: :TA: só é trocar de
 roupa pentiar o CABELO: : botar o PER:FUME: vamo simhora
 em nome de Deus’... é DEREPE:TE: eu vou e vem mais você é ASSIM
 ()/

S1: você ainda sai daqui só prá rezar o PO:VO?

I2: inda essa semana passada vei duas mulher de CATO:LÉ
 ass/ fazer uma cura A:QUI:’ fazer outra NO BELÉM... eu fui
 mais ELAS fumu o: rapaz que veio de Caicó quando chegamo
 no beijo DA PISTA: eu digo agora nós vamo parar um carro a mulher
 disse COMO É? eu vou rezar a oração de VI-A-JAR:’ PE:GUEI
 TRÊS PEDRA’ fiz a ORAÇÃO: quando nós cuidemo o primeiro
 carro que veio era um: de Caicó o home COM:PRA:dor de GA:DO’ e
 comprador de carro’ só foi duas palavra quele disse a profissão dele era
 essa aí trouxe nós de GRA:ÇA: aí decemo aí na frente da CADEI:A: : ...
 aí ele GOS:TEI: DA SENHO:RA e que a senhora...vei me dizendo que
 desde novembro eu venho tendo prejuízo OI:TEN:TA: MILHÃO:
 queu perdi cum cum cara assinou um cheque prum irmã prum cara pagar
 a ele o home num me pagou eu venho só tendo prejuízo: eu digo e o
 senhor porque não muda de ra:mo? quando um negócio não dá: a/ o

I2: senhor senhor fique só com o GADO:’ e deixe isso’ esse negócio de/ de comprar carro:’ porque CAR: :RO: É muito PE:RI:GO:SO’ e (às vezes é roubado)

S1: sei

I2: e no meio do direito tem o ladrão por isso o senhor tá comprando uma coisa... É PE:RI:GO:SA:’ o senhor fique comprando gado em nome de Deus’ num sendo pra matar’ sendo pra vender ASSIM: NO (junto) aí a vontade de () não sei que qui tem...que eu me preparo para saber qual é o ramo que DÁ PRA MIM’ e eu nunca VOU:’ min/ MI:NHA: MÃE: : TEM NOVENTA A: :NO:’...minha VÔ:’ tem noventa ano:’ já pediu a eu que deixasse essa história de carro’ eu digo pois...Deus não quer o senhor (com carro) esses OITENTA milhão de cruzado que o senhor tem de prejuízo que vendeu o carro ao/ (esse cara) por OI:TEN:TA: MIL: :’ já foi porque o/ porque o carro não dá pro senhor (por fim)

S1: [é]

I2: o senhor vai comprar UM: : CAR:RO:’ e um cara vai rouba e vem vender ao senhor’ é que vai pagar o pato’ pel/ pelo LADRÃO:...o senhor fique só com o ramo de gado

S1: ((tosse))

I2: que o gado DÁ:’

S1: ô Z.’

I2: [o se:NHOR: é fa: ZEN:DEI:RO:’ eu disse com ele:’

S1: hum

I2: ele disse pois a senhora é conselheira aí disse MI:NHA:

VÓ: TEM NO:VEN: :TA A:NO:' JÁ ME pediu' que deixasse o ramo de deu negociar com carro' que carro não dá pra mim' e vem com cinco ano só perdendo dinheiro em carro quando num me engana tem sempre prejuízo seja lá de que FO:SSE: sei que o carro não tá dando mais' comprar e vender'

S1: Z. você é viúva?

I2: sou viúva

S1: faz quanto tempo?

I2: FAZ DE:ZENOVE ano' morreu no dia...dezesseis de agosto de mil novecentos e se:TEN:TA E: : QUA:TRO' NÉ DEZENO: :VE?... COM: :PLETOU? setenta e quatro prá cá

S1: [é] [vinte

I2: VIN:TE:? faz vinte A:NO'

S1: a gente tá em NOVEN:TA e quatro né?

I2: AH' é NOVENTA E QUATRO' eu pensei quera NOVEN:ta e cinco

S1: [então desde]

I2: (nesse caso)

S1: desde que ele morreu você ficou sozinha com os filhos?

I2: sozinha com os filhos

S1: TRA:BALHAN:DO: pra sustentar os filho?

I2: trabalhando pra sustentar NÃO: : TINHA: NEM UMA TELHA pra MORAR: hoje já tenho (isso feito)

S1: tem quantos filhos?

I2: SEIS: :? SE:TE CUM uma menina qu-queu criei bem... novinha e OITO com JOÃO CARLO que a mãe morreu em João Pessoa... (a Salete) de JOÃO?...aí vem o menino de Gracinha o João Carlo

S1: mas quando ele morreu... a senhora ficou com seis filho?

I2: só cum SEIS: :? aí depois fez OITO: porque tem os dois neto também

S1: AÍ; ficou sozinha' sus:tentando eles?

I2: SÓ sustentando eles'...tudo era pequeno

S1: e a senhora ACHA...qui essa essa... esse trabalho de de...

REZADEIRA é coisa de mulher ou homem também pode...

RE:ZAR?

I2: [o home pode ser RE:ZA:DOR' CU:RA:DOR' ...pode o home pode ser curador

S1: [mesmo/

I2: [os mermo direito que a MULHER TEM: o home tem direito de ser curador' AGORA: que o homem não TEM: FÉ: : '... muitos: : HOME não têm fé:... porque se tivesse fé: aqui acolá chegava um rapaz dizia ASSIM:...VIÚVA A SENHORA QUER ME ENSINAR O O:RAR:? eu ensinava a eles' mas eu NUN: :CA: ACHEI: UM QUE PERGUNTASSE ASSIM: : VO-VOCÊ me ensina a ORAR uma uma oração? às vezes a mulher que pede a oração a mim' pra mandar escrever fazer prá dá a elas já vem É: : MUI: :TAS: : MU:LHER' ORAÇÃO queelas pede

S1: hum' mais é qui qui é mais mulher que procura: :

I2: [mas os home não] [é MULHER é quem
 mais procura o home só vem quando tá com o pé desmantelado' ou tá
 com uma uma dor num PÉ: : ((risos)) num pé ou num braço ou num
 olho ou uma coisa assim' um desastre que ele DES:mantele' uma coisa
 que ele se preocupe ele tem que tá doente' aí ele procura pra orar' mais
 as mulher é DIRETO comunicando com a gente' MULHER: É : :

S1: hum:... e e como é que que...digamos aqui em BRE:JO: :

os homens vê a senhora ou as MU:LHEres:? como é que a senhora
 acha qui queles... o que ELES ACHAM:?

I2: eles têm fé...MUI:TOS: TÊM FÉ: :?' (às vezes) eu vou passando vejo eles
 dizer: : ÓI ESSA DAÍ TEM FÉ: : CU:RA: oração da VIÚVA... É: :
 FOR: :TE:?' SABE REZAR: :?' ESSA DAÍ: SABE:?' eu ouço eles dizendo
 eu canso de ouvir: ATÉ: : DIGO: VENHA: CÁ: : NÃO: vou aí não to
 tomando ((risos)) aqui um copo de cana (aí tem vergonha) aí diz você
 é FORTE' VUI:VINHA: digo SOU FORTE MERMO' você tá bebendo
 sua cerveja' sua CA:CHAÇA AÍ: :...você ... tá fazendo pouco de mim:
 diz assim RE:ZE EM MIM: AGORA: : mas que é só por safadagem
 mesmo' não eu não vou rezar be:bo não: ((risos)) se tivesse cum doença
 eu rezava você não tá de receber RE: :ZA' você tá cum CO:PO: NA
 MÃO: :

S1: e as MU:lheres dizem o que quando a senhora;

I2: AH: : AS MULHE:RES: : É: : CU:RA: quando querem rezar a gente
 tiver assim num CAN:TO: elas chama prum canto a gente vai conversar

S1: [aí diz
diz/elas dizem o que da senhora?

I2: elas diz MAS VIÚVA: VOCÊ...RE:ZA: BEM: DE:MAIS você curou
meu filho' curou meu irmão' MEU PA:I: :? meu tio' minha famí:li:a' dos
SÍ:TIO vem gente...para para curar as PES:SOA

S1: hum

I2: e (dize) que tem muita FÉ:?

S1: hum

I2: DEMAIS: :? AS MU:LHER: : MAIS MULHER home é muito di-fi-ci'

S1: [hum]

I2: no home HO:JE VEIO UM A:QUI:?' QUI TÁ CUma/ com um car/ com
um caroço assim no MEIO: VEI ME MOSTRAR e me pedir pra
RE:ZAR: aí ele disse SABE QUE É ISSO AÍ: :? É um lo:bim que saiu no
seu dedo no seu dedo do pé'

S1: hum

I2: é um lo:bim: e ele disse que tá doendo mui::to' e o pé tá é IN:CHA:DO
eu disse é lobim' lobim sai em qualquer parte' PES:coço' SAI...
em CA:BE:ÇA sai... em em/ no COR:PO em qualquer CAN:TO do
corpo' não tem canto marcado nele eu to achando que é um lobim
MER:mo' eu digo (isso é) só lobim e ele num tá DU:RO' ele disse
tá vendo se fosse ferimento uma pipoca do oi RO:xo aí tinha pús isso
ser um lobim: :?'

S1: hum

I2: nesse seu pé' perguntei se levou pan:CADA' ele disse que num
levou:' nenhuma...de jeito nrhum: então assim é um lo:bim: : que saiu
QUE SAI'

S1: Ô Z.' e você acha...se ACHA DI:FERENTE das outras MU:lheres:?

I2: ACHO não' acho igual

S1: o qui você acha MAIS: :... voc/ o que qui você acha que tem diferente
entre você e as outra?

I2: porque elas num ORA'...e tem pouca fé

S1: hum

I2: mas sobre a Deus nós somo igual'...que a fé TÁ POU:CA no povo é tão
pouca qui...qui tá ASSIM: o povo...sem o povo dá...sem...sem...ver
(necessidade) de rezer só ali na hora que vão pra igreja e pronto' no caso
de MUITOS: : nem vai nem na I:GRE:JA' fica na PRA:ÇA: fica assim:
COM:PLE:ta: é a praça de gente que não entra na Igreja' porque é qui
vai e num vai pra missa num VÁ...pra pra praça...se num vai orar na
Igreja também num vai/ não pra praça' (nem as véia) eu conheço VÉIA:
na igreja qui não tão cum rosário nem um terço na mão' só vai... a/
pergunta que o padre faz elas RES:ponde Ali: MAIS que num ora
num terço ela não reza um terço...qui num tem um rosário nem deve ter
porque não se interessa EU TE:NHO: A:TÉ: DE: PRA:TA:
QUI CUS:tou vinte e cinco mirréis... no tempo que vinto e cinco

I2: mirréis era di:NHEI: :RO' a mãe desse rapaz que morreu...aí:' na ponta da serra ali perto de: de: Apolônio de Pedro Sumé era FRAN:CIS:CO' FERNANI ALVES: o rapaz' a mãe dele me deu esse terço AÍ: eu fui cumprei... ele mor-morreu ali na ...na ponta da SERRA: () no caminho que dá pro Caicó daqui dá por hospital velho eu comprei à mãe dele...e TENHO DE: PRA:TA...GUAR:dado:' e muitas vezes só levo meu rosário' não ando cum o de prata TEM ATÉ CAIXI:NHA: : de cor preto A:INda do jeito qui EU COMPREI A ELA TÁ:' ...porque tenho cui:dado eu num compro mais de prata QUI PRATA num tem mais que preste compro de conta ((risos)) de ponta de arroz pra mim...num compro não:

S1: ((tosse)) como é qui você ...vê z. eh: :.../ quer dizer que você num vê nenhuma diferença entre o TRA:baho de UM home e o tabalho de uma mulher?

I2: do home é MAIS: :'... o home trabalha pra TU: :DO' ...trab/ o ho:me é: motorista VI:A:JA o mundo IN:TEI:RO:... mulher pra viajar precisa ter com: PANHEIRA' e ELA num tem corage de viajar com um HOME'

S1: [é]

I2: home TRA:balha em tudo que existiu no mun:DO: É: home... é a image DE CRISTO e a mulher é a imagem do HOME' ...e... a mulher... fo- foi feita da COS:TELA DE ADÃO:...que o Cristofez... quando acabá soprô na boca dela

S1: [você acha qui qui] [que o home é mais forte do que a MU:LHER?]

I2: É...sobre o trabalho É: :? mas sobre a oração a mulher é MAIS...tem
 mais fo/ é MAIS FORTE do que de que o home' É MAIS: : FÉ: :...
 MULHER TEM MAIS: : FÉ: :? eu/

S1: [e na
 vida...assim naVIDA:...É: : toda.. você acha que o home é mais forte do
 que a mulher pra EN:carar a vida' PRA VIVER?

I2: É: : MAIS: FOR:TE:?...HOME É: : mais forte

S1: POR QUÊ?

I2: porque Deus DEI: :XOU:...pra o home ser assim TÁ TUDO/ NÓS
 SOMO A:...a o é: ele: : é a SEMELHAN:ÇA... DE CRISTO e a mulher
 é a semelhança do home' não pode ser a mul/ o home/ A MULHER: SER
 MAIS DO QUI O HOME' ...porque a mulher já foi tirada da
 COS: :TELA: DE A:DÃO:

S1: [E ELA TAMBÉM NÃO PODE SER IGUAL?

I2: pode ser igual ao home NÃO' se tiver QUE SER IGUAL A

MA: :CHO: :...num tem fú:TURO: a mulher tem que ser mais baixo que

I2: o home TODA MULHER: NO MUN: :DO'

S1: e você não se acha MAIS FORTE do que ...muitos home não que/

I2: [no

TRABALHO É: : no trabalho É: :?...mais forte

S1: QUEM É: :? mais forte?

I2: EU: : : '...eu num me troco/ eu num COM:PRO NEM: : UM FRI: :SO:

FI:A:DO' em nome de Jesus Cristo trabai: e e: : seguro e num devo uma
prata a home nenhum:' em nome de Deus'SÓ DE:VO: A:

DEUS: :porque Deus é...é o nosso PAI' MAIS: NINGUÉM

S1: mais você num já fez trabalho pesado de HOMEM? NUM FOI?

I2: JÁ: : : : ' E: JÁ TRABALHEI POR HOME' TAMBÉM'

S1: você acha que hom/ que os homens faziam melhor DO QUÊ VO:CÊ:?

I2: DO MESMO: JEITO: que EU TRABALHO eles trabalha'...

ELES SÓ TEM MAIS: : FOR:ÇA:' do que a mulher...mais o trabalho
home () CO:VA pra plantar arroz: ALGODÃO:' FEI:JÃO: :
tudo isso eu sei fazer PODE ME ENTREGAR

S1: mas você fazia esse serviço e o home fazia esse serviço e você conseguia
fazer do mesmo jeito?

I2: [TAM:BÉM: XAXAR BATATA' que eu sei xaxar: :

S1: hum

I2: lá em Corcõi ((falas do ambiente)) NAS CA:cimba: numa VA:ZAN:TE

(fechava) as cova de BATATA: EU SEI: : SEI PLAN:TAR' EN:FIAR

RA:MA: ...como é qui é pra plan:tar: eu sei também' plan:tar: coentro

COUVE

S1: [e o] [e

o que qui você não fazia qui qui o home FA:ZIA?

I2: QUA: :SE: TODA COISA EU FAÇO'

S1: EN:TÃO:?

I2: É: :

S1: e VOCÊ você trabalhava no PE:SADO:?

I2: do JEITO que eles trabalhava?

S1: ENTÃO

I2: É

S1: O que que ele fariam melhor do que você?

I2: num pode NO TRABALHO: NÃO: ((falas no ambiente))

S1: ((tosse)) PERAI: DEIXA EU PERGUNTAR A ELA' ((refere-se, aparentemente, às falas ambientes anteriores, quer parecer que alguém sugere uma pergunta a S1 para ser feita a I2)) EN:TÃO: você ACHA:...QUI/ quer dizer você acredita que o homem é feito à image de DEUS: : : ' a mulher feita à imagem do homem...MAS: : em certos casos o SEU...você conseguia fazer as mesmas coisas que: :

I2: [O HOME FAZ

S1: que o home fazia

I2: NO TRABALHO: É: :'

S1: QUAL É: :...qual é a: a diferença maior que você ACHA que você VÊ? entre um homem e uma MULHER?

I2: A DI:FE:RENÇA:'

S1: NUM...num tô falando no CORPO NÃO: ' tô falando (assim) você

ACHA QUE O HOMEM É MAIS INTELI:GENTE: ?

I2: NÃO' A MU: :LHER: É: : MAIS: IN:TELIGEN: :TE' SE NÃO FOSSE A MULHER O COMÉRCIO TI::NHA CA-Í-DO NO TEMPO' EM QUE MULHER NÃO VO:TA:VA: :...A POLÍTICA NÃO PRES:TA:VA PORQUE NUM BUTAVA MULHER pra ser/ pra trabalhar em

I2: comércio' desde qui butaro as mulher pra...pra PRAS mulher trabalhar no
no CO:MÉR:CIO:' QUE O COMÉRCIO

S1: [hum]

I2: FICOU LÁ EM: CI:MA: : INDA: MAIS: a causa é mais só
as muLHERE sobre o comércio num trabalha: : TEM MU:LHER:' por
aí você tira

S1: [hum]

I2: EM POLÍ: :TI:CA: : MULHER SABE TRABALHAR MAIS QUE OS
HOME:... E QUANDO não havia eleição QUE SÓ ERA OS HOME :'
que VOTAVA MULHER NUM DA: :VA PI: :TACO NENHUM: : :'
QUANTO: : PESSOI: :NHA: : o cu/ a política: não valia nada aí foi...
O GO:verno abriu as MÃO: : () TEM DE:REI:TO:' MULHER
TEM DE:REI:TO: do MERMO JEITO QUE HOME TEM: : AÍ: a
política se A:nimou: :' TEM MU:LHER JUIZ DE: DE:REI::TO:'
MUIÉ: : : É ...DEPUTADA FEDERAL: :'...É DEPUTADA
ESTADUAL:... É: : : DE:LE:GADA: :' É: : JUIZ DE DEREI::TO:'
O home é tem direito: ela tem também: É:... É: SOL:DADA: É: :
SAR:GEN:TO: É DELE:GADO como a fia de Ovelina ELIÊ tem duas
já...que é delegada A MA- MAIS: VÉIA E A MAIS NOVA: toda duas
fizer o curso e passou' filha de Ovelina (terminou as duas terminou) um
fi é sol:dado: de ovelina tem três fi na farda já e tudo que tem hoje/

S1: [hum]

I4: haver uma reunião SO: :BRE:... CRIA:ÇÃO DE PEI:XE' DE

A:BELHA:' DE CA:BRA: :? um pocado de COI:SA NÉ? ENTÃO eu
escolhi a criação de A:BE:LHA:'

S2: então mas por que que: FOI::? por que o senhor escolheu A:BELHA'
por que num escolheu PEI:XE:?

I4: é: :...porque o meu lugar é SECO NÉ: : ? assim PRA PEI:XE'
NUM DA:VA muito bom porque pede bastante água/

S2: [E: CA:BRA cabra
num dá na tua região NÃO:?

I4: eu (num quis criar cabra não') já criei cabra uma vez e: DÁ MUI: :TO
trabaio NÉ?

S2: e o senhor já tinha criado a:belha AN:TES:?

I4: NÃO

S2: e: : ...num tinha medo não' de criar A:BELHA:? mesmo ante/

I4: [tinha medo]

S2: ANTES DE CRIAR?

I4: tinha medo NÉ? de criar abelha...era a FERA DO MUN:DO:

S2: [então por que o senhor resolveu criar? por que
você começou SE: : nunca tinha CRI:ADO E: : tinha ME: :DO:?

I4: é: por que na re-reunião de PES:queira a gente viu que...(Mo:ro)...o que
orientou agente' qui: :...a gente crian:do A:BELHA:' já já tinha uma
CAIXA: NÉ:? ao meno uma CAIXA:' todo ano a gente tinha U:MA: :...
par: :te de DI:nheiro: que da:va pra/ SE: : criasse vinte caixa de a:belha
no/ numa região BOA TINHA O dinheiro da FÊ:RA:' então

I4: a: achei...achei muito DI:FI:CI: isso NÉ?

S2: hum hum

I4: AÍ: : DE:pois comecei CRIAR: : E: VI: : que era/ que É: : VER:dade

mermo se agente criar:... vinte trinta coi/ COL:MEIA de A:BELHA numa

região BO:A' de mel que tenha BAS:tante FLO:RA:DA AÍ: tem um

SA:lário' (que vem das abelha)

S2: ah é?

I4: É...o ano passado foi de SE:CA des:man:telou muito MAIS: :... esse ano

JÁ VEM RE:cuperan:do'

S2: como é que isso/ como é que isso de você ter o seu salário? que/

I4: [que eu

ti:RO: o MEL: NÉ ?

S2: [ham ham

I4: crio A:BE:lha e tiro o MEL: : e fico venden:do AOS: POU:CO: : '... de

acordo coma minha fêra aí desse jeito eu GAS:to

S2: [e... DÁ um SALÁRIO?... TODO

MÊS?

I4: todo mês'

S2: você tira mel todo mês?

I4: [por:que tem num num: num vamo dizer que TI:RO

MEL: : ' TO:DO MÊS: ' NÉ: ? eu tiro o mel E: : GUAR: :DO: AÍ fico

ven:dendo aos pouco' de acordo com a necessidade da minha fêra'

S2: e tem mer:ca:do? tem ONDE vender LÁ: ?

I4: tem aí que vender: :... eu VEN:DO MEL: :? em QUARTO

CANTO NÉ:?

S2: [hum]

I4: ...vendo (peraí)...em Guarabira...vendo em BE:LÉM...Pibirituba
e CAIÇARA'

S2: hum... (ô L.')

I4: em todo canto a gente VEN:DE NÉ:?

S2: HUM HUM

I4: num tem essa dificulDADE: : em ven: :der NÃO:?'... só porque a gente

CA:pricha: : pra fa:zer um MEL (solto) TI:RAR: SÓ: O MEL

MA: :DURO e sem/ é quando ele fica ES:pecial né? num

S2: [hum]

[hum hum]

I4: tem dificuldade NÃO'

S2: como é qui você aprendeu a CRIAR A:BELHAS:?' como é QUI: foi

ISSO: :?

I4: ...eu aprendi' eu a:pren:di' eu lo/ eu comecei começando no/

em Pes:queira e: : depois CHE:GUE:MO no no: PROSEC NÉ:?

maro falou pra nós TER/ criar: :... criar A:BE:LHA NÉ? por: :que o

o o/ em Pes:QUE:RA

prometero que: : ... ia a:judar DAR um ACOM:PANHA:MENTO

A:GENTE mais DE:POIS: :? a gente ficou sem

A:com:panhamen: :to' NÉ ? ficou MUITO: em PROMES:SA MAS

S2: [hum:]

I4: NA PRÁ:TICA num ficou NÉ? aí (Marco)... criou a IDÉIA: :'

COM:BINOU: com a : gente porque tinha outro que trabalhava
no processo também?... no TRA:baio né? na a:gricoltura: ?...

COM:BINOU: : com a gente... FAZER: UMA: : CRI:A:ÇÃO DE

A:BELHA' mermo proces/ o processo num É: : projeto num é projeto
de: / QUI VI:NHA... era destinado pra ((ruído ambiente)) criação de

A:BELHA NÉ? uma par:te ASSIM pra co:MEÇAR: : e: :

S2: [hum hum] [AH ASSIM]

I4: dar pra () AÍ:... a gente foi CA:minhando' depois

S2: [hum]

I4: o:... o PATAC jun:tou: COM O: : PROSEC e fez o acompanhamento'

fez uma/ a (ampulheta) veio muito BO:A: NÉ:?... e A:TÉ hoje...

TA:MO... CA:minhando NÉ:?

S2: que qui você acha dessa FOR:MA... de A:PREN:der a criar A:BELHA:

qui vocês têm?...de todo mês se RE:UNIR: : fez/ conversar: so:BRE: ..

VO:CÊ A:CHA qui isso é uma forma BO:A:?

I4: acho qui a ME:lhor FOR:MA:... é é é: uma ES:cola pra gen: :te NÉ?

S2: hum hum

I4: É: : ON:DE se jun:ta todos os companhei:RO:' e troca as I:DÉIA: : NÉ ?

S2: hum hum

I4: por:que tá uma pessoa: : cada CA:BE:ÇA É UM MUN:DO: NÉ?

um pensa de um jeito' outro de ou-outro JEITO DI:FERENTE e por

isso se jun:TA então a gente TRO:CA as iDÉIA: : e: : VA: :MO: :

I4: A:pren:dendo um com o ou:tro:’ é : QUER DIZER: que eu A:CHO
 qui TO:DO: MUN:DO: :’... nes-nesse mundo de peregrinação’
 todo mun:do É A:PREN:DIZ’ ATÉ MOR:RER NÉ /

S2: ham

I4: a gente tem sempreo que A:PREN:DER com o OU:TRO:’ uma coisa

S2: [como é]

I4: outra a:gen:te A: pren:de’ NÉ?

S2: como é qui FUNCIONA: : ISSO ? essa maneira DE A:PREN:DER?
 como é que vocês se organizam’ PRA ISSO?

I4: ...a GEN:te se OR:gani:ZA: : é : : na manei/ de de mês de dois MÊS NÉ?

S2: hum

I4: e sempre FAZ: as coisa jun: :to... se for CAIXA de CI:MEN:TO’ é caixa
 de ci:men:to se for TER:RA É TER:RA RE:VIRA JUN:TO: um parte
 de um para outro a EX:PE:RIÊN:CIA NÉ,

S2: [hum]

I4: mesmo tendo o o PATAC e o (Proceq)... qui é o qui mais: orienta
 a: gente NÉ? o (Albano) tem mui/ MUI:to ex:periência ... prá passar prá
 GEN:TE NÉ? a experiência que/ qui o (Patac) sempre PAS:SA PRA
 gen:TE’ NÉ além do (Proceq)

S2: hum

I4: é AS:SIM nós se a:judan:DO... um com o OU:TRO... eu acho que
 A ME:LHOR: maneira de trabalhar É ASSIM MERMO NÉ,

S2: hum

I4: com todo junto’ fazendo a/ fazendo AS COISA tudo jun:to

S2: ah sim: : Ô L. QUAL É TEUS RE:SULTA:DOS? que você O:biteve...

com a CRIAÇÃO DE A:BELHAS: já falou que conseguiu

um SA:LÁRIO:’ num foi?

I4: e É:

S2: mais TEVE al- algum OUTRO RE:sul:tado? ou ESSE/ ou foi só esse?

I4: ((silêncio))

S2: resultado’ AS:sim: : CRIAR: : A:BELHA trás o que de

RE:SUL:TADO?

I4: ...porque a a: : a: a criação de a:belha a-lém da gente arranjar um

POU: :CO DE DI:NHEI:RO NÉ:?... conser:va o SO:lo que

S2: [hum]

I4: a: gente num precisa muito de TÁ TRA:BA:lhando de A: :gricul:tura... a

as () é tudo longe (e a chuva todo ano molha a terra)

S2: HUM HUM

I4: é NÉ: É: CON:SER:VA o SO:LO... IN:VI:TA de a gente sair de nossas

terra para o SUL: :’ TRA: :BA:LHAR: : MIN:digar... POR LÁ NÉ?

S2: hum hum

I4: já é outra coisa QUI: : ajuda a criação de A:BE:LHA’

S2: ah SIM’

I4: por: :que têm os com:paNHEIRO: QUI:... depois que comçaro a criar

ABELHA’ NUM FORAM/ num quiseram mais ir trabalhar de empregado

PA:RA O SUL NÉ:?’ arris: :CAN:DO A SUA VI: :DA’... pre:judi:cando

ele mer:mo e a própria FA:MIA:’ e que é um é um maneira de: :

SO:BREVIVER A:QUI: NA TER:RA’ NÉ? E: É: : ainda uma gran:de

I4: VANTAGEM: : porque você num PI:QUE:NO TER:RE:NO você cria
um um/ MUITAS A:BE:LHAS' e elas e elas com (reforma agrária) qui
elas elas num (invade) terra de ninguém

S2: hum hum

I4: eu mermo moro lá per:to DA: da: fazen:da dele qui ele num quer qui
pas:se por DEN:TRO da ter:ra mas as mi:nha a:belha vai lá tirar só o
QUI QUISER: : ' NUM EM:PATA' pra mim é uma GRAN:DE
VAN:TAGEM: : NÉ?...e /ela faz uma refor:ma: A:GRÁRIA (quase
sem ninguém querer)... (risos) NÉ: :?

S2: certo... ((S2 convoca outro informante para uma nova entrevista. Corte
na fita))

FO2AM2: vide FO2AM1.

S2: vide FO2AM1.

I5: sexo masculino, apicultor, grau de instrução desconhecido, idade ignorada..

I6: idem I5. Filho de I5.

Desenvolvimento

S2: P.C. DA S. NÉ? o se:nhor É DA ON::DE?

I5: Olho d'Água de Nossa SENHORA: NÉ:?

S2: E O SE:NHOR:...por: : que qui o se/ quais foram os RE:sultados qui o senhor TE:VE:... com A CRIAÇÃO DE a:brilha? TE:VE AL:GUM: RE::SULTA: :DO:?

I5: quer DI:zer EU:... TI:VE:... RE:sultado:

S2: hum

I5: por:que/ É: : ver:DADE qui teve: VEIE: : esse ESSA: : SE-CA...

des:TRUIU:... certo:? MAIS NO OU:TRO: : A:NO tinha havisto: :

S2: [hum hum]

I5: uma safra de MEL: : eu mePRE:VE:NI: :

S2: hum hum

I5: COM:prei AIN:DA UM GAR:ro:te' quer dizer...com:prei AIN:DA:...

S2: [ah foi?]

I5: UMA JU:MEN:TA'...quer di:zer com:prei uns troço: :ZIM' quer

S2: [SIM]

I5: di:zer dessa ju:menTA já já deu duas CRIA: já vendeu um burro por

TRIN:TA tem um outro qui eu num DOU: : por QUA:REN:TA' e

ainda tem uma SE:mentezinha de ga:do e foi DI:vi:DO: AS: A:BEIA: :'

por:que: : no an-ante das a:beia...TO:DO ANO eu tinha que IR AO

SUL: :

S2: ah foi'

I5: era SE-SE:TE MÊS LÁ OI:TO' NO:VE' quer dizer PAS:SA:VA

a PRE:CISÃO EU: :... LÁ...porque o ganho também num era essa

COI:SA'... O CA:BA ganhar um SALARO PRA: : CO:mer e man:dar

pra FA:mia sofria todos DOI: :sofria () eu trabalhei

S2: [hum hum]

I5: na casa DE:LE:aí um uma mu-MULHER chegou e disse É SEU () o

senhor mal:tratava muito a sua MU:lher... EU: ATÉ fiquei assim olhando

PRA: : cara DELA' O SE:nhor SE LEM:BRA DA:QUE:LA:?' tu mal

tratava muito sua mulher' EU digo POR CAU:SA: DE QUÊ? porque

TU IA SIM:bora pro sul e ela ficava com (aquelas criança sozinha) e eu

digo num só foi (dever meu) FOI DE MUI:TOS...muitos:

PAI DE FA:MIA:

S2: [foi mesmo']

I5: quer dizer HO:je já faz... uma BAR:RA de VIN:TE A:NO qui eu nunca

mais fui viver no sul: :'

S2: Há quanto tempo o senhor não vai no sul?

I5: ham?

S2: quant/

I5: [faz uma BASE DOS VIN:TE ANO

S2: e o senhor cria A:belha HÁ: vin:TE A:NOS:?

I5: não' quero DIZER qui num num crio/ vim membora pra casa né?

S2: sei

I5: e a DE:pois já FAZ uma BAR:RA AS:SIM DOS : : DEZ: : A:NO QUI

EU CRIO A:BELHA'

S2: então o senhor já tem resultado com A:belha HÁ DEZ ANO?

I5: É... já cum DEZ ANO de de CRIA:ÇÃO: qui já me A:costumei qui

num: ...

S2: [sei

I5: (vou meio fraco) mas a:gora se Deus quiser vou ca ca/ tô esperan:DO

QUI VAI RE:CU:PERAR: :

S2: [(também acho)

I5: agora é verdade qui quando o caba pega a:quele trocaduzim E:LE....

SE:GURE em ou:TRA COI:SA: : porque se vier uns (contratempo)

MAIS ELE JÁ: : TÁ:... FIR:mado:' NÉ?

S2: E: : :/

I5: [[dev/

S2: diga outra coisa'

I5: quer DI:zer eu tô: A:chan:do que a Deus: : querer a criação de A:belha

É BOA'... e é como seu LUIS ES:tava falan:do AQUI: : e

(a troca de inverno) tem VEZ: : QUI: : o CA:marada: DIZ: EU:

I5: NUN:CA LHE vi: num é? e disse que era de vim TEM:po:’ que A:TÊ:

AS : PE:DRA SE EN:CONTRAVA e as PE:DRA SOMO

NÓS MES:MO...NÉ? as pe:dra somos nós mesmo qui

S2: [certo] [hum]

I5: tem vez qui: é: o povo diz com:panheiro MAS: RAPAZ tan:ta GEN:TE

BO:A qui tinha no mei : do MUN:DO e tudo des:prezado CADA UM:

POR: SI: a falta mermo da:QUELE DITA:DO QUI O PO:VO DIZ: :’

cada um por si e Deus fi-(ficava) por nós TO:DOS: : e graças

A DEUS: : hoje a gente se

S2: [hum]

I5: encon:tra com GEN:TE DE CAM:PINA’...cum gen:te DE: DE: DE

DE SÃO: PAU:LO:’ ...DE TO:DA par:te DO MUN:DO: NÉ:?’

S2: e o senhor acha bom ISSO:?’

I5: EU A:CHO:

S2: e isso traz alg/ al:guma:/ isso traz alguma... coisa... BOA...

I5: [num tra/] [É: :]

S2: pro senhor?

I5: É: : coisa boa porque o o pro:BLEMA (é rapaz) que eu eu eu ten-tenho

DIS:GOS:TO: É porque TEM MUITA reunião’ e eu num posso ir por

causa DE: DE um A:PER:to uma DO:ENÇA: POR: CAUSA DE:

(alguma coisa) quando PER:DE UMA: REU:NIÃO: : a: : gente perdeu

UM: : :... UMA: COI:SA QUI: : ele fica NA:quela LEM: :BRAN:ÇA:’...

I5: quando PASSA você diz mas rapaz eu num participei daquela

RE:U:NIÃO É: : é: : BOA'

S2: [hum...E: : QUAL: OSEU NO:ME?

I6: meu nome é A.

S2: A....(repete o nome de I6)) você também cria A:belha A.?

I6: ((silêncio))

S2: e você teve algum RE:sulTADO:

I6: [crio só A:BELHA

S2: você É: do sítio TAM:BÉM? e qual é o sítio?

I6: [Olho d'Água

S2: ah do (olho d'Água) AH' vocês são do mesmo/ o senhor é

FI:LHO DE:LE?

I5: É:... filho meu'

S2: ah' sim' então VOCÊS CRIAM JUN:TOS? NÉ? e você teve algum

resul:TA:DO: OU: : o resultado FOI SÓ DO SEU PAI?

I5: ((risos))

S2: só ELE ficou com garro: :te

I6: [É: :ficou()

S2: ficou sem NA:DA OU: : TE:ve AL:guma VAN:ta:gem: :? ((risos))

I6: AÍ: : SO:bre ISSO: : AÍ É: : : a gente cria jun:to É DI:vidido no MEI: :

S2: aí (vocês divide)

I6: aí o resultado é TU:DO:... junto... porque CRI:A: JUN:to NÉ:?

S2: tá legal'

I6: A:GO:RA se ES:TRA:GOU: A:TO:A' É: QUI num TEM NA:DA PRA
A:PRE:SENTAR:' (risos) SÓ SE: :/

S2: [e você continua IN:DO pra SÃO
PAU: :LO? OU JÁ FOI?

I6: [NÃO: :...graças a Deus eu nun:ca fui:: e TEM FÉ em
Deus de nun:ca IR: :'

S2: hum

I6: o cara que cria a:belha (risos) como eu tem: : que ser: :...

S2: tá legal

I6: tem que se segurar por aí: : mesmo'

S2: mas tem algum RE:sultado qui foi ASSIM: : PRA: VO: :CÊ?

I6: teve te: :ve... já a adquiri: :' tantas COI:SA JÁ... só cum MEL:'

S2: hum hum' QUI BOM'

I6: só qui num É TO:DA VI:DA É: : DE: A:NO EM A:NO... só é
SA:FRA: DE MEL: : DE A:NO EM A:NO'

S2: hum hum

I6: QUAN:DO: pe:ga umA:NO: BOM: :'?... muita: : FLO:RA:DA tem
bastante MEL: quando pega um A:NO fraco DE IN:VER:NO: '
tam:BÉM O MEL É: BAI:XA:'

S2: e você acha qui vale a PENA CRI:AR: A:BELHA?...MES:MO

ASSIM: : SÓ DAN:DO DE ANO EM A:NO:?' mesmo assim vale a
PENA?

I6: mesmo assim va:LE A PE:NA A:go:ra: :/

S2: [por:QUÊ?

I6: por:que... a A:BELha É UMA COISA: : QUI A: GEN:TE... SÓ: :

abasta ter o CUI:da:do pra QUE... ELE A:jude a pes:soa:’

S2: [e: :]

I6: teve o CUI:dado COM E:LA: :’... ela vai trabalhar pra gente:’ A:GORA

se des:prezar num TEM num tem’ NUM TEM BOM: :’

S2: hum hum’ TÁ LEGAL’ e você não teve MEDO’ de começar a criar

abelha NÃO? porque a maioria dos A:gricul:TOR: TEM’ NÉ?

I6: NÃO: : :num tive medo NÃO’ qui É: : :/

S2: [acho qui...deu pra EN:frentar?

I6: DEU: :... em TI:RAR: ESSE MEL: MESMO: JÁ LE:vei trin:ta:

FER:RU:ADA: : e NUM: : larguei NÃO: ((risos)) TRIN:TA SÓ

VOAN:DO:... eu digo EU TÔ AQUI: : (mei) doido

S2: [porque qui você A:cha qui vocês

en:frentaro e os OU:TRO NÃO: :?....

I6: [ham?]

S2: qual é a diferença de vocês pros outros? por:que vocês enfrentaro a

criação e os OUTROS NÃO?

I6: BOM aí: : quem FAZ: : É: : o: : QUE:RER: :... então a PESSOA:

QUER: : UMA COI:SA:... quer mesmo: a:go:ra quem: : vai ali sem: :

IN:teresse: : num vai A: : fren:te:’

I5: É pro:que: :... o: : ca:so da gen:te EN:frenTAR: : () tar:’

é porque AS:SOM:BRO: : É MUITO MAIS QUI QUI a

I5: FER:RUA:DA: EU: : MER:MO A: PRI:MEI:RA PES:SOA:’ qui me
 chamou pra EU: criar a:belha foi FOI: (Amador) seu Pedro vamos criar
 a:belha: eu num QUE:ro NÃO (major) A:quilo FAZ ME: :DO:’ outro
 DI:zia tu ma:ta MA:TA GA:DO’ MA:TA IS:SO’ MA:TA A:QUI:LO’ É
 UM IN:SETO: É aquilol OU:tro:’...mas AÍ eu chegava noutro CAN:TO
 outro DI:zia ou:tro me (assombrava) a mulher lá emcasa TAM:BÉM:’
 num queria nem ver FA:LAR:’

I2: POR:QUE: QUI O SENHOR CO:ME:ÇOU:’?

I5: OI?

S2: como É QUI FOI seu começo?

I5: a: aí eu fui PAR:ticipan:do da RE:U:NI:ÃO: : e E:LA vendo a:quela/
 CHICO ISSO É NEGOÇO DE DOI:DO:’ e LÁ: VAI: LÁ trabalhei o
 o primeiro A:NO quando foi no se:GUN:DO A:NO:’... eu TI:REI:’
 TREZENTO: E TRIN:TA E: : QUATRO: : LITRO DE MEL:’ AÍ:
 E:LA já ficou MAIS: : :

S2: tre:zentos e trin:ta: : :’?

I5: SIM... TRE:ZENTOS E TRIN:TA’

S2: quantas CAIXAS?

I5: () dezenove’

S2: DEZENOVE?

I5: dezenove...quando eu tirei TRE:zentos e TRINTA litro de MEL qui
 en:chi um TAM:BOR DE DU:ZENTOS LI:TRO:’ E: : COMecei a
 vender MEL: : e ccomer MEL:’ E LÁ VAI: :’ e E:LA:...disse

I5: e o negócio A:qui/ POR: :QUE TEM GEN:TE QUI: SÓ: A:credita no
que vê: :

S2: [É: : :

I5: AIN:DA BEM QUI: :.../ AÍ QUER di:zer qui EU TAM:BÉM: : tinha
MEDO DIS:SO' aí: SEU LU:IS: ficou como a história da do do JU:IZ:'
com a viúva aí seu Luís ficou AH: SEU PEDRO: EU NUM PO:DIA
LHE: DAR UMA MÃO' e eu NUM: : : A: : PERTO QUI: SÓ O
SEN:HOR VEN:DO:'

S2: hum hum

I5: e seu Luís ficou qui nem a história DA VIÚ:VA... MAIS O JUIZ...EU:
que:ria lhe di:ZER: TÁ SEU PE:DRO' EU NUM eu se se eu pudesse
lhe dar AS: MÃO: : ' A: MÃO qui podia lhe: dar era se o
senhor EN:FREN:TASSE A: questão de a:beia: :... aí eu FUI in:do:/
QUAL É A MÃO: : : você vai lá 'pra casa pra nós: : fazer CA:CHO:' aí: :
eu FUI: Fazen: :do CA:CHO:' fui PAR:ticipan:do FU:mo: cortar
PAU NA MA: :TA' BU:tar pra SER:RA:RIA:... ia Fazen::do
OU:TRA: : : AÍ: :... graças a Deus ATÉ HOJE' (mermo de fraco) mais
GRA:ÇAS A: DEUS:' qui deixou a gente A:PRU:MA:DO () e
A: :nimo MAIS: : OS OUTROS:' é porque tem UM: UM: ()
é mei: : AS:SIM' MEI DES:SANIMADOZIM: : :

S2:

[SIM?]

I5: ELE SÓ: SE: A:nima MAIS: :? QUAN:DO E:LE VÊ: O: MEL: E:LE:
 SE: : A:NIMA MAIS UM POUQUIM: : MAS SEM: :PRE: POR ALI: :
 COM um A:GRA:DOZIM: VAI: :? E OS OU:TRO TOM: :BÉM SÓ: :
 NUM: :

S2: [ham]

I5: CRI:A: porque ELE: tem/ num tem me:DO é por:que: E:LES NUM
 PAR:ticipa de REU:NIÃO:” pra ver a con:versa do PO:VO:?”

S2: você acha se par:ticipASSE: : ELES/

I5: [se ele PAR:ti:ciPASSE: : ele ele CRIA:va
 TAM:BÉM qui num é bi:cho de seTE CA:beça

S2: [hum]

I5: criar abeia: :?”

S2: certo

I5: AGORA eu A:chava DIFÍci: :?”

((fim da entrevista))

FO2AM3: vide FO2AM1.

S2: vide FO2AM1.

I7: sexo masculino, apicultor, grau de instrução desconhecido.

Desenvolvimento

S2: seu J.P. e o SENHOR como é que o senhor começou a CRIAR: :

hein? por quê? O SENHOR num tinha MEDO NÃO?

I7: ah ra:paz/

S2: a MU:lher também num DI:zia qui er/ num dizia qui era aquela

LOU:cura' ou era DI:ferente a HIS:tória ((risos)) na casa do senhor

I7: quando a: gente começa a criar A:belha parece qui todo apilcultores

parec/ to:DOS SÃO: AS:SIM:' eu SEI que a: : / lá em CASA a

ex-expressão era desse mesmo JEI:to NÉ? É a mesma COISA QUEM

PRImeiro ERA con:tra er-era mi-minha famia TO:DINHA: :? ... mu:lher

e fi:lho...IS:SO É: : AR:RUMAÇÃO de qu/ gente DOIDO CRI:AR:

A:BEIA: :... UMA PES:TE QUI MA:TA qui MATA ANIMAL MATA

GENTE' MATA TUDO' CRIAR UMA PES:TE DESSA EM CASA?

TÁ: perdendo o JUÍZO:' ((risos))

S2: E AÍ QUE QUI FOI: :? como é QUI el / E:LES HO:JE que: : qui

eles a:cham?

I7: ho-hoje eles DIZ AH: :/ primeiro quan: :do é: : as:sim (quando eles tão mole já faz um melzim) NÉ? AÍ tem MEL: :aí fica TO:DO: MUN:DO A:NI:MADO' NÉ? porque SA:be qui ten:do MEL: : tem o dinhei/ a gente tem o dinheiro da FÊ:RA num vai TRA:BAIÁ

S2: [AH: : :]

I7: A:luga:do num VAI PE:DIR A NIN:GUÉM: : ' NÉ:?

S2: [hum: :

I7: fi:ca to:DO MUNDO: A:nimado: : NÉ:?

S2: então foi isso que fez: eles mu:DAR:?

I7: FOI: : quando viro: : passar uma enxame DE:LA: : TÁ PAS:SANDO UMA EN:XA:ME DE ABEIA: : '(risos) TÁ (pebado) SÓ que essa é totalmente DI:ferente: NÉ?

S2: [É: :]

I7: por:que naquele TEM:po qui desa-de:SA:nimava: : hoje: : A:nimo NÉ?

S2: hum (vozes no ambiente)

I7: todo mundo A:cha que criar: :A:beia é NE:goço de: de: (perigo) ninguém É: : ()

S2: É: : ... E ELES TAM:BÉM: TÃO CRIAN: :DO OU NÃO: : ...ES:SES OU:TRO?

I7: NÃO...por:que meus MI:NI:NO: : TODO E: -ELES TEM TEM UMA PRO:fissão: : NÉ? qui qui/ dá pra IR ES:capando NÉ?

S2: [é verdade]

I7: aí num DÁ PRA CRIAR BI: :CHO:?

S2: é

I7: eles são MA:cineiro né TRABAIA OU:tro TEM...tra:baia em: :

JOÃO PESSOA tem lá uma OFI:CINAZINHA: : num gosta (de tá
trabalhando criando abelha) NÉ

S2: entendi'

I7: num tão morando MAIS: EU NÃO: : : ' ((risos))

S2: legal:... só isso'

((corte na fita))